



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

GLEISON COSTA DOS SANTOS

FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA NOS CURSOS DE
DOUTORADO DO PPGM/UFPB E DO PPGMUS/UFBA:

diretrizes, perspectivas e experiências formativas

JOÃO PESSOA/PB

2025

GLEISON COSTA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA NOS CURSOS DE
DOUTORADO DO PPGM/UFPB E DO PPGMUS/UFBA:**

diretrizes, perspectivas e experiências formativas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de concentração Educação Musical, linha de pesquisa: processos e práticas educativo-musicais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida.

Coorientador: Prof. Dr. Jean Joubert Freitas Mendes.

JOÃO PESSOA/PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237f Santos, Gleison Costa dos.

Formação de pesquisadores(as) em música nos cursos de doutorado do PPGM/UFPB e do PPGMUS/UFBA : diretrizes, perspectivas e experiências formativas / Gleison Costa dos Santos. - João Pessoa, 2025.
157 f. : il.

Orientação: Cristiane Maria Galdino de Almeida.
Coorientação: Jean Joubert Freitas Mendes.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCTA.

1. Música - Formação de pesquisadores(as). 2. Doutorado em música. 3. Pós-Graduação - Stricto Sensu. I. Almeida, Cristiane Maria Galdino de. II. Mendes, Jean Joubert Freitas. III. Título.

UFPB/BC

CDU 78:378.22(043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

DEFESA DE TESE

**Título da Tese: FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA NOS CURSOS
DE DOUTORADO DO PPGM/UFPB E DO PPGMUS/UFBA:
diretrizes, perspectivas e experiências formativas**

Doutorando(a): GLEISON COSTA DOS SANTOS

Tese aprovada pela Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
CRISTIANE MARIA GALDINO DE ALMEIDA
Data: 24/05/2025 07:33:54-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. CRISTIANE MARIA GALDINO DE ALMEIDA
Orientadora/UFPE/UFPB



Documento assinado digitalmente
JEAN JOUBERT FREITAS MENDES
Data: 27/05/2025 09:36:34-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JEAN JOUBERT FREITAS MENDES
Coorientador/UFRN



Documento assinado digitalmente
FABIO HENRIQUE GOMES RIBEIRO
Data: 26/05/2025 16:00:35-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. FABIO HENRIQUE GOMES RIBEIRO
Membro Interno do Programa/UFPB



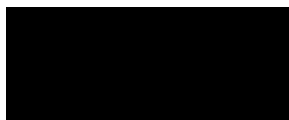
Documento assinado digitalmente
LUIS RICARDO SILVA QUEIROZ
Data: 26/05/2025 16:11:41-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. LUIS RICARDO SILVA QUEIROZ
Membro Interno do Programa/UFPB



Documento assinado digitalmente
MARIO ANDRE WANDERLEY OLIVEIRA
Data: 26/05/2025 15:36:31-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. MÁRIO ANDRÉ WANDERLEY OLIVEIRA
Membro Externo ao Programa/UFRN



Dra. ROSALÍA TREJO LEÓN
Membro Externo ao Programa/UAEH

João Pessoa, 12 de maio de 2025

Dedico este trabalho a Deus por poder estar vivo e por me permitir chegar até aqui para alcançar essa conquista em minha trajetória acadêmica. Sem Deus eu nada seria. À minha família, em especial, à minha mãe, à minha avó (*in memoriam*) e à minha esposa, por serem suporte e porto seguro em momentos que precisei durante todo o percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por estar comigo em todos os momentos de provação e por me possibilitar esta tão sonhada conquista. Obrigado, Deus!

À minha orientadora, Cristiane Maria Galdino de Almeida, por toda a sua paciência, parceria e gentileza durante a construção deste trabalho. Pode ter certeza de que todo seu apoio foi importante para minha formação! Nunca esquecerei toda sua flexibilidade!

Ao meu coorientador, Jean Joubert Freitas Mendes, por todo o suporte e por estar comigo em todos os momentos de minha trajetória acadêmica. Agradeço, ainda, por todos os seus conselhos, mas, em especial, um deles: “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” (risos). Desde a graduação estive sempre comigo, se tornando um grande amigo. De fato, vencemos! Gratidão! Você foi e é bastante importante para mim! Tamo junto sempre!

À banca examinadora, composta pela Professora Dra. Rosalía Trejo León, Professor Dr. Mário André Wanderley Oliveira, Professor Dr. Fábio Henrique Ribeiro e Professor Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz, pela leitura e pelo cuidado nas sugestões e contribuições para esta tese que, sem dúvida, foram fundamentais para a consolidação deste trabalho.

À minha família, em especial, à minha mãe, à minha avó (vovó, seu neto venceu, viu? Deu tudo certo! Agora sou “dotô”! A senhora faz muita falta! Tenho muita saudade! Mas saiba que a senhora foi e sempre será uma das pessoas mais importantes da minha vida, que me ensinou muito e foi responsável por eu ter chegado até aqui e por eu ser quem sou hoje. Sei que, de onde estiver, está feliz! Obrigado, Vovó!) e à minha esposa. O apoio de vocês foi fundamental para que eu pudesse passar por todas as adversidades e poder vencer mais essa etapa! Gratidão!

À minha mãe, Selma, por sempre me incentivar em todos os momentos até agora! Agradeço por todas suas orações e força para que eu pudesse chegar até aqui! A senhora é muito importante para mim!

À Juliana Nogueira, por ser minha leitora oficial e me apoiar e incentivar nessa reta final! Sua ajuda foi essencial para que eu pudesse continuar minha jornada e chegar até aqui! Você é muito especial para mim!

A Maurício Eslabão, por estar comigo em muitos momentos (começando pelo Namus, né?), desde quando ingressei no curso. Você também foi fundamental para essa conquista, meu amigo! Tamo junto sempre! Forte abraço!

À Ingrid e Larissa, por todo suporte, apoio, conselhos, confiança e motivação durante esse período, estando comigo em momentos difíceis de ansiedade e medo. Vocês duas foram fundamentais para a minha vida e para que eu pudesse chegar até aqui! Acho que todo mundo deveria ter Ingrid e Larissas em suas vidas! A vocês, minha gratidão!

À Caligia e Luciano, por todo incentivo, motivação e por sempre estarem comigo! É uma amizade de 12 anos! Passa rápido, né? Vocês foram e são fundamentais para que eu pudesse alcançar essa conquista! Do 07, 10/29 e da UFRN para a vida! A vocês, minha gratidão!

Ao grande mestre Ailson Saraiva, meu eterno professor de bateria, que viu naquele menino de 13 anos todo potencial que nem eu mesmo sabia que tinha. Obrigado por acreditar em mim e por sempre me incentivar, meu amigo! Todos os seus ensinamentos foram essenciais para mim! Se hoje cheguei aqui, pode ter certeza de que você tem uma participação fundamental nesse percurso. Sempre serei grato a você, mestre! Você é e sempre será importante para mim! Um forte abraço!

Aos professores e professoras e técnicos-administrativos do PPGM/UFPB por, em algum momento, contribuírem com minha formação.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, pelo incentivo em minha qualificação profissional, que foi de suma importância para a conclusão desta etapa em minha trajetória acadêmico-profissional!

Enfim, a todos e todas que, em algum momento, puderam contribuir para que eu pudesse crescer enquanto pessoa, ser humano e professor!

É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar (Freire, 2023, p. 213).

RESUMO

Este trabalho teve como enfoque temático a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música, considerando as nuances do contexto da pós-graduação *stricto sensu*. O objetivo geral desta tese foi compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) nos cursos de doutorado em música do PPGM/UFPB e do PPMUS/UFBA, a partir das perspectivas de doutorandos(as), das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com os documentos mais amplos que norteiam o cenário da pós-graduação *stricto sensu* no país. O referencial teórico teve como principais autores Bourdieu (2004), com o conceito de campo científico, e Mills (2009), com a perspectiva do artesanato intelectual, que me ajudaram a tecer reflexões fundamentais para o entendimento do fenômeno da formação de pesquisadores(as) em música. A abordagem metodológica escolhida foi a qualitativa, o que possibilitou utilizar entrevista semiestruturada e pesquisa documental como instrumento de construção de dados. Como procedimento analítico, me inspirei na proposta de análise de conteúdo – AC (Bardin, 1977; Bauer, 2015), através de categorias, com unidades de análise e análise documental. Os(as) colaboradores(as) da pesquisa foram cinco doutorandos(as), três do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM/UFPB), e dois do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia (PPGMUS/UFBA). Foi possível perceber que as perspectivas dos(as) entrevistados(as) pareceram distantes dos documentos analisados, no sentido do contexto e da realidade de formação dos(as) estudantes. Há proximidades entre os documentos e o que foi falado pelos(as) discentes, considerando a capacidade de desenvolvimento crítico-reflexivo. Outro aspecto importante foi a percepção sobre pesquisa e ser pesquisador(a) em música, que permeou aspectos vinculados a uma definição mais clara sobre o que é pesquisa, processo criativo, vinculação entre a escuta musical e a prática de pesquisa e o contexto sociocultural em que o(a) pesquisador(a) está inserido ao realizar sua investigação. Outro ponto fundamental está nas estratégias de formação, assim como questões pessoais e de saúde que interferiam em suas trajetórias, e, ainda, a percepção sobre tecnologia e inovação, destacando elementos da produção científica em música para a sociedade.

Palavras-chave: Formação de pesquisadores(as) em música; Pós-Graduação *Stricto Sensu*; Doutorado em Música.

ABSTRACT

This study focuses on the training of researchers in doctoral music programs, considering the nuances of Brazil's *stricto sensu* postgraduate education context. The main objective of this thesis was to understand how the training of researchers has been taking place in the doctoral programs in music at PPGM/UFPB and PPGMUS/UFBA, based on the perspectives of doctoral students, the guidelines and propositions of the programs, and the field's dialogue with broader national documents that guide postgraduate education. The theoretical framework draws primarily on Bourdieu (2004), with his concept of the scientific field, and Mills (2009), with the notion of intellectual craftsmanship—both of whom contributed significantly to critical reflections on the phenomenon of researcher training in music. A qualitative methodological approach was adopted, employing semi-structured interviews and document analysis as data collection instruments. For data analysis, the study was guided by content analysis (Bardin, 1977; Bauer, 2015), using thematic categories, analytical units, and document analysis procedures. The participants of the study were five doctoral students—three from the Graduate Program in Music at the Federal University of Paraíba (PPGM/UFPB), and two from the Graduate Program in Music at the Federal University of Bahia (PPGMUS/UFBA). The findings suggest that the students' narratives often appeared disconnected from the institutional documents, especially regarding the practical realities of their educational experiences. Nonetheless, some convergence was observed, particularly in relation to the students' critical and reflective capacities. Another relevant aspect identified was the perception of research and of being a researcher in music, encompassing a clearer understanding of what constitutes research, the creative process, the link between musical listening and research practice, and the sociocultural context in which the researcher is embedded. Additionally, the study highlighted key training strategies, personal and health-related challenges encountered by the students, and their perceptions of technology and innovation, all of which underscore the broader contributions of scientific research in music to society.

Keywords: Training of researchers in music; *Stricto Sensu* Postgraduate Studies; Doctorate in Music.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos(as) entrevistados(as).....	51
Quadro 2 – Sequência de realização das entrevistas.....	55
Quadro 3 – Categorias para análise.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
ABET	Associação Brasileira de Etnomusicologia
ABRAPEM	Associação Brasileira de Performance Musical
AC	Análise de Conteúdo
ANPPOM	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
Café	Comunidade Acadêmica Federada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCTA	Centro de Comunicação, Turismo, Letras e Artes
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
Dr.	Doutor
Dr ^a	Doutora
GRUMUS	Grupo de Estudos e Pesquisa em Música
PPGM	Programa de Pós-Graduação em Música
PPGMUS	Programa de Pós-Graduação em Música
PNPG	Plano Nacional de Pós-Graduação
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
IA	Inteligência Artificial
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SIMPOM	Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	REVISÃO DE LITERATURA E CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	17
1.1.2	Objetivos e estrutura da tese.....	22
2	A PÓS-GRADUAÇÃO COMO CAMPO DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA: CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES TEÓRICAS.....	25
2.1	O CAMPO CIENTÍFICO E O ARTESANATO INTELECTUAL: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA.....	25
2.1.1	O campo científico de Bourdieu.....	25
2.1.2	O artesanato intelectual de Mills.....	33
2.1.3	Algumas reflexões sobre a formação de pesquisadores(as) a partir da pesquisa em música.....	40
3	METODOLOGIA DA PESQUISA EM MÚSICA: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DA TESE.....	45
3.1	A CONSTRUÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	46
3.1.1	Caracterização do PPGM/UFPB, do PPGMUS/UFBA e dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.....	48
3.1.2	PPGM/UFPB.....	48
3.1.3	PPGMUS/UFBA.....	50
3.1.4	Caracterização dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.....	51
3.1.5	Procedimentos éticos da pesquisa.....	52
3.1.6	Entrevista semiestruturada.....	54
3.1.7	Pesquisa documental.....	60
3.1.8	Procedimento de análise de dados.....	61
3.1.9	Reflexões gerais a partir da construção da tese.....	64
4	FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS EM CURSOS DE DOUTORADO EM MÚSICA DO PPGM/UFPB E DO PPGM/UFBA.....	66

4.1	CONCEPÇÕES SOBRE PESQUISA E SER PESQUISADOR(A) EM MÚSICA.....	66
4.1.1	Definição e delimitação sobre o que é pesquisa e ser pesquisador(a) em música.....	66
4.1.2	Área de música como campo científico.....	78
4.2	ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO E AUTONOMIA.....	81
4.2.1	Processos formais de formação.....	82
4.2.2	Autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento das pesquisas.....	97
4.3	O IMPACTO DAS CONDIÇÕES EXTERNAS NA FORMAÇÃO.....	104
4.3.1	O efeito da pandemia na formação e nas interações acadêmicas.....	105
4.3.2	Questões pessoais que interferem na trajetória de formação.....	111
4.4	INTEGRAÇÃO COM AS POLÍTICAS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO.....	117
4.4.1	Alinhamento dos cursos com as políticas nacionais de pesquisa e inovação.....	117
4.4.2	A contribuição das pesquisas em música para o cenário científico mais amplo.....	122
4.5	A RELAÇÃO COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.....	126
4.5.1	A interdisciplinaridade e a adaptação de metodologias investigativas de outras áreas nas pesquisas em música.....	126
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	137
	APÊNDICE A – E-MAIL ENCAMINHADO AOS(ÀS) DOUTORANDOS(AS).....	146
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	147
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	149
	ANEXO A – ANUÊNCIA DA UFPB.....	154
	ANEXO B – ANUÊNCIA DA UFBA.....	155
	ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO.....	156

1 INTRODUÇÃO

O enfoque temático deste trabalho foi a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em Música, considerando as nuances do contexto da pós-graduação *stricto sensu*. É um tema que permeia o campo da educação superior, abordando perspectivas sobre o processo formativo de doutorandos(as) em Música. Assim, o debate sobre essa temática vem se consolidando em áreas como Educação, Sociologia etc., o que faz com que seja possível ter um panorama a respeito de uma preocupação com essa esfera educacional, seja em nível de mestrado ou de doutorado. Nessa perspectiva, considero que estudar a formação de pesquisadores(as) na área de Música é significativo para que possamos avançar em debates na cena da produção de conhecimento e pós-graduação.

Ao olhar para a atual conjuntura da área de Música, a partir da cena da pós-graduação e da pesquisa, assim como da literatura especializada, é possível visualizar a produção de conhecimento através de subáreas como Etnomusicologia, Musicologia, Educação Musical, Performance Musical, Composição, entre outras. Nesse cenário, compreender como a formação de pesquisadores(as) acontece, na tentativa de entender o espaço institucional para o percurso formativo de mestres(as) e doutores(as), justifica-se no sentido de que, dessa forma, será possível ter um panorama de como a produção de conhecimento novo será constituído, pois tais sujeitos serão responsáveis pela continuidade do que já vem sendo desenvolvido e pelo avanço e consolidação da música enquanto área de conhecimento.

A educação musical, campo que lida com diversas formas e espaços de se ensinar e aprender música, teve ressonância, como contribuição, a partir da realização desta pesquisa, para uma nova maneira de se olhar para a formação em música — assunto mais geral desta tese — considerando a esfera da educação superior, onde está a pós-graduação *stricto sensu*. Com isso, a produção de pesquisa em educação musical também poderá ser ainda mais difundida, a partir das perspectivas dos(as) doutorandos(as) e de seus olhares e fazeres em pesquisa, já que uma das subáreas aqui abordadas foi a educação musical.

Desse modo, o objetivo geral desta tese foi compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) nos cursos de doutorado em Música do PPGM/UFPB e do PPMUS/UFBA, a partir das perspectivas de doutorandos(as), das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com os documentos mais amplos que norteiam o cenário da pós-graduação *stricto sensu* no país. O referencial teórico desta tese de doutorado teve como base fundamental Bourdieu (2004), com o conceito de campo científico, e Mills (2009), com a

perspectiva do artesanato intelectual, que me auxiliou a tecer reflexões fundamentais para uma compreensão do fenômeno da formação de pesquisadores(as) em música.

Para a metodologia do estudo desenvolvido, escolhi a abordagem qualitativa de pesquisa, o que viabilizou utilizar entrevista semiestruturada e pesquisa documental como instrumento de construção de dados. Como procedimento analítico, me inspirei na proposta de análise de conteúdo – AC (Bardin, 1977; Bauer, 2015), através de categorias, com unidades de análise e análise documental. Os(as) colaboradores(as) da pesquisa foram cinco doutorandos(as), três do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM/UFPB), e dois do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia (PPGMUS/UFBA).

Considerando as perspectivas dos(as) entrevistados(as), pude perceber um aparente distanciamento dos documentos analisados, no que se refere ao contexto e a realidade de formação dos(as) estudantes. Ademais, foi possível identificar proximidades entre os documentos e o que foi falado pelos(as) doutorandos(as), como, por exemplo, a capacidade de desenvolvimento crítico-reflexivo. Um outro elemento importante foi a perspectiva sobre pesquisa e ser pesquisador(a) em música, que contemplou aspectos relacionados a uma definição mais clara sobre o que é pesquisa, assim como processo criativo, vinculação entre escuta musical e a prática de pesquisa e o contexto sociocultural em que o(a) pesquisador(a) está inserido ao desenvolver sua investigação.

Dessa forma, foi significativo perceber reflexões e experiências sobre estratégias de formação, bem como perspectivas e dinâmicas pessoais e de saúde que interferiram as trajetórias dos(as) doutorandos(as), e, ainda, a percepção sobre tecnologia e inovação, sobretudo acerca de elementos da produção científica em música para a sociedade.

Acredito que o estudo realizado nesta tese contribuiu com outros trabalhos no sentido de que, através desta pesquisa, outros estudos poderão ser realizados, de modo a difundir ainda mais o tema de formação de pesquisadores(as) em música, sendo uma forma de ampliar os horizontes e olhares sobre como acontece o processo de formação em pesquisa em outras Instituições e Programas de Pós-Graduação em Música do Brasil. Dessa forma, a continuidade dos estudos decorrentes desta pesquisa pode expandir o conhecimento acerca do tema aqui abordado, inclusive como uma forma de difundir os estudos sobre formação de pesquisadores(as) sob o viés de outras subáreas da música.

1.1 REVISÃO DE LITERATURA E CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Desde a graduação, a partir da participação em diversos projetos vinculados ao tripé universitário, venho buscando compreender mais sobre processos de realização e produção de pesquisa científica. Isso porque, durante minha trajetória no Curso de Licenciatura em Música, participei do GRUMUS (Grupo de Estudos e Pesquisa em Música) da UFRN, o que proporcionou aguçar minha curiosidade sobre o campo científico, sobretudo aquele vinculado à Educação Musical. Considerando minhas primeiras publicações em anais de eventos e tendo em vista que estava em um momento definidor de minha carreira acadêmica com a escolha do tema de pesquisa para realização de minha monografia, busquei refletir sobre o que poderia ser produzido como trabalho monográfico.

Levando em conta meu interesse pelo campo da pesquisa e da produção científica, percebi que analisar trabalhos diversos dentro da educação musical seria uma tentativa de compreender o que se tinha produzido até o momento. A ideia centrou-se na compreensão e análise das publicações em anais de eventos dos(as) alunos(as) de mestrado da linha de pesquisa “Processos e dimensões da formação em Música”, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGMUS/UFRN), dos anos de 2013 a 2015. Esse trabalho monográfico proporcionou um entendimento sobre o que vinha sendo produzido, de modo que eu pudesse perceber as tendências, características e impactos de tal produção.

Logo, minha inquietação continuou, o que me fez participar de projetos de monitoria na disciplina de “Metodologia da pesquisa em Música”, bem como ministrando uma oficina sobre iniciação à produção de artigos e relatos de experiência para alunos(as) da graduação em música. Tais experiências, sobretudo àquela vinculada ao trabalho monográfico, me fizeram ter um *insight* para o que eu viria realizar no Curso de Mestrado em Música. Esse *insight* me permitiu, através dos resultados da monografia, perceber que a produção dos alunos de mestrado estava diretamente relacionada à sua formação, o que me motivou a querer compreender como se dá o processo de quem faz pesquisa, ou seja, o processo de formação de pesquisadores em música. Tal inquietação me levou a produzir uma dissertação que buscou compreender, com a realização de um estudo de caso, como se dá a formação de pesquisadores a partir de vivências de alunos de mestrado dos Programas de Pós-Graduação em Música da UFRN e UFPB.

Minha trajetória no mestrado, embora mais curta, mas com um aprofundamento de conhecimento maior em relação ao apreendido na graduação, me fez ser mais crítico, ter um

olhar mais minucioso para as coisas, na tentativa de estranhar o que me era familiar e me familiarizar ao que me era estranho. Na docência assistida (ou estágio docência), também fiz questão de trabalhar na disciplina de “Metodologia da pesquisa em Música”, levando em conta a ligação com a pesquisa realizada no mestrado, bem como toda a minha trajetória acadêmica.

Nesse sentido, minha motivação parte do princípio da tentativa de me aprofundar ainda mais sobre os saberes da produção de pesquisa vinculados à formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música, o que me possibilitou obter um maior conhecimento nas diversas frentes ao realizar uma pesquisa dessa natureza em meu doutoramento. Considero relevante a realização deste estudo, pois, com esta pesquisa, poderemos vislumbrar avanços no que diz respeito a esfera da pós-graduação *stricto sensu*, sobretudo em cursos de doutorado — foco deste trabalho, evidenciando a importância da produção de conhecimento novo.

Os textos aqui apresentados nesta revisão de literatura foram selecionados a partir de banco de dados, como *Scielo - Scientific Electronic Library Online*, plataforma *Cafe - Comunidade Acadêmica Federada*, por meio dos periódicos CAPES, banco de teses e dissertações da CAPES, bem como em periódicos da área de Música, tais como a Revista *Opus*, da ANPPOM, Revista *Per Musi*, Revista da ABEM e de áreas afins, como na Revista Brasileira de Pós-Graduação e Revista Brasileira de Educação, assim como anais de congressos da ANPPOM, da ABEM e do SIMPOM e em mecanismos de busca mais gerais, como o Google Acadêmico.

As palavras-chave utilizadas para as buscas foram “formação de pesquisadores”, “formação de pesquisadores em música”, “pesquisa em música”, “pós-graduação”, “pós-graduação no Brasil”, “pós-graduação em música”, “produção de conhecimento em música”, “grupos de pesquisa” e “doutorado em música”.

Ao olhar para a literatura especializada na área de música, foi possível identificar trabalhos com perspectivas voltadas para a produção científica, a partir de diversas subáreas, o que, notadamente, demonstra uma preocupação com o conhecimento produzido, como nos escritos de Tomás (2015; 2020), em que a autora realizou um estado da arte sobre a produção de conhecimento em música no Brasil. Pensando em uma perspectiva mais abrangente sobre pós-graduação, identifiquei alguns trabalhos que contemplam esse tema, a partir das publicações de Lühning *et al.* (2018), de um estudo que buscou traçar relações entre a formação obtida no PPGMUS/UFBA e atuação profissional de egressos(as); Nunes (2018) e Fagerlande (2018), que compuseram uma mesa redonda para discutir o cenário da pós-graduação em música no Brasil, em que o primeiro texto tratou sobre o futuro da pós-graduação brasileira a

partir da *e-learning*, e o segundo discutiu a pós-graduação *stricto sensu* na perspectiva dos cursos profissionais.

Nesse sentido, de forma mais específica, identifiquei textos na Educação Musical, como os trabalhos de Fernandes (2006; 2007); Beineke; Souza (1998), com levantamento de teses e dissertações; Del Ben (2003; 2007; 2010); Bellochio (2003), lançando um olhar para a pesquisa e produção científica em Educação Musical; Del-Ben (2014), em uma perspectiva sobre a produção de conhecimento em Educação Musical no cenário da ciência, tecnologia e inovação, e Souza (2020), que, através de um ensaio, buscou defender a Educação Musical como campo científico.

As subáreas de Performance Musical e Etnomusicologia também têm se preocupado em como está a produção de pesquisa em música, considerando as suas especificidades. Em Etnomusicologia, encontrei textos de Queiroz (2005; 2006) e Lühning (2014), que buscaram abordar perspectivas a partir de temáticas emergentes, assim como aspectos de metodologia de pesquisa que permeiam a prática investigativa nesta subárea.

Já na subárea de performance musical, tal aspecto de produção de conhecimento foi possível de ser constatado nos trabalhos de Santiago (2007), traçando um olhar para a pesquisa na subárea de performance musical e sua inter-relação com a pedagogia da performance musical; Borém e Ray (2012), através de um levantamento sobre a pesquisa em tal subárea. Outros trabalhos que evidenciam essa preocupação são possíveis de serem identificados a partir de Barrenechea (2003) e Correia (2015), pois buscaram analisar o estado da produção de conhecimento em performance musical.

Pensando em uma abordagem sobre o ensino superior em música, é possível encontrar, ainda, ao menos dois textos que tratam especificamente sobre isso, notoriamente nos trabalhos de Galízia (2014; 2018), em que, no primeiro, o autor traz um levantamento da produção sobre a temática a partir da revista da ABEM e, no segundo, de forma mais específica, traça uma relação entre a docência e a pesquisa, através de duas perspectivas que permeiam o ensino superior e a formação em música. Um outro texto, ainda mais recente, é o de Queiroz (2023), que aborda aspectos sobre a pesquisa em música, desde dimensões históricas até o debate sobre o atual cenário da produção de conhecimento na área no Brasil. Tal texto foi importante para me ajudar a refletir sobre a pesquisa e a pós-graduação em música, de modo a pensar sobre implicações na formação de pesquisadores(as).

Especificamente sobre formação de pesquisadores(as) em música, ainda são poucos os trabalhos que têm essa temática como eixo. Isso porque encontrei, no cenário nacional, os

escritos de Trejo León (2016) e Souza e Trejo León (2018), a partir de um recorte de tese, publicados antes e depois da publicização de sua pesquisa de doutorado, assim como os de Santos e Mendes (2017a; 2017b; 2018; 2019a; 2019b), com recortes de dissertação, publicados durante e depois da publicização de sua pesquisa de mestrado.

Nesse sentido, um caminho possível para pensar esta formação como uma consequência de atuação profissional a partir de um curso de doutorado, é a sociologia das profissões, termo utilizado por Couto (2018), apoiada em outros autores, para embasar questões de sua tese. Em uma das partes de seu trabalho, a autora reflete, por exemplo, que “[...] interessava saber como aquilo que eles definem para si como conhecimento se constrói e se modifica de acordo com suas diferentes relações dentro do espaço profissional da pós-graduação” (Couto, 2018, p. 24). Contudo, mesmo havendo certa proximidade com minha pesquisa, há uma diferença, no sentido de que minha tese consistiu em compreender como se dá a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música, considerando, sobretudo, o processo dentro deste espaço institucionalizado para a produção de pesquisa.

Um outro trabalho que trata sobre a formação em pesquisa na pós-graduação é o das autoras Freitas e Souza (2018, p. 125), que, embora não seja especificamente direcionado à área de música, buscou discutir “as relações entre pesquisa, formação e produção de conhecimento presentes no trabalho de orientação, nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*”. As análises tecidas no trabalho das autoras tiveram como base programas de pós-graduação, ao nível de mestrado e doutorado, em Educação, Educação Musical e Psicologia, no período de 1995 a 2017.

Em um cenário da literatura internacional, pude encontrar alguns textos que tratam sobre temáticas voltadas para a “pesquisa em música”, “doutorado profissional em música”, “relação de pesquisadores(as) e seus engajamentos musicais” e que, de modo geral, trazem inter-relações em um contexto de formação de pesquisadores(as) em música. Dentro desse espectro, é possível elencar trabalhos de autores como Draper e Harrison (2011; 2013), em que, em um de seus estudos, abordaram a formação em pesquisa artística em música, buscando traçar uma relação entre pedagogia, pós-graduação e prática profissional. Já em trabalho posterior, o enfoque esteve em estudar um curso de doutorado profissional em música, na *Queensland Conservatorium Griffith University*.

Um outro trabalho importante para esta revisão, mas já voltado para a subárea de educação musical, é o do autor Paney (2011), que trata sobre a relação entre pesquisadores(as) em música e professores(as) da área, no sentido do acesso dos(as) educadores(as) musicais à

pesquisa em música. Mesmo sendo um texto publicado há 14 (quatorze) anos, traz uma perspectiva ainda persistente em nossa área, ou seja, a dicotomia entre teoria e prática – neste caso, práticas de pesquisa e práticas pedagógicas. Nas palavras do autor, “apesar do fato de que a pesquisa em educação musical é publicada várias vezes por ano em vários periódicos, uma lacuna de comunicação entre pesquisadores de música e professores de música continua a existir”¹ (Paney, 2011, p. 38, tradução nossa). Isso nos revela um olhar significativo como uma forma de alerta sobre as práticas de pesquisa de educadores(as) musicais em relação ao conhecimento que é produzido em música e, mais especificamente, em educação musical.

Em uma outra perspectiva de estudo e levantamento, Wöllner; Ginsborg; Williamon (2011) buscaram fazer uma relação entre produção de pesquisa e engajamento musical. Segundo os autores, o trabalho teve como princípio “[...] contextualizar e refletir sobre a pesquisa em música, de modo a [...] explorar a formação musical, o nível atual de engajamento musical e os hábitos de escuta dos pesquisadores da música”² (Wöllner; Ginsborg; Williamon, 2011, p. 364, tradução nossa).

Em nível de pós-graduação *stricto sensu*, a quantidade de trabalhos diminui. Isso porque, ao revisar a literatura nacional sobre a temática formação de pesquisadores em música, encontrei o trabalho de Trejo León (2017) e Santos (2018), tese e dissertação, respectivamente. O trabalho de Trejo León (2017) “[...] trata da formação e da preparação para a pesquisa em educação musical a partir de olhares de estudantes brasileiros egressos de mestrados acadêmicos de programas de pós-graduação em música” (Trejo León, 2017, p. 18). Já minha dissertação teve como objetivo “compreender e refletir como se dá o processo de formação de pesquisadores a partir das vivências formativas de mestrados do PPGMUS e PPGM da UFRN e da UFPB” (Santos, 2018, p. 19).

Outro aspecto importante que me inspirou a realizar esta pesquisa, me ajudando a construir o seu problema foi de que

[o]s elementos que contribuem para a formação dos entrevistados estão ligados, fundamentalmente, à maneira como as disciplinas foram conduzidas bem como em outras ações que estão, intrinsecamente, relacionadas, como as abordagens dos professores que orientam os alunos. Dessa maneira, a formação no Mestrado não se dá, única e exclusivamente, através de disciplinas – que têm papel importante –, mas também através de atividades

¹ Despite the fact that music education research is published several times each year in multiple journals, a communication gap between music researchers and music teachers continues to exist (Paney, 2011, p. 38).

² In order to contextualize and reflect upon research in music, this study explores the musical background, current level of musical engagement and the listening habits of music researchers (Wöllner; Ginsborg; Williamon, 2011, p. 364).

em Grupos de Pesquisa, de participação em eventos científicos, na escrita de trabalhos acadêmicos, apresentação de seminários bem como na relação com o orientador (Santos, 2018, p. 117).

Embora os objetivos dos trabalhos citados anteriormente sejam semelhantes, justamente pela temática aqui proposta, o que pretendi neste estudo se diferenciou no sentido de que busquei, agora, uma continuidade e um aprofundamento dos estudos anteriores, na perspectiva de entender o fenômeno da formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música no viés dos(as) discentes e em diretrizes mais amplas que configuram os perfis dos programas de pós-graduação, ou seja, como funcionam as engrenagens ou as estratégias de formação nesse cenário. Portanto, este trabalho configurou-se de forma distinta, aprofundando-se em outros aspectos em relação aos já realizados pela área em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

Nesse sentido, é possível afirmar que o campo temático sobre o qual está a formação de pesquisadores(as) em música ainda é emergente, mesmo diante da preocupação da área com tal contexto de investigação. Contudo, ainda sendo um tema emergente, tem potencial para ser mais explorado e difundido, no sentido de conhecermos como tem se configurado a formação de pesquisadores(as) na área de música e os anseios dos(as) estudantes deste nível acadêmico.

Desse modo, o problema de pesquisa para esta tese teve como pergunta central: Como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) nos cursos de doutorado em música do PPGM/UFPB e do PPMUS/UFBA, a partir das perspectivas de doutorandos(as), das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com os documentos mais amplos que norteiam o cenário da pós-graduação *stricto sensu* no país?

1.1.2 Objetivos e estrutura da tese

Considerando o processo de construção do problema de pesquisa deste trabalho, os objetivos aqui dispostos, geral e específicos, foram delineados a partir do desenvolvimento da pesquisa e do fenômeno estudado. Assim sendo, o objetivo geral desta tese foi compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) nos cursos de doutorado em música do PPGM/UFPB e do PPMUS/UFBA, a partir das perspectivas de doutorandos(as), das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com os documentos mais amplos que norteiam o cenário da pós-graduação *stricto sensu* no país.

Para alcançar tal objetivo, tracei os objetivos específicos, que estão dispostos com a seguinte redação: **1)** Compreender o processo de realização de pesquisa em música

desenvolvidas pelos(as) doutorandos(as), considerando o processo de ida ao campo, de escrita, leitura, orientação, qualificação e defesa; **2)** Identificar quais elementos, na perspectiva dos(as) discentes, são essenciais para a aprendizagem da pesquisa em música; **3)** Compreender como os(as) doutorandos(as) organizam o processo de investigação científica em música; **4)** Compreender como os(as) discentes articulam os conhecimentos que aprendem sobre investigação científica na aplicação de suas pesquisas; **5)** Identificar quais as estratégias de formação de pesquisadores(as) têm sido desenvolvidas pelos cursos de doutorado em música no NE; **6)** Verificar de que forma as estratégias de formação de pesquisadores(as) desenvolvidas pelos cursos se articulam com as políticas mais amplas de formação de pesquisadores(as) no cenário da ciência, tecnologia e inovação no país.

Este trabalho de tese está estruturado em 5 capítulos, considerando introdução e considerações finais. Desse modo, o segundo capítulo, intitulado “A pós-graduação como campo de formação de pesquisadores(as) em música: considerações e reflexões teóricas”, teve como base a construção de reflexões sobre a formação de pesquisadores(as) em música, partindo de discussões e perspectivas do referencial teórico proposto para esta tese, fundamentada em Bourdieu (2004), com o conceito de campo científico, e Mills (2009), com a perspectiva do artesanato intelectual. Para concluir o capítulo, foram realizadas algumas reflexões sobre a formação de pesquisadores(as) a partir da pesquisa em música — assim como um conceito mais amplo de pesquisa científica, construindo um diálogo com alguns autores, como Queiroz (2023), Souza (2022) e Cook (2006).

Já no terceiro capítulo, “Metodologia da pesquisa em música: caminhos percorridos para a construção da tese”, apresento a metodologia deste trabalho, de forma reflexiva, onde busquei evidenciar alguns aspectos que foram fundamentais para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa, sejam esses “acertos” e/ou “erros” (entraves metodológicos). Dessa forma, meu objetivo é apresentar alguns pontos reflexivos que me ajudaram chegar até aqui e que, em certa medida, acredito, possam contribuir para outras pessoas que decidirem trilhar um caminho metodológico semelhante. Apresento, ainda, o quadro teórico e a estrutura da metodologia utilizada para o fenômeno estudado.

O capítulo 4, intitulado “Formação de pesquisadores e pesquisadoras em cursos de doutorado em música do PPGM/UFPB e do PPGMUS/UFBA”, refere-se a análise de dados, que foram construídos e analisados através de análise categorial temática inspirada na proposta metodológica de análise de conteúdo (AC), a partir da categorização de entrevistas semiestruturadas, análise documental sobre as proposições dos programas, juntamente com o

cruzamento de dados considerando a literatura especializada sobre formação de pesquisadores(as), pós-graduação, produção de conhecimento, e evidenciado através dos autores do referencial teórico desta tese: Bourdieu (2004) e Mills (2009).

As considerações finais revelam que o fenômeno estudado aponta para diversas possibilidades de formação na ambiência da pós-graduação em música, sobretudo nos cursos de doutorado do PPGM/UFPB e do PPGMUS/UFBA. Foi possível, portanto, compreender que a formação de pesquisadores(as) em música, a partir das perspectivas das experiências de cinco doutorandos(as), é contemplada por uma conjuntura diversa e singular, considerando aspectos formativos permeados por olhares diversos para a pesquisa em música, assim como uma humanidade e um olhar para si, no sentido do cuidado com seus limites, de modo a produzir uma tese de forma saudável e leve.

2 A PÓS-GRADUAÇÃO COMO CAMPO DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA: CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, apresento o referencial teórico desta tese. As discussões e reflexões teóricas, nesse sentido, estão apoiadas nos conceitos de campo científico (Bourdieu, 2004) e artesanato intelectual (Mills, 2009), que me ajudaram a pensar a formação de pesquisadores(as) em música. Além disso, pude tecer diálogos a partir dos escritos de Cook (2006), Queiroz (2023) e Souza (2020) sobre tal formação com base em definições mais amplas sobre pesquisa científica e, de forma mais específica, sobre pesquisa em música.

2.1 O CAMPO CIENTÍFICO E O ARTESANATO INTELECTUAL: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) EM MÚSICA

Neste tópico, apresento os principais conceitos teóricos que embasaram esta tese. Assim, reflito sobre as ideias de campo científico (Bourdieu, 2004) e artesanato intelectual (Mills, 2009), ao passo que faço uma articulação e teço diálogos com escritos mais recentes das áreas de Sociologia e Educação, que reforçam os conceitos dos autores e a relevância de suas obras para pensar a pesquisa e a formação de pesquisadores(as) na contemporaneidade. Ao final, faço uma breve reflexão sobre a formação de pesquisadores(as) a partir da pesquisa em música, onde apresento a definição de pesquisador(a) em música, com base nas discussões teóricas.

As reflexões realizadas a partir do referencial teórico foram fundamentais para o entendimento da formação de pesquisadores(as) dentro do espaço institucionalizado da pós-graduação, com base na ideia de campo científico — através do capital científico institucionalizado e do capital científico puro — assim como em uma perspectiva formativa voltada para o artesanato intelectual, em que o sujeito é forjado em si mesmo e desenvolve diversas habilidades a partir de seu próprio percurso formativo e do desenvolvimento de sua pesquisa, considerando a prática de um ofício intelectual.

2.1.1 O campo científico de Bourdieu

O campo científico auxilia a compreender o fenômeno da formação de pesquisadores(as) em música a partir de um espaço institucionalizado, que é a pós-graduação,

compreendido como um espaço de lutas e de disputas de poderes. Pensar a área e, consequentemente, os cursos e programas de doutoramento em música como campo, através da perspectiva de Bourdieu (2004), é ter a possibilidade de enxergar os tipos de capital imbuídos na ambiência da pós-graduação *stricto sensu*, de modo a perceber as nuances de formação e produção de conhecimento de forma sistemática, como o fazer pesquisa exige — dentro de um rigor científico —, característico desse espaço.

Acredito que as ideias de Bourdieu (2004), de forma geral, estejam limitadas pela temporalidade em que foram escritas e pensadas. A percepção de um campo autônomo, por exemplo, talvez não seja mais cabível ou não faça tanto sentido com as questões da contemporaneidade no debate sobre produção de conhecimento. Isso porque pensar em uma perspectiva decolonial e diversa na pesquisa em música (Queiroz, 2023), é acreditar em um conhecimento que se complemente, que seja compartilhado e, portanto, interdependente, capaz de criar camadas diversas entre si nos mais variados temas transversais, como meio ambiente, questões de saúde pública, de políticas públicas, dentre outras, seja na Música, Educação, Sociologia, Antropologia etc.

Contudo, as perspectivas de Bourdieu (2004), especificamente sobre campo científico, através do capital científico institucionalizado e capital científico puro, foram fundamentais para que eu pudesse tecer reflexões sobre os dados analisados nesta pesquisa de doutorado. Além disso, porém, é possível ter outras visões, no sentido de abrir os horizontes para perspectivas que fomentem a inventividade, inovação e a criatividade dos pesquisadores em formação, estimulando suas autonomias e maneiras de lidar com as normas institucionais, prezando por uma produção de conhecimento em rede, de forma coletiva e colaborativa, através de uma comunidade científica.

A noção de campo científico vem sendo difundida por trabalhos que refletem a relevância deste conceito dentro da Sociologia e da Educação. Isso porque é possível perceber diálogos e aproximações com as ideias de Bourdieu (2004) a partir de sua representatividade, o que demonstra a reverberação de suas perspectivas ainda na contemporaneidade. Tal fato se faz claro a exemplo dos trabalhos de Volpato (2019); Lopes e Almeida (2024); Ferreira e Oliveira (2015); Hoffmann, Costa e Valle (2019); Oliveira e Silva (2022); e Pires (2022), que reforçam a ideia de campo científico para refletir a produção de conhecimento, pesquisa científica e a formação de pesquisadores(as).

Sob perspectivas diversas, estes trabalhos utilizam Bourdieu como referencial teórico para poder pensar sobre os conceitos do autor, sobretudo o de campo científico, em espaços e

situações variadas, seja na universidade ou na escola de educação básica. Além disso, há ainda a linha que busca compreender a concepção de Sociologia de Bourdieu a partir de seus primeiros anos de sua atuação profissional (Oliveira e Silva, 2022).

Hoffmann, Costa e Valle (2019) buscaram traçar aproximações através de uma transversalidade entre Pierre Bourdieu e Ludwik Fleck, considerando o campo científico e a produção de conhecimento, mesmo esses teóricos sendo de épocas, contextos e formação diferentes. Tal transversalidade evidencia também divergências, mas, sobretudo, convergência nos modos de pensar a pesquisa científica, seja através do conceito de campo científico, de Bourdieu, ou da ideia de estilo de pensamento e coletivo de pensamento. Isso porque os dois teóricos da Sociologia são críticos da visão positivista de pesquisa e acreditam, segundo, Hoffman Costa e Valle (2019), em uma produção de conhecimento coletiva.

Mesmo os autores sendo de épocas, contextos e áreas de formação diferentes, há muito em comum quando se trata da produção do conhecimento científico. Foi possível realizar uma transversalidade, no sentido de que os autores se cruzam por determinados conceitos, principalmente aos aspectos relacionados ao conhecimento científico, como algo social e não isolado, que faça parte de um coletivo (Hoffman; Costa; Valle, 2019, p. 299-300).

Dessa forma, é relevante refletir sobre aspectos da produção de conhecimento dentro de um campo científico, de modo a estabelecer conexões coletivas, assim como aborda e enfatiza Bourdieu (2004). Isso porque, assim, poderemos tecer debates que legitimem questões importantes da sociedade e, de forma mais específica, para a comunidade brasileira.

O trabalho de Pires (2022), por exemplo, trata sobre alguns conceitos relevantes para a análise da formação de pesquisadores face o campo da Política Educacional, como os de campo, *habitus* e capital científico. Dentro desse cenário, a autora afirma que “[m]uitos pesquisadores da área da Educação têm se apropriado da teoria de Bourdieu como fundamentação teórica das suas investigações” (Pires, 2022, p. 3). Com isso, o trabalho da autora reforça a utilização das ideias de Pierre Bourdieu como referencial teórico para analisar a formação de pesquisadores no campo da Educação.

Ao pensar sobre o Brasil de maneira mais geral, Lopes e Almeida (2024) refletiram sobre o campo científico no país e sua estruturação, tomando como base as perspectivas de Bourdieu. Os autores enfatizam as desigualdades entre as regiões do país no que se refere a produção de conhecimento científico e a acessibilidade deste.

O campo científico brasileiro é constituído de um campo de luta, no qual os agentes que compõem o território do país buscam por legitimidade científica na estrutura do campo. Esse campo de luta faz com que a base técnico-científica do país se concentre nas regiões Sul e Sudeste, enquanto as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte são consideradas, em termos gerais, periféricas na produção científica e na estrutura do campo científico brasileiro, consequentemente enfrentam entraves no reconhecimento da legitimidade científica e no acesso aos capitais disponíveis no campo (Lopes; Almeida, 2024).

Nesse cenário, acredito que é fundamental considerar a época, o contexto e as nuances socioculturais para tecer reflexões sobre determinado assunto, problema ou prática social. No entanto, me parece que discutir o campo científico dentro de uma perspectiva de formação de pesquisadores(as) e de produção de conhecimento é algo contemporâneo e urgente, considerando as tensões, conflitos e campos de lutas e disputas simbólicas de poder, seja no âmbito institucional universitário, através de Programas de Pós-Graduação ou de uma comunidade científica mais ampla, a partir da representação dos pares em diversas áreas do conhecimento.

Isto posto, tais escritos dialogam com a perspectiva teórica desta tese ao reforçar que, mesmo décadas depois, as ideias de Bourdieu, de maneira geral, assim como o conceito do autor sobre campo científico, de forma mais específica, ainda são difundidos na contemporaneidade, o que demonstra sua relevância e representatividade face a produção de conhecimento.

A partir desse debate, acredito que ter um motivo pessoal por si só já é um fator preponderante para pensar em temáticas que possam contribuir com a área, a partir de um esforço e um engajamento coletivo no processo de formação de pesquisadores, numa tentativa de criar estratégias que possibilitem tal ação, entendendo a pesquisa e a produção de conhecimento como uma prática social, através de um campo científico. Nesse sentido, ao refletir sobre o desenvolvimento de nossas próprias pesquisas, acredito que seja relevante não banalizar os temas que escolhemos pesquisar. Ou seja, no sentido de que não se torne “moda” tratar sobre temáticas emergentes que são fundamentalmente importantes, apenas porque outras pessoas já estão produzindo ou porque são impostas.

Dentro da discussão sobre campo científico, há de notar os escritos de Bourdieu (1983, 2004), ao tratar sobre esse conceito de forma mais específica. A ideia de campo científico é notadamente abordada por Bourdieu (1983, 2004) a partir de duas espécies de capital, chamados de capital científico institucionalizado e de capital científico puro. Para o primeiro, assim como a própria noção de campo, está a estrutura das relações objetivas, que é preponderante para que os diferentes agentes que fazem parte dela possam ter a dimensão do que podem ou não fazer.

É por meio das “relações objetivas entre os diferentes agentes”, então, que emerge os “princípios do campo” (Bourdieu, 2004, p. 23-24). Tal concepção tem a ver com um posicionamento e um lugar de onde o sujeito fala, ou seja, de qual campo está se referindo enquanto acadêmico.

De tal modo, diferentemente do capital científico puro, Bourdieu (2004) explana que o capital científico institucionalizado é semelhante, no que se refere às regras, a outras espécies burocráticas de capital, mesmo que, em algumas situações, tais dimensões burocráticas sejam assumidas por uma aparência mais pura em pleitos e certames, como acontece em concursos, que estão um pouco mais perto de um pré-ajuste, a partir de uma definição de acordo com o candidato que se pretende. Ou seja, o autor, ao definir o capital científico institucionalizado, reflete que

[é] certamente nas operações de cooptação, que visam perpetuar o corpo de pesquisadores, que o conflito entre os dois princípios se faz mais visível: os detentores do capital científico institucionalizado tendem a organizar os procedimentos – os concursos, por exemplo – segundo a lógica da nomeação burocrática, enquanto os detentores do capital científico “puro” tendem a situar-se na lógica “carismática” do “inventor” (Bourdieu, 2004, p. 37).

Nesse sentido, é significativo refletir que tal conflito acontece, pois esse corpo de pesquisadores está em divergência de espaço, isto é, de posicionamento perante o âmbito institucional. Enquanto há uns preocupados em organizar e estabelecer critérios e procedimentos para realização de concursos, editais de pesquisa, numa esfera mais burocrática, outros estão na dimensão de um estado mais puro de ser pesquisador, engajados com uma perspectiva de ser alguém que inventa. Em outro momento, Bourdieu (1983) tece uma análise sobre o que chama de aspirações ou ambições científicas. Para Bourdieu, é segundo

uma lógica muitas vezes observada, as aspirações – o que chamamos muitas vezes de “ambições científicas” – são tanto mais altas quanto o capital de reconhecimento é elevado: a posse do capital que o sistema escolar confere, sob a forma de um título raro, desde o começo da carreira científica, implica e supõe – através de mediações complexas – a busca de objetivos elevados, socialmente desejados e garantidos por esse título (1983, p. 13).

Dessa maneira, é possível encontrar dilemas e lutas institucionais dentro de um processo de formação de pesquisadores(as) e de uma comunidade científica. Isso tem a ver com a forma de se perceber as relações de poder e os títulos que são precisos para se obter um êxito na carreira científica, através de um título. É importante refletir, então, sobre estudantes de

doutorado que estão em fase de conclusão de curso, ao passo em que terão de ter ou buscar ter um jogo de cintura em relação aos poderes simbólicos imbuídos no âmbito institucional que, em certa medida, afastam o saber puro dos conhecimentos obtidos no processo de doutoramento. Isso posto, Bourdieu (1983) reflete que

à medida que o título, enquanto capital escolar reconvertível em capital universitário e científico, encerra uma trajetória provável, ele comanda, por meio das “aspirações razoáveis” que ele autoriza, toda a relação com a carreira científica – escolha dos assuntos mais ou menos “ambiciosos”, uma maior ou menor produtividade etc. De maneira que o efeito do prestígio das instituições não se exerce somente de maneira direta, “contaminando” o julgamento das capacidades científicas manifestadas na quantidade e na qualidade dos trabalhos ou de maneira indireta, por meio de contatos com os mestres mais prestigiados que a elevada origem escolar garante (frequentemente associada a uma elevada origem social), mas ainda pela mediação da “causalidade do provável”, isto é, pela virtude das aspirações que autorizam e que favorecem as chances objetivas (poderíamos fazer observações análogas a respeito dos efeitos da origem social para títulos escolares de origem semelhantes) (p. 14).

Assim, para além de títulos e ambições dentro da carreira científica, acredito ser preponderante relacionar a trajetória acadêmico-científica com o entusiasmo de poder compartilhar conhecimento com a comunidade. O reconhecimento e validação dos pares perante os trabalhos desenvolvidos, assim como as habilidades apreendidas, são fundamentais nesse processo. Contudo, mais do que isso, talvez seja necessária uma articulação com o engajamento coletivo dentro da produção de conhecimento, de modo a tecer diálogos práticos e efetivos com a sociedade.

Um título não poderia representar uma pessoa somente por um papel que a autoriza ou a habilita a algo, mas fazer com que ela, a partir dessa condição institucional, pudesse difundir, de maneira pura e genuína, o saber apreendido durante sua formação, independentemente da razão social. Estou a falar sobre o impacto social das pesquisas e a relevância qualitativa para com as pessoas, lidando de forma diplomática com as regulações institucionais, de modo a contribuir com a razão de ser da pesquisa: produzir conhecimento novo.

Olhar para o capital científico puro é perceber a força, a autonomia e o engajamento que os jovens pesquisadores em música podem ter, a partir de suas criatividade e potenciais que ultrapassem a lógica burocrática de quem detém o poder institucional, prezando pela qualidade na formação e na produção de conhecimento. Como aponta Bourdieu (2004), quanto mais autônomo se é, mais há chance de ampliar o lugar de fala e ter um posicionamento que ultrapasse a esfera teórico-burocrática e passe para uma dimensão efetivamente prática.

No contexto da pesquisa em música e da formação de pesquisadores(as), acredito que é importante saber lidar com as normas e regras institucionais, pois a sociedade como um todo é regida por regras. No entanto, ampliar a visão e ser um agente engajado para com a área de música, é entrar nesse campo de lutas e disputas, de modo a buscar por um conhecimento que tenha uma repercussão para um interesse mais abrangente da sociedade, ao considerar que músicas fazemos, ensinamos, praticamos, aprendemos, pesquisamos, investigamos, apreciamos, na medida em que o campo científico em música pode, dentro do espaço da pós-graduação, contribuir para um entendimento e uma expansão do olhar para a produção de pesquisa de forma coletiva, colaborativa e em rede.

Além disso, outras diferenças entre as duas espécies de capital científico ficam evidentes a partir de suas maneiras de transmissão, como aponta Bourdieu (2004). Para o autor,

[o] capital científico “puro”, que, fragilmente objetivado, tem qualquer coisa de impreciso e permanece relativamente indeterminado, tem sempre alguma coisa de carismático (na percepção comum está ligado à pessoa, aos seus “dons” pessoais, e não pode ser objeto de uma “portaria de nomeação”); desse aspecto, é extremamente difícil de transmitir na prática (ainda que, diferentemente do profeta, do costureiro ou do poeta, o grande pesquisador possa transmitir a parte mais formalizada de sua competência científica, mas somente por um longo e lento trabalho de formação, ou melhor, de colaboração, que leva muito tempo; e mesmo se ele pode também, como todos os detentores de capital simbólico, “consagrar” os pesquisadores, formados ou não por ele, fazendo sua reputação, assinando com eles, publicando-os, recomendando-os para as instâncias de consagração etc.) (Bourdieu, 2004, p. 36-37).

É possível destacar na citação acima que para que alguns pesquisadores possam ter uma relevância perante os pares, através de sua competência, é preciso ter uma longa e lenta trajetória de formação, embasada e forjada em função de outros pesquisadores, que possam ajudar a consagrá-los. Fica evidente que o capital científico puro, o qual deveria estar mais ligado ao processo de invenção, de engajamento, como já mencionado, parece um pouco distante, ou não o bastante, para ser considerado como uma dentre outras competências que o pesquisador deve ter, de modo que possa obter certa reputação acadêmica.

Para isso, então, é necessário “[...] reivindicar, por exemplo, que os pesquisadores estejam representados em muitas das instâncias nas quais se preparam as decisões públicas, para aí introduzir o ponto de vista da ciência” (Bourdieu, 2004, p. 76). Isso porque, de tal modo, “[...] seria preciso inventar e inovar, de tal maneira que essa maldita demanda social não possa ser definida nas nossas costas” (Bourdieu, 2004, p. 76). Receio que a demanda social não está

somente nas costas dos cientistas, mas de todo um conjunto, como os agentes políticos, através do capital político e econômico, que determina o que tem de ser feito e por quem deve ser feito. Mas concordo que tal demanda não pode, fundamentalmente, ser de responsabilidade apenas dos cientistas, uma vez que nem sempre se pode garantir um apoio efetivo no que se diz respeito a ciência e a produção de conhecimento em música, por exemplo, como já apontava Del-Ben (2014).

Todavia, quando se necessita da ciência e de quem faz pesquisa, como foi no infeliz acontecimento da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que demandou um esforço grande dos(as) profissionais da saúde e dos(as) cientistas biomédicos, por exemplo, para fazer uma vacina com eficácia relevante para combater esse vírus que, à época, era totalmente desconhecido, assim os(as) pesquisadores(as) foram reconhecidos. Então, para se exigir algo dos(as) cientistas, mesmo sendo demandas diferentes, mas cada uma com sua importância, é preciso investir em pesquisa, em educação, em cultura, em ciência, para que os(as) pesquisadores(as) possam, com qualidade e valorização, inventar e inovar de forma consistente.

Mas para inventar e inovar, é importante pensar nas temáticas que podem ser escolhidas para serem estudadas no âmbito da pós-graduação, em nível de doutorado, por exemplo. Mas como saber se, de fato, os temas que os(as) estudantes “escolhem” não são impostos por algo maior? Isso porque pensar em temas emergentes ou temáticas que estão alinhadas com as perspectivas de vida do sujeito é fundamental. Contudo, os projetos de pesquisa precisam estar de acordo com linhas de pesquisa e ajustadas com o que o programa, através de seus orientadores, estudam. Tal fato é considerado por Bourdieu (2004) como algo que só pode ser verdadeiramente compreendido a partir do momento em que

[...] o que diz ou faz um agente engajado num campo (um economista, um escritor, um artista etc.) se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos “de onde ele fala”, como dizia de modo um tanto vago por volta de 1968 – o que supõe que pudemos e soubemos fazer, previamente, o trabalho necessário para construir as relações objetivas que são constitutivas da estrutura do campo em questão – em vez de nos contentarmos em nos reportar ao lugar que supostamente ele ocupa no espaço global [...] (Bourdieu, 2004, p. 23-24).

Logo, para esta tese, as reflexões de Bourdieu (2004) sobre campo científico tem grande valia para podermos pensar sobre as instâncias institucionais e, mais especificamente, sobre as relações de disputa, poder e luta advindas do conflito entre os dois tipos de capital científico. Há de se refletir que é fundamental pensar na área de música como um campo

autônomo, em que tem suas especificidades e que pode, a partir disso, se posicionar ainda mais no âmbito da produção de conhecimento novo, de forma coletiva, especialmente pensando em estratégias para formação de novos(as) pesquisadores(as), pensando no avanço e na consolidação da área enquanto campo científico.

Isso porque a vida de um pesquisador(a) não é fácil, pois assim como aponta Bourdieu (2004), estes precisam criar estratégias individuais para não sofrerem tanto, no sentido de que a vida científica é árdua. É através do coletivo que essas estratégias podem ser mudadas, segundo o autor. Nesse sentido,

a noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. E uma das grandes questões que surgirão a propósito dos campos (ou dos subcampos) científicos será precisamente acerca do grau de autonomia que eles usufruem. Uma das diferenças relativamente simples, mas nem sempre fácil de medir, de quantificar, entre os diferentes campos científicos, isso que se chama as disciplinas, estará, de fato, em seu grau de autonomia. A mesma coisa entre as instituições (Bourdieu, 2004, p. 20-21).

Portanto, considerar o campo científico como um dos referenciais teóricos para esta tese, foi significativo para buscar reflexões e compreensões capazes de permear a esfera da pós-graduação *stricto sensu*, especialmente no sentido de poder cultivar e pensar em formas e estratégias que possam contribuir para a formação de pesquisadores(as) em nível de doutorado em música. Acredito que o capital científico institucionalizado, mesmo que esteja enraizado nas universidades, é preciso ser considerado pelos(as) pesquisadores(as) em formação para que possam lidar com as regulações estabelecidas. Assim, poderão também encontrar uma maneira de conectar suas percepções de mundo, através do capital científico puro, olhando para a diversidade da pesquisa em música, a partir das diferentes formas de olhar para o fenômeno musical, seja pela lente da Educação Musical, da Performance Musical/Execução Musical, da Composição, da Musicologia ou da Etnomusicologia.

2.1.2 O artesanato intelectual de Mills

A concepção de Mills (2009), a qual o autor chama de artesanato intelectual, está vinculada a uma prática voltada para o aperfeiçoamento de um ofício. Nesse sentido, acredito que um(a) pesquisador(a) artesão é aquele(a) que está em constante movimento para a prática

de seu ofício intelectual, como um sujeito que escreve sua tese ou algum outro tipo de trabalho acadêmico, feito a mão ou a várias mãos em uma tarefa coletiva no campo da pós-graduação. Nessa perspectiva, a partir de Mills (2009), é possível perceber que esse ofício intelectual requer um conjunto de habilidades características para um(a) jovem pesquisador(a), como a organização de um arquivo, de modo que o(a) pesquisador(a) em formação possa refletir, de forma sistemática, sobre os registros e anotações feitos durante o desenvolvimento de uma tese, por exemplo.

Embora a inteligência artificial (IA) esteja crescendo de forma potente, de modo a ganhar um espaço significativo no auxílio a estudantes para produção de seus trabalhos acadêmicos, o artesanato intelectual ainda se mostra uma possibilidade real de manejo da escrita e da reflexão de um(a) pesquisador(a) em formação. Isso porque ainda existem habilidades que, talvez, o ser humano esteja mais flexível a realizar, como: entrevista, ida ao campo, qualificação e defesa. Isso implica na própria capacidade de reflexão crítica do sujeito sobre a tese desenvolvida, o que me faz sustentar a ideia de Mills (2009) sobre o artesão intelectual, onde o sujeito constrói sua própria forma de ser pesquisador(a) e de fazer pesquisa, considerando o ofício e prática intelectuais que tal fazer exige, o que está muito além de ter um diário de escrita.

Acredito, inclusive, que quem deseja utilizar inteligência artificial, necessita ter conhecimento, enquanto pesquisador(a), para filtrar o que a IA mostra como possibilidade, de modo a usar com responsabilidade. Aí está uma diferença importante entre um(a) pesquisador(a) e uma inteligência artificial: a capacidade de transformar informação em conhecimento de forma mais acurada e atenta. Uma transcrição de entrevista, por exemplo, pode ser, sim, realizada por IA; contudo, o(a) pesquisador(a) ainda necessitará realizar ajustes, por menores que sejam, pois não há como ter certeza de que as informações transcritas das falas estão completamente corretas e contextualizadas. Nesse sentido, não tenho o objetivo de tecer um debate sobre inteligência artificial — o que pode ser realizado em pesquisas futuras — mas de apenas reforçar um dos referenciais teóricos que me apoiei para pensar e analisar os dados desta pesquisa.

Encontrei em Mills (2009) a possibilidade de pensar sobre a formação de pesquisadores(as) em música a partir do diálogo com o ser artesão, que, na visão do autor, para o ofício intelectual de um(a) jovem pesquisador(a), a experiência da vida está totalmente vinculada a experiência acadêmica. Nessa perspectiva, o artesanato intelectual está no centro do sujeito, que está envolvido pessoalmente em cada produção intelectual trabalhada durante seu percurso. Um outro ponto fundamental é a capacidade de reflexão enquanto moldada e

forjada em si mesmo como um artesão intelectual. Para tanto, é necessário, segundo o autor, manter um diário, que é o que muitos dos escritores criativos fazem, pois a área da sociologia em que o pesquisador está exige uma reflexão sistemática (Mills, 2009).

Assim como as ideias de Bourdieu, a perspectiva de Mills também reverbera na contemporaneidade, tendo em vista alguns trabalhos que destaquei e que dialogam com a vertente teórica desta tese. O artesanato intelectual ressoa em trabalhos recentes, publicados na última década, como os de Schweig e Oliveira (2024), Barbosa (2020) e Costa (2015).

A obra de Mills pode ser vista, a partir dos autores mencionados acima, como uma importante referência para refletir sobre a pesquisa em contextos formativos diversos. Tal fato se dá pela necessidade de olhar para fenômenos não somente sob o ponto de vista do artesanato, mas de outros, como a imaginação sociológica proposta por Mills. Tal perspectiva é abordada por Barbosa (2020) para compreender aspectos vinculados à formação de professores(as), tendo como referência o uso da imaginação sociológica como recurso metodológico para professores de sociologia. Vale ressaltar que Costa (2015) e Barbosa (2020) também fazem menção a Florestan Fernandes, sociólogo brasileiro que teve grande proximidade com os trabalhos de Mills, o que significa que sua obra já vinha sendo difundida há muitas décadas aqui no Brasil.

Fato é que, ao olhar para esses trabalhos, é possível elucidar um aspecto fundamental do artesanato intelectual: a pesquisa no processo de formação de professores(as)-pesquisadores(as) e a experiência como base importante nesse processo, algo reforçado por Schweig e Oliveira (2024) e Barbosa (2020). Segundo Schweig e Oliveira (2024, p. 5), “[i]mportantes sociólogos brasileiros, como José de Souza Martins, se utilizaram de princípios do artesanato intelectual enquanto exercício pedagógico de articulação entre teoria e prática no ensino da pesquisa”. Nessa perspectiva, fica evidente de que a indissociabilidade entre trabalho, pesquisa e vida é um eixo demasiadamente forte dentro da ideia de artesanato intelectual. Isso é corroborado ao passo em que os autores descrevem sobre suas experiências enquanto formadores(as) de professores(as) e pesquisadores(as), mas, sobretudo, quando mencionam sobre as atividades de estágio supervisionado realizadas por estudantes de graduação. Sobre isso, Schweig e Oliveira (2024) ressaltam que

[a] conexão entre pesquisa e vida, dada no cultivo da atitude de “prontidão”, que envolve o estranhamento do que parece óbvio e banal no cotidiano, pode ser compreendida como uma primeira dimensão do artesanato intelectual, cara também à aprendizagem da docência (Schweig; Oliveira, 2024, p. 5).

Com base nesse panorama, podemos refletir que, ainda em um curso de graduação, a pesquisa já é uma importante ferramenta para a formação inicial docente, pois possibilita o desenvolvimento da capacidade de ser crítico(a) e reflexivo, seja na vida ou na universidade. O ser artesão, nesse sentido, tem a ver como um(a) pesquisador(a) pode perceber a pesquisa

[...] a uma atividade ou “ofício” semelhante a um grande artesanato (intelectual), cuja tessitura, exige paciência, esforço, dedicação, organização e uma dose extra de criatividade, curiosidade e entusiasmo em relação ao conhecimento (Silva, 2013, p. 13).

A partir das proposições de Mills, Barbosa (2020) tece algumas reflexões sobre a prática cotidiana em sala de aula por parte de professores(as) de Sociologia. Tomando como base esse ofício do artesanato intelectual, é fundamental considerar o que há por perto e anotar possíveis fenômenos ainda não vistos, como foi ilustrado na citação anterior, através de paciência, curiosidade e criatividade.

Ao fazer uma crítica sobre a rigidez na utilização dos livros didáticos, muitas vezes apenas reproduzidos para os(as) estudantes em sala de aula, Barbosa (2020) considera que é significativo pensar que “ao transportar seus significados à sala de aula, deve ser preocupação do professor de Sociologia (e de todas as áreas do conhecimento) dar sentido aos conteúdos apresentados em um exercício de reflexão, de forma permanente e sistemática” (Barbosa, 2020, p. 133).

Nesse sentido, ao pensar sobre o artesanato intelectual, é possível observar que tal ideia é transversal à formação de professores(as) e de pesquisadores(as), pois tem como ponto fundante a pesquisa. Assim, é notável a utilização das ideias de Mills por diversas gerações de sociólogos e professores de Sociologia no Brasil, o que corrobora a relevância de sua obra para pensar sobre pesquisadores(as) em formação. A perspectiva de Mills (2009) é interessante, pois busca, em certa medida, humanizar mais esses procedimentos, ao passo em que possibilita o(a) jovem pesquisador(a) a ter contato com diversas outras ferramentas e habilidades que poderão ajudá-lo na condução de sua pesquisa.

Assim, a partir da visão de outros(as) autores(as) contemporâneos, se faz perceber que, dentro da cena da produção de conhecimento e, mais especificamente em Sociologia, há uma difusão da ideia de que o artesanato intelectual pode servir como base teórica para diversas perspectivas formativas, desde a educação básica até a educação superior, na ambiência da pós-graduação, como em um curso de doutorado. Uma das ferramentas a serem utilizadas pelo(a) pesquisador(a) em formação, segundo Mills (2009), é um diário de escrita intelectual, que

servirá como um arquivo para anotações advindas da experiência formativa e de vida e que poderão auxiliar em reflexões e no desenvolvimento da pesquisa.

Acredito que qualquer pessoa que almeja realizar uma pesquisa em nível de doutorado — pois necessita de um processo de leitura e escrita — poderia manter um diário de escrita e produção intelectual, como um arquivo. Tal ponto poderá auxiliar o(a) pesquisador(a) em formação a tecer suas reflexões no presente, durante o doutoramento, mas também para projetos futuros. É importante enfatizar que tal estratégia pode funcionar juntamente com o que o processo sistemático de fazer pesquisa exige, ao elaborar um projeto de pesquisa, ao realizar a pesquisa, ao ir ao campo, ao delimitar os procedimentos metodológicos e os instrumentos de construção e análise de dados, com vistas a ter a consciência de que é fundamental ter em mente o rigor científico para a produção de conhecimento novo.

Como um artesão que modela suas obras com argila e utiliza de diversas ferramentas para produzir manualmente seus produtos, assim pode ser também o pesquisador(a) em música que está em formação. Isso porque, ao utilizar diversos instrumentos, poderá ter uma visão mais próxima e acessível da sociedade, ou seja, produzindo suas obras intelectuais de modo a facilitar o entendimento e a comunicação, a partir de sua forma de se expressar através de seu trabalho intelectual.

Para Mills (2009), tanto um modo de vida quanto a de uma carreira pode ser fruto de uma escolha: o conhecimento. Dessa forma, ao passo em que trabalha para aperfeiçoar seu próprio ofício, o trabalhador intelectual tem a possibilidade de formar a si mesmo. Tal perspectiva, acredito, direciona-se para um aprendizado e uma autonomia no desenvolvimento de pesquisas em nível de doutorado, pois a formação enquanto pesquisadores(a) em música se dá ao longo da prática do próprio ofício, sendo aperfeiçoada à medida em que trabalha na realização das atividades do curso e na própria pesquisa especificamente. Isso possibilita forjar-se e potencializar suas habilidades acadêmicas enquanto se forma durante o curso.

Mills (2009) tece algumas críticas em relação a algumas práticas que acontecem no âmbito da Sociologia, no que se refere a esfera burocrática de escrita de planos e projetos, pois, de acordo com Mills (2009), é algo que está mais vinculado a pedido de recursos do que, necessariamente, com a preocupação de projetos mais genuínos voltados para um projeto a longo prazo. Nesse sentido, segundo Mills (2009),

uma das piores coisas que acontecem com cientistas sociais é que só sentem necessidade de escrever sobre seus “planos” numa única ocasião: quando vão pedir dinheiro para uma pesquisa específica, ou “um projeto”. É na forma de um pedido de recursos que se faz a maior parte do “planejamento”, ou pelo

menos se escreve cuidadosamente sobre ele. Embora esta seja a prática usual, penso que é muito ruim: está fadada em algum grau a ser publicidade de vendedor e, dadas as expectativas prevalecentes, resultará muito provavelmente em pretensões meticulosas; é provável que o projeto seja “apresentado” de uma maneira arbitrariamente “arredondada” muito antes do que deveria; é muitas vezes algo maquinado, destinado a obter o dinheiro para propósitos velados, por valiosos que sejam, bem como para a pesquisa apresentada. Um cientista social praticamente deveria rever periodicamente “o estado de meus problemas e planos (p. 21).

Tal citação se aproxima com o campo científico, através do capital científico institucionalizado (Bourdieu, 2004), pois evidencia que, mesmo em espaços acadêmicos, parece que há uma preocupação maior com a quantidade de projetos escritos e com o resultado financeiro provenientes destes, do que com a produção intelectual pautada no pensamento e na sensibilidade de efetivas contribuições práticas de tais planejamentos. Tal concepção parece suprimir a criatividade e até mesmo o ânimo por escrita dos(as) jovens pesquisadores(as), pois não têm, em teoria, em quem se inspirar. E isso faz com que, cada vez mais, os espaços de formação de pesquisadores(as) possam se tornar em ambientes isolados, em que cada um está preocupado em manter sua reputação, quando, na verdade, poderia ser uma ambiência coletiva, em que aprendem uns com os outros, conversando e ouvindo as propostas de pesquisa dos(as) colegas. Nessa perspectiva,

não sei quais são as plenas condições sociais para a melhorar produção intelectual, mas certamente cercar-se de um círculo de pessoas dispostas a ouvir e falar – e por vezes elas terão de ser personagens imaginários – é uma delas. De qualquer modo, tento me cercar de todo o ambiente pertinente – social e intelectual – que suponho ser capaz de me levar a pensar bem ao longo das linhas de meu trabalho. Esse é um sentido das observações que fiz acima sobre a fusão de vida pessoal e intelectual (Mills, 2009, p. 27).

Considero fundamental a sugestão de Mills (2009), pois, muitas vezes, são nos corredores dos departamentos, em conversas informais com colegas de doutoramento, que ideias frutíferas podem emergir, pois, ao compartilhar um pensamento e ouvir o que o(a) outro(a) pensa, pode ser um momento de explosão de ideias e reflexões, pois a pesquisa é viva, flexível. Em conversas e debates nas disciplinas cursadas, o(a) pesquisador(a) em formação também pode abrir a mente para outras possibilidades que ainda não havia pensado e que podem ajudar no andamento de sua pesquisa. Momentos de interação com o(a) orientador(a), seja em orientação individual ou coletiva — em grupos de pesquisa, por exemplo — podem ser propícios para perceber questões ainda não vistas em outras circunstâncias.

Um outro momento fundamental é a etapa de qualificação do(a) doutorando(a) em música. É durante essa oportunidade que o(a) discente poderá amadurecer ainda mais enquanto artesão intelectual. Isso porque Mills (2009) considera que existem três interlúdios importantes, que são o problema, o método e a teoria, a partir do trabalho em andamento. Nesse sentido, considerando o arquivo, ou o diário de escrita e produção intelectual, é possível ter, durante o percurso do doutoramento, rearranjos de ideias, de anotações, com vistas a um trabalho de aperfeiçoamento do ofício intelectual. Nessa perspectiva, por exemplo,

como um estudante que se prepara para o exame de qualificação escreve uma tese e, ao mesmo tempo, faz alguns trabalhos de fim de curso, seus arquivos serão arranjados nessas três áreas de esforço. Mas, após um ou dois anos de pós-graduação, você começará a reorganizar todo o arquivo em relação ao projeto principal de sua tese. Depois, à medida que desenvolver o trabalho, notará que nenhum projeto único jamais o domina, ou estabelece as categorias principais em que ele é arranjado. De fato, o uso do arquivo estimula a expansão de categorias que você usa em seu raciocínio. E o modo como essas categorias mudam, algumas sendo abandonadas e outras sendo acrescentadas, é um indicador de seu progresso e amplitude intelectual. Finalmente, os arquivos passarão a ser arranjados segundo vários grandes projetos, tendo muitos subprojetos que mudam de ano para ano (Mills, 2009, p. 23).

Será neste momento que o(a) jovem pesquisador(a) escutará vários pontos de vistas da banca, com vistas a contribuir com o avanço do trabalho até a defesa, de modo a fazer com que o estudante de doutorado reflita sobre diversos pontos que ainda não havia visualizado por estar, por vezes, demasiadamente imerso no desenvolvimento e na escrita do trabalho. Logo, é uma possibilidade concreta de amadurecimento no processo de formação de pesquisadores(as) em um curso de doutorado em música.

Mills (2009, p. 24) frisa a importância da manutenção de um arquivo, pois, segundo o autor, “[...] é produção intelectual. É um repertório sempre crescente de fatos e idéias, desde os mais vagos aos mais acabados”. Ou seja, anotar ideias, registrar reflexões, ouvir e conversar, são estratégias que podem facilmente se manter no cotidiano do(a) pesquisador(a) em formação, pois, assim, ao olhar para a dimensão vasta e diversa do fenômeno musical, e perceber que seu processo formativo pode contribuir para a produção de conhecimento novo, pode encontrar em si mesmo formas de forjar-se enquanto pesquisador(a) em música a partir de sua própria pesquisa e de sua própria experiência de vida.

Esse amadurecimento a que me referi não se resume apenas ao momento da qualificação. É um conjunto de momentos ao longo do curso que, juntos, fazem com que o(a) estudante possa, como uma culminância, seja na qualificação ou na defesa, atingir um ponto de

amadurecimento oriundo de várias oportunidades. E, com esse amadurecimento, através de sua habilidade como artesão intelectual, “[c]hega um momento no curso do seu trabalho em que você não quer mais saber de outros livros. Tudo que queria deles está registrado em suas notas e resumos [...]” (Mills, 2009, p. 31). Nessa perspectiva, tudo aquilo que foi anotado e registrado poderá ser organizado e reorganizado em novas ideias — ou o aprofundamento das já existentes — e reflexões sobre a produção intelectual em música.

Fato é que as ideias de Mills (2009) me fizeram refletir e pensar sobre uma formação de pesquisadores(as) em música voltada para a apropriação da pesquisa de forma sistemática, tendo como base diversas ferramentas e aperfeiçoamento de habilidades. Isso me ajudou a compreender que tal formação pode se dar a partir da realização das próprias pesquisas, enfatizando a reflexão e a prática de um ofício intelectual na área de música, de modo a entender que esse percurso formativo é diverso e composto por diferentes etapas e formas de se interpretar.

2.1.3 Algumas reflexões sobre a formação de pesquisadores(as) a partir da pesquisa em música

Neste tópico, busquei, de maneira mais sintética, abordar algumas reflexões como um fechamento das ideias de Bourdieu (2004) e Mills (2009), com vistas a trazer uma definição de pesquisador(a) em música, ancoradas no referencial teórico apresentado a partir desses dois autores. Mas, para tanto, evoquei alguns autores(as) da música, a exemplo de Cook (2006), Souza (2020) e Queiroz (2023) para auxiliar nas reflexões aqui realizadas, assim como uma definição mais ampla de pesquisa científica.

Nesta tese, a pesquisa é tratada como um objetivo para produzir conhecimento, com o rigor sistemático da ciência, o que reflete que o(a) ser pesquisador(a) também precisa utilizar desses mecanismos para suas reflexões e análises, abrangendo sua criatividade e engajamento inventivo. Dessa forma, inicialmente, é significativo situar o contexto de pesquisa para uma definição mais ampla que nos ajude a pensar as questões que estão presentes nos dados analisados no capítulo 4. Dessa forma, Clark e Castro (2003) definem pesquisa como

[...] um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novo conhecimento e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento preexistente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. Quem realiza a pesquisa pode, num nível mais elementar,

aprender as bases do método científico ou, num nível mais avançado, aprender refinamentos técnicos de métodos já conhecidos. A sociedade e a comunidade beneficiam-se com a aplicação do novo conhecimento gerado nos indivíduos que a compõe (p. 67).

Ao considerar essa definição de pesquisa, dialogo com Cook (2006) para elucidar sobre algumas perspectivas musicológicas e etnomusicológicas que são importantes para as reflexões aqui propostas. Segundo o autor, a musicologia precisava abrir os horizontes enquanto campo de pesquisa, partindo do pressuposto de um olhar “etno”, chamando para o debate todos os musicólogos e musicólogas que estivessem dispostos a refletir para além de uma perspectiva positivista e histórico-diacrônica da musicologia.

Mesmo considerando a perspectiva de Cook (2006) ainda em um formato disciplinar, considero que a perspectiva do autor oferece, pelo menos de maneira mais geral, uma conjuntura que permite pensar a formação de pesquisadores(as) em música de forma mais ampla, quebrando alguns paradigmas positivistas e percebendo novos horizontes formativos no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*.

Assim, entendo que pensar a formação de pesquisadores(as) em música, nesse cenário, é buscar esse olhar “etno” como uma analogia a uma contribuição para abertura de novos horizontes na pesquisa e na formação de novos(as) pesquisadores(as), considerando o rigor científico da área, com todas suas especificidades sistemáticas, mas também com um olhar sensível para a diversidade de temáticas, de manifestações musicais, a partir das nuances da realidade cultural e social na contemporaneidade.

Ao tratar sobre algumas limitações do modelo de musicologia, encontrados na pós-graduação, Cook (2006) reflete que

[o]s motivos podem ser procurados no limitado modelo de musicologia que os futuros “Novos” musicólogos encontraram na pós-graduação — limitado não apenas em termos dos repertórios considerados como apropriados para a investigação acadêmica, mas também em termos dos tipos de assunto que estavam dentro e fora dos limites (p. 9).

Pensando em termos de pós-graduação, contextualizo que a citação acima não se refere a pós-graduação atual. Contudo, mesmo o texto tendo aproximadamente 18 (dezoito) anos desde sua publicação, ainda parece recente, pois nos ajuda a pensar em uma formação em música que vá além de repertório e análise de obras e escritos musicais ou, até mesmo, restringindo-se a excertos de partituras do século XIX, por exemplo. Nesse sentido, quando me refiro a uma virada de chave da Musicologia, penso que pode ser uma ponte importante para

pensarmos em possibilidades de aberturas de horizontes e de concepções formativo-musicais em nível de doutorado. Contudo,

[...] o maior indício da virada manifesta na musicologia e o estímulo mais forte à adoção dos métodos etnográficos, encontra-se na crescente ênfase na interpretação como uma dimensão fundamental da existência da música. Para um etnomusicólogo (sobretudo aqueles com formação principalmente antropológica) pode parecer estranho pensar na música como qualquer outra coisa, mas a formulação da musicologia no século XIX, como um tipo de filologia musical, teve consequências extraordinariamente duradouras (Cook, 2006, p. 19).

Logo, pensar em um olhar “etno” para a formação de pesquisadores(as) em música, é buscar novas possibilidades de olhar para o fenômeno musical, em toda sua amplitude e potencialidades, considerando o contexto sociocultural e as especificidades investigativas da área de música. Uma concepção mais recente está nas chamadas etnociências, abordada por Queiroz (2023), que, dentre outros aspectos, está voltada para olhar a ciência numa perspectiva mais abrangente, considerando abordagens culturais, na perspectiva investigativa que, no caso da música, tem uma representação mais próxima com a etnomusicologia.

Apesar de encontrar maior representação no âmbito dos estudos etnomusicológicos, as perspectivas das etnociências influenciaram, direta ou indiretamente, outros campos da música, como as musicologias histórica e sistemática, a educação musical, a composição e a performance, que também passaram a considerar abordagens culturais como perspectiva, conceitual e investigativa, para suas pesquisas (Queiroz, 2023, p. 18).

Tais perspectivas conceituais e investigativas podem ser como uma travessia para uma quebra de paradigma em visões positivistas da investigação em música, contribuindo com novos estudos que tem como base abordagens mais voltadas para a subjetividade do fenômeno musical e preocupadas com as práticas musicais das mais diversas culturas e regiões, em um país como o Brasil, em suas dimensões continentais. Souza (2020), ao tratar sobre a Educação Musical como campo científico, aborda algumas questões nesse sentido, mesmo que de forma mais específica.

É necessário esclarecer, desde logo, que a posição que venho defendendo em relação a essa área é considerá-la como autônoma. Entendo a Educação Musical como uma área que tem sua autonomia, significando que ela não está subordinada a outras áreas do conhecimento e que pode determinar sua problemática teórica bem como definir seus interesses e ter objeto próprio (Souza, 2020, p. 15).

A autora deixa claro sua defesa em relação a educação musical, considerando a importância de ser um campo autônomo, com interesses diferentes de outras áreas do conhecimento. Para a autora, o que vem conduzindo a pesquisa em educação musical precisa voltar-se para “[...] apropriação e transmissão musical” (Souza, 2020, p. 12). Entendo como significativo estabelecer uma conexão com a pesquisa em educação musical para pensar a formação de pesquisadores(as) em música, o que me faz refletir que temos, dentro da própria Música, perspectivas semelhantes e diferentes de abordagens investigativas o que pode contribuir para a diversidade e complexidade da formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música.

Conquanto, assim como percebi limitações na perspectiva de Bourdieu (2004) sobre um campo autônomo, também vejo certa restrição nas ideias de Souza (2020). Isso porque a autora vai na contramão de um olhar mais diverso e transdisciplinar do fenômeno musical, o que acaba por restringir a educação musical, especificamente, como uma área autônoma e, portanto, independente de outros campos de conhecimento, o que não significa uma subordinação ou hierarquização de uma área para com outra. Ter uma identidade própria como um campo de conhecimento não fará com que a Música, Educação, Antropologia, Sociologia etc., se distanciem ou criem uma barreira entre si, pois o diálogo entre as áreas é fundamental para que propicie uma aproximação que transcenda uma perspectiva disciplinar. Nesse sentido, pensar a pesquisa em música é considerar sua interdependência com outras áreas, a fim de estabelecer um diálogo consistente e transversal sobre temáticas diversas que estão no centro da agenda contemporânea.

A partir das reflexões tecidas neste capítulo teórico, enfatizo que esta tese não tem objetivo de tratar sobre atuação de estudantes após a conclusão de um curso doutorado em música, ou seja, sobre espaços de atuação e possibilidades profissionais, embora entenda que tal perspectiva possa se configurar como um desmembramento para pesquisas futuras em relação ao debate aqui realizado. Destarte, o enfoque deste trabalho está para a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música, de modo a buscar compreender como acontece essa experiência formativa em um curso dessa natureza.

Nesse sentido, para esta tese, com base nas abordagens teóricas aqui apresentadas, a definição de pesquisador(a) em música está permeada por aspectos que estão diretamente vinculadas ao campo científico (Bourdieu, 2004) e ao artesanato intelectual (Mills, 2009). Ser pesquisador(a) em música, nas diversas subáreas de pesquisa (educação musical,

etnomusicologia, musicologia, composição, performance musical/execução musical etc.) é não se limitar a conhecimentos e conceitos prontos que são impostos, mas saber articular esses conhecimentos, apreendidos a partir de suas pesquisas, e expandi-los, de modo a construir e perceber outras possibilidades e formas de conhecimentos e saberes musicais, considerando o compartilhamento destes, de forma colaborativa e em rede, com o mundo como uma prática essencial, em suas perspectivas sociais e coletivas.

Portanto, considero que ser pesquisador(a) em música significa demonstrar suas habilidades apreendidas — como o rigor científico e sistemático da pesquisa em música exige —, estar preparado(a) para realizar atividades que não necessariamente teve contato de forma efetiva em sua formação (como assumir um posto de orientador(a), logo após a conclusão do curso de doutorado, o que pressupõe, ao que parece, que “apenas” o título de doutor(a) é suficiente para cumprir tal ação pedagógico-científica), construir diálogos para uma produção de conhecimento como prática social e coletiva, lidar de forma íntegra com as nuances institucionais, ser um(a) artesão/artesã, um(a) inventor(a), no estado puro de criação, de criatividade. Assim, as reflexões realizadas a partir do referencial teórico desta tese, com base em Bourdieu (2004) e Mills (2009), contribuíram para as análises dos dados apresentados e discutidos no capítulo quatro deste trabalho.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA EM MÚSICA: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DA TESE

Neste capítulo, descreverei, de forma analítica e reflexiva, sobre alguns aspectos que foram fundamentais para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa, sejam esses “acertos” e/ou “erros” (entraves metodológicos). Dessa forma, meu objetivo é apresentar alguns pontos reflexivos que me ajudaram a chegar até aqui e que, em certa medida, acredito, possam contribuir para outras pessoas que decidirem trilhar um caminho metodológico semelhante. A seguir, apresento o quadro teórico e a estrutura da metodologia utilizada para o fenômeno estudado, qual seja a “formação de pesquisadores em música”.

A abordagem de pesquisa escolhida para este estudo foi a qualitativa, por entender que tal perspectiva pôde dar um panorama e uma compreensão sobre a formação de pesquisadores(as) em música. Assim sendo, Poupart *et al.* (2012, p. 32) afirmam que a perspectiva qualitativa de pesquisa “[...] abrange uma pluralidade de pontos de vista epistemológicos e teóricos e pressupõe uma grande variedade de técnicas, sem contar com a multiplicidade dos objetos pesquisados”. Para poder entender o fenômeno da formação de pesquisadores(as) em música em cursos de doutorado, optei por um estudo qualitativo, entendendo que considerarei o(a) pesquisador(a) em formação como centro do processo investigativo desta pesquisa.

Isso porque alguns elementos devem ser levados em consideração, como as variáveis de formação em um curso de doutorado, que podem surgir nas disciplinas, no processo de orientação ou, até mesmo, na ida ao campo que pode possibilitar uma construção epistemológica não contemplada em alguma disciplina ofertada. Nesse sentido, Freire (2010, p. 14) aponta que a pesquisa qualitativa “[...] privilegia o nível subjetivo e, conseqüentemente, interpretativo da pesquisa [...]”. Essa visão subjetivista “[...] desloca o foco central da pesquisa do ‘objeto’ para o ‘sujeito’” (Freire, 2010, p. 14). Logo, tal perspectiva me possibilitou compreender o processo de aprendizagem em pesquisa por parte dos(as) doutorandos(as) em música a partir da realização de suas próprias pesquisas, evidenciando pontos como a escrita, leitura, ida ao campo, literatura utilizada, abordagens e métodos utilizados, assim como o processo de qualificação e defesa de seus trabalhos.

Os(as) colaboradores(as) desta pesquisa foram os(as) estudantes dos cursos de doutorado acadêmicos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo

essas universidades as únicas no Nordeste a ofertarem cursos de doutorado na área de música. Optei por fazer um estudo apenas junto a discentes de doutorado, tendo em vista o objetivo de aprofundamento do tema e de trabalhos anteriores a esta proposta de pesquisa.

Nesse sentido, este trabalho teve como base para a construção de dados a utilização de entrevistas semiestruturadas (Freire, 2010) e pesquisa documental (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009). Dessa forma, decidi não utilizar um método de pesquisa mais específico e explícito para este trabalho, o que me ajudou a conduzir de forma mais flexível a análise dos dados. Isso porque considero que a metodologia está em função do fenômeno de estudo e não o contrário. De tal forma, foi possível ter um detalhamento e um aprofundamento sobre o tema da formação de pesquisadores(as) em Música. Quanto a isso, Freire (2010, p. 37) considera que

[t]anto as entrevistas quanto a análise de documentos contribuem, de diferentes formas, para aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno estudado, trazendo possibilidades interpretativas mais densas, sobretudo no que concerne ao(s) significado(s) pertinente(s) ao fenômeno em questão.

A proposta de análise dos dados previu a categorização dos dados construídos através de entrevista semiestruturada, considerando uma inspiração na proposta metodológica de Análise de Conteúdo – AC (Bardin, 1977; Bauer, 2015), com a articulação da produção da literatura da área e áreas afins sobre a formação do(a) pesquisador(a), assim como Análise Documental (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009; Freire, 2010) partindo de alguns documentos, como a proposição dos cursos de doutorado em música da UFPB e da UFBA. Tratarei um pouco mais sobre isso no tópico de análise de dados.

3.1 A CONSTRUÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Neste tópico, como mencionado anteriormente, abordarei, de forma mais geral, os instrumentos de construção de dados utilizados e as nuances encontradas durante o desenvolvimento do trabalho. E, de forma mais específica, nos tópicos seguintes, descreverei sobre a entrevista semiestruturada, pesquisa documental e análise de dados.

Desse modo, se por um lado é importante ressaltar que, para além dos autores citados e que ajudaram no entendimento e compreensão dos dados; por outro, é significativo dizer que, durante minhas leituras outros autores se fizeram importantes para a reflexão sobre a produção de conhecimento e aspectos epistemológicos, como foi o caso de Severino (2012), em que os autores contribuem para um entendimento sobre a construção coletiva do conhecimento,

produção de conhecimento novo e o sujeito coletivo.

Nessa perspectiva, é significativo conhecer com o outro e não somente conhecer sobre o outro que, mesmo parecendo algo sutil, faz bastante diferença no momento de construir conhecimento de forma coletiva e em rede. No próximo tópico em que tratarei sobre entrevista semiestruturada, ferramenta de construção de dados utilizada nesta pesquisa, reflito um pouco mais sobre esse assunto especificamente.

Para que eu pudesse ter uma compreensão mais profunda sobre o fenômeno de estudo, precisei, como uma das etapas do trabalho, entrevistar estudantes dos cursos de doutorado em música dos programas de pós-graduação em música da UFPB e da UFBA.

Nesse sentido, antes de obter a aprovação de meu projeto de pesquisa por parte do comitê de ética em pesquisa da UFPB, mas já tendo tido o projeto aprovado pelo colegiado do PPGM/UFPB, entrei em contato com as respectivas coordenações solicitando autorização para a realização da pesquisa (Anexos A e B) com os(as) estudantes, que me foi concedida, pelas duas coordenações, sob a condição de apresentação posterior de parecer de aprovação de comitê de ética (Anexo C).

Após isso, já no segundo semestre do ano de 2023, depois de ter obtido o parecer, entrei em contato mais uma vez com as coordenações. Desta vez, para solicitar, formalmente, o e-mail dos(as) estudantes, de modo que eu pudesse quantificar o número de discentes de cada curso. Ressalto que informei às coordenações dos programas que os dados seriam preservados e utilizados apenas para fins acadêmicos.

Neste momento, encontrei uma dificuldade metodológica, pois, para esta pesquisa, o que me interessava era a profundidade sobre o fenômeno em estudo. Então identifiquei um total de 90 (noventa) estudantes de doutorado ativos(as), considerando 46 (quarenta e seis) da UFPB e 44 (quarenta e quatro) da UFBA. Dessa forma, considerando o número elevado de estudantes e difícil de ser tratado no tempo previsto para a conclusão da pesquisa, precisei voltar a refletir sobre os critérios escolhidos.

Para tanto, estabeleci o seguinte critério: 1) ter concluído a etapa de qualificação de tese de doutorado. Por se tratar de formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música, considereei significativo buscar contemplar subáreas/áreas de concentração em que os(as) estudantes estivessem desenvolvendo suas pesquisas, considerando os dois programas de pós-graduação, de modo a contemplar a diversidade de pensamentos e prezar mais pela natureza qualitativa. O critério estabelecido fez-se importante para essa delimitação, considerando que o(a) estudante, ao já ter passado pelo exame de qualificação, tende a estar

num processo mais maduro de formação e compreensão de seu papel como pesquisador(a), como aponta Saviani (2007), ao considerar que é no processo de doutoramento que se consolida a formação de alguém enquanto pesquisador(a). Após delimitar esse critério, e já com as informações disponibilizadas pelas coordenações, encaminhei um e-mail (Apêndice A) aos(as) doutorandos solicitando a colaboração dos(as) estudantes em minha pesquisa de doutorado.

Ressalto que, dos 90 e-mails, um voltou, pois a caixa de entrada desse e-mail já estava cheia, diminuindo o número para 89. A partir disso, das 89 pessoas, obtive 10 respostas, mas apenas 5 (cinco) estudantes atenderam os critérios. Dessa forma, os critérios de delimitação funcionaram, de modo a alcançar as pessoas que contemplassem as características delimitadas neste estudo.

3.1.1 Caracterização do PPGM/UFPB, do PPGMUS/UFBA e dos(as) colaboradores(as) da pesquisa

Neste tópico, descreverei, de forma mais específica, as características do PPGM/UFPB e PPGMUS/UFBA (abordando áreas de concentração/linhas de pesquisa, objetivos de formação), assim como dos(as) colaboradores(as) desta pesquisa, através de suas instituições, linhas de pesquisa, gênero e suas etapas formativas até a chegada ao doutorado. Mesmo que de forma breve, tal caracterização se faz importante para aproximar mais o(a) leitor(a) dos(as) entrevistados(as), de modo a humanizar e pessoalizar o texto apresentado nesta tese, sobretudo nos depoimentos dos(as) doutorandos(as).

Os documentos que regulamentam os programas de pós-graduação em música da UFPB e da UFBA, através da Resolução 03/2018 e do Regulamento Interno, respectivamente, consideram fundamental, como objetivo, a capacidade de reflexão crítica e alinhadas com as demandas e especificidades da área de música, assim como da sociedade contemporânea.

3.1.2 PPGM/UFPB

A primeira turma do PPGM/UFPB foi instituída no ano de 2004, junto a criação do programa, que aconteceu em 1º de setembro do mesmo ano. Assim, é um programa relativamente recente, pois completará 21 anos neste ano de 2025. Anunciada, Patrick e Ênio fazem parte dessa história e dessa instituição, ao qual escolheram realizar suas pesquisas de doutorado. No site do programa é possível encontrar defesas de teses e dissertações datadas a

partir de 2006, contabilizando um total de 343 trabalhos.³ Infelizmente não encontrei estatísticas que totalizem o número de dissertações e teses de forma mais precisa e organizadas separadamente. Embora seja uma história relativamente nova, mostra a força e a relevância do programa para a pesquisa em música no Brasil e, principalmente, para o Nordeste, pois inspira outras instituições a escreverem sua trajetória também de forma consistente e que possa contribuir para a formação de novos(as) mestres(as) e doutores(as). É nesse cenário, então, em que Ênio, Patrick e Anunciada estão inseridos.

O PPGM/UFPB estrutura o curso de doutorado em áreas de concentração, a partir de linhas de pesquisa. Tais áreas e linhas estão distribuídas da seguinte forma:

I - Composição e Interpretação Musical Linhas de pesquisa Linhas de pesquisa: a) Processos Criativos em Música; b) Dimensões Teóricas e Práticas da Interpretação Musical. **II - Musicologia/Etnomusicologia** Linhas de pesquisa: a) História, Estética e Fenomenologia da Música b) Música, Cultura e Performance. **III - Educação Musical** Linha de pesquisa: Processos e Práticas Educativo-Musicais (Brasil, 2018, p. 3, grifos nossos).

Dessa forma, saber como os cursos, bem como o documento de área da CAPES e o CNPq, olham e pensam sobre o que é pesquisa e ser pesquisador(a), a partir de seus objetivos, é importante para que possamos ter um olhar mais crítico e reflexivo sobre a formação de pesquisadores(as) em música. Considerando esses pontos, a resolução do PPGM/UFPB prevê que:

II - No Curso de Doutorado: formar professores e pesquisadores para a docência do Ensino Superior, com vistas a qualificar doutores com competências técnicas e **capacidade reflexiva, crítica, artística, ética e humana para atuar em diferentes campos da música, que contribuam para o avanço e a inovação do conhecimento científico e artístico na área** (Brasil, 2018, p. 4, grifos nossos).

A proposição do PPGM/UFPB dialoga diretamente com o que os documentos mais amplos da pós-graduação no Brasil trazem como orientação, como o PNPG (2024-2028) e o documento de Área de Artes / Música da CAPES. Isso demonstra o alinhamento de perspectivas para a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música. Para além disso, a citação acima reforça a capacidade de pensamento crítico-reflexivo e uma preocupação com as nuances da sociedade contemporânea.

³ Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=1894.

3.1.3 PPGMUS/UFBA

O programa de pós-graduação em música da UFBA teve sua fundação no ano de 1990, com o curso de mestrado criado no mesmo ano e o de doutorado em 1997⁴. Nesse sentido, é uma instituição que tem grande representatividade no cenário da pesquisa e produção de conhecimento em música presente em 35 (trinta e cinco) anos de história. Por ser um programa mais antigo, demonstra uma força no Brasil e, sobretudo, na região Nordeste. Embora o PPGMUS/UFBA seja da década de 1990, no repositório da UFBA foi apenas possível encontrar 128 (cento e vinte e oito) teses datadas a partir de 2000 e 157 (cento e cinquenta e sete) dissertações datadas também somente a partir de 2000⁵, totalizando 285 (duzentos e oitenta e cinco) trabalhos. Contudo, na página do PPGMUS/UFBA, encontram-se disponíveis 4 (quatro) defesas que ocorreram entre janeiro e fevereiro de 2025⁶, o que aumenta o número total de trabalhos para 289 (duzentos e oitenta e nove). Essa é a história e o cenário em que Lucas e Maria fazem parte e que escolheram realizar seus cursos de doutorado.

No que tange ao regulamento do PPGMUS/UFBA, sua estrutura é parecida com a do PPGM/UEPB, mas com alguns termos diferentes e considerando apenas áreas de concentração, sem definir linhas de pesquisa, a saber: “[o]s cursos (níveis mestrado e doutorado) em suas respectivas áreas de concentração (Composição, Educação Musical, Etnomusicologia, **Execução Musical** e Musicologia)” (Brasil, 2016, p. 1, grifos nossos).

Assim, o regulamento do PPGMUS/UFBA tem como objetivo “[...] formar profissionais qualificadas/os para atuação em Música, especialmente para o desenvolvimento de atividades ligadas à docência, desenvolvimento artístico, científico, social e tecnológico na área” (Brasil, 2016, p. 1). Além disso, prevê mais dois objetivos, especificamente vinculados aos cursos e as áreas de concentração, quais sejam:

- a) **capacitar a/o estudante** a compreender e **interferir criticamente** no processo de desenvolvimento da **área de conhecimento em que atua**; b) **capacitar a/o estudante** a produzir, promover, utilizar, divulgar e avaliar, **criticamente, os processos geradores do conhecimento em Música** (Brasil, 2016, p. 1, grifos nossos).

É significativo notar que os dois programas trazem perspectivas de formação e de pesquisa preocupadas com a capacidade reflexiva e crítica, mas propondo uma articulação com

⁴ Disponível em: <https://www.ppgmus.ufba.br/pt-br/historico>.

⁵ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5583>.

⁶ Disponível em: <https://www.ppgmus.ufba.br/>.

as demandas e conjunturas para a produção de conhecimento em música, no sentido de avançar e consolidar a pesquisa na área. Esses pontos estão alinhados com a noção de formação do documento de área da CAPES para Artes, que contempla aspectos como, por exemplo:

A formação acadêmica em nível de doutorado deverá garantir que o pesquisador desenvolva, a partir de seus processos de pesquisa acadêmica, uma visão aprofundada da área de Artes de maneira a **compreender a relevância e complexidade de seu papel como agente e produtor de inovações, transformações e propostas que venham a contribuir para o desenvolvimento e avanços da área**. Espera-se que o **doutorando aprimore suas competências de pesquisa**, atuando na docência e na orientação ou coorientação em nível de graduação, produza artigos científicos de excelência, apresente sua pesquisa em eventos da área, busque criar vínculos com outros pesquisadores por meio da participação em grupos e redes de pesquisa em sua linha de investigação. (Brasil, 2019, p. 8, grifos nossos).

A citação do documento traz aspectos importantes para a formação do(a) pesquisador(a) em nível de doutorado, assim como perspectivas de pesquisa preocupadas com inovações e transformações que possam contribuir para o avanço da área, através do aprimoramento do(a) doutorandos(a) sobre suas visões de pesquisa e de sua produção intelectual, bem como numa perspectiva de construção de conhecimento e formação em rede.

3.1.4 Caracterização dos(as) colaboradores(as) da pesquisa

Dentro da caracterização dos(as) entrevistados(as), foi possível ter a colaboração de 3 (três) homens e 2 (duas) mulheres — o que é bastante relevante para o cenário da ciência, tecnologia e inovação, assim como consta no quadro (Quadro 1) abaixo.

Quadro 1 — Caracterização dos(as) entrevistados(as)

Pseudônimos	Instituição	Área de concentração
Patrick	PPGM/UFPB	Etnomusicologia/Musicologia
Maria	PPGMUS/UFBA	Execução Musical ⁷
Ênio	PPGM/UFPB	Etnomusicologia/Musicologia
Lucas	PPGMUS/UFBA	Educação Musical
Anunciada	PPGM/UFPB	Educação Musical

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

⁷ Termo referente a “Performance Musical ou Práticas Interpretativas”.

É importante destacar que tais estudantes representariam uma visão diversificada dessas subáreas/áreas de concentração, por entender que não tenho a intenção de tecer generalizações a partir das escolhas que fiz, pois esses(as) discentes estariam representando a eles(as) mesmos. Nesse sentido, isso caracteriza uma vertente bem singular do que pode ser fazer pesquisa em cada área de concentração, a partir do que é fazer pesquisa e como se dá a formação desses(as) doutorandos(as) de forma mais plural, a partir da área de música como um todo, e de forma mais singular, considerando suas subáreas/áreas de concentração.

A partir disso, solicitei às coordenações a área de concentração de cada um(a) dos estudantes, sendo um desses pedidos feitos a partir de ligação telefônica, além de mensagem por e-mail. É importante enfatizar, nesse cenário, que todas as mensagens e solicitações foram realizadas formalmente através de e-mail institucional, de modo a estarem devidamente registradas.

Um outro ponto a ser observado é de que precisei enviar o e-mail (Apêndice A) aos(as) doutorandos(as) apenas duas vezes, sendo a segunda somente como um “lembrete”, caso alguém não tivesse visualizado. Como mencionado anteriormente, obtive retorno de 10 (dez) doutorandos(as). Mas gostaria de evidenciar que 5 (cinco) desses(as) estudantes, sendo estes(as) 2 (dois) da UFBA e 3 (três) da UFPB, responderam ao e-mail gentilmente, mesmo estando no início do curso de doutorado e que, portanto, ainda não haviam qualificado, o que revela uma força coletiva no incentivo à produção de conhecimento novo no campo da música.

3.1.5 Procedimentos éticos da pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos e considerando que esta pesquisa passou por uma avaliação e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB, tomei como base a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que trata

[...] sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana [...] (Brasil, 2016, art. 1º).

No que consta tais procedimentos éticos, precisei submeter meu projeto de pesquisa junto à plataforma Brasil, de modo que pudesse ser apreciado. Nesse processo de submissão,

alguns caminhos foram realizados, como a solicitação de autorização da realização da pesquisa por parte das instituições e posterior anuência (Anexos A e B), aprovação do projeto de pesquisa no colegiado do PPGM/UFPB (Anexo A), cronograma de atividades, previsão orçamentária, roteiro de entrevista (Apêndice B), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), assim como o projeto detalhado.

Após o envio desses documentos, e depois de ter todos os documentos verificados e o projeto avaliado, obtive retorno com o parecer consubstanciado (Anexo C), de número CAAE 74148523.9.00005188, contendo a aprovação do projeto de pesquisa, o que me possibilitou a ida ao campo, de modo a ratificar os procedimentos éticos previstos na metodologia deste trabalho.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, entrei em contato com os doutorandos(as) e expliquei o objetivo da pesquisa, acrescentando, ainda, a importância da participação deles(as). Também expliquei que, ao aceitarem participar desta pesquisa, precisariam ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C). Após isso, também os deixei à vontade para a escolha de um pseudônimo, visando manter o anonimato total dos participantes.

Alguns participantes disseram que não viam problema em serem identificados(as). Contudo, eu agradei a disponibilidade destes(as) colaboradores(as) e, justamente por também me deixarem à vontade para identificá-los ou não, decidi tomar como critério a uniformização de pseudônimos e a não identificação de seus nomes verdadeiros.

Nesse sentido, perguntei a cada um(a) se poderia padronizar seus pseudônimos. Com isso, todos(as) os(as) colaboradores(as) aceitaram o uso de pseudônimos, de modo que pude caracterizar de forma fictícia, mas mantendo nomes próprios que pudessem contemplar seus respectivos gêneros. Sendo assim, tais pseudônimos foram definidos como “Patrick”, “Maria”, “Ênio”, “Lucas” e “Anunciada”. Nesse sentido, cada nome foi escolhido seguindo a sequência de realização das entrevistas. A partir de tal padronização, toda vez que tiverem perspectivas dos(as) entrevistados(as), suas citações serão referenciadas considerando esses pseudônimos e o ano de realização da entrevista, assim como estarão em *itálico* para serem destacadas em relação às citações dos textos da literatura.

Sobre o TCLE, a resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 dispõe:

consentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa ou de seu representante legal, livre de simulação, fraude, erro ou intimidação, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos (Brasil, 2016, cap. 1, art. 2º, inc. V).

A partir da realização desta pesquisa, alguns benefícios foram evidenciados, como a possibilidade da contribuição dos(as) participantes para com o avanço da pós-graduação *stricto sensu* em música e em seus cursos de doutorado, de modo a fomentar a importância da produção de conhecimento novo na área. Os riscos permearam possíveis eventualidades, como ansiedade ou constrangimento gerada aos(às) colaboradores(as) no momento de realização da entrevista semiestruturada, em que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistiram em oferecer ao(à) participante a opção de interromper a entrevista a qualquer momento antes de concluir a pesquisa.

Sobre ética na pesquisa e a utilização do TCLE, fatores importantes na aplicação de uma pesquisa, concordo com Queiroz (2013) quando afirma que

[é] preciso deixar claro para qualquer pessoa envolvida na pesquisa, como pesquisado, qual é o foco do estudo, apresentando claramente os objetivos da pesquisa que será realizada, bem como seus possíveis desdobramentos, e como será sua participação e/ou envolvimento (p. 12-13).

De forma mais específica, o artigo 17 é ainda mais claro sobre o TCLE quando menciona, em seus incisos V e VI, respectivamente, sobre o asseguramento de “informação sobre a forma de acompanhamento e a assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios, quando houver” (Brasil, 2016, cap. 3, art. 117, inc. V) e “garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa” (Brasil, 2016, cap. 3, art. 117, inc. VI).

Estes cuidados foram tomados nesta pesquisa durante a realização da entrevista semiestruturada, considerando que as perspectivas dos(as) entrevistados(as) foram utilizadas apenas para fins acadêmicos e para eventuais publicações em periódicos e eventos científicos. No próximo tópico tratarei sobre a entrevista semiestruturada e sua operacionalização nesta pesquisa.

3.1.6 Entrevista semiestruturada

Para a operacionalização desta pesquisa, utilizei como um dos instrumentos de construção de dados a entrevista semiestruturada. Segundo Freire (2010, p. 35), “[...] as entrevistas, nas pesquisas subjetivistas ou qualitativas, tendem ao formato aberto ou semiaberto, ou seja, o direcionamento das perguntas não deve apontar para um determinado tipo de resposta,

mas pressupor abertura para o inesperado”. Nesse sentido, escolhi a entrevista semiestruturada como procedimento metodológico por entender que tal ferramenta de construção de dados me possibilitaria um aprofundamento sobre a formação do(a) pesquisador(a) em Música, pois, a partir dela, pude obter o contato qualitativo com este conhecimento a partir da subjetividade impressa dos(as) entrevistados(as).

Através de um direcionamento para o campo empírico, por meio de realização de entrevistas semiestruturadas, para pensar a formação do pesquisador a partir deste campo, considere aqui a formação do pesquisador em Música como o fenômeno de estudo desta pesquisa, a partir desse processo de se aprender a fazer e de se realizar uma pesquisa por parte de doutorandos(as) dos Programas de Pós-Graduação em Música do Nordeste.

As entrevistas foram realizadas considerando alunos(as) que estivessem desenvolvendo pesquisa em música nas seguintes subáreas: Educação Musical; Etnomusicologia; Musicologia; Composição; e Performance Musical. Para tanto, como critério para conhecimento das subáreas/áreas de concentração (mencionados no tópico anterior) foi feito um contato prévio com as coordenações dos programas, de modo a identificar os(as) discentes ativos dos cursos de doutorado.

Todas as entrevistas foram agendadas por e-mail, exceto uma que, além do e-mail, também foi confirmada por mensagem no *WhatsApp*, em função de o colaborador ter disponibilizado seu contato. Registro que a realização das entrevistas semiestruturadas foi através da plataforma *Google Meet* e gravada por aplicativo de telefone celular, sendo todas elas realizadas no mês de dezembro de 2023. Quatro entrevistas foram realizadas antes do dia 15/12/2023, data limite para resposta ao e-mail encaminhado aos(às) doutorandos(as), considerando que esses(as) colaboradores(as) se disponibilizaram a realizar a entrevista logo após responderem o e-mail e antes dessa data limite, a partir de suas agendas de compromisso. Para isso, as entrevistas foram realizadas considerando a seguinte sequência (Quadro 2):

Quadro 2 — Sequência de realização das entrevistas

Pseudônimo	Área de concentração	Instituição	Data	Horário	Duração
Patrick	Musicologia/Etnomusicologia	PPGM/UFPB	06/12/2023	14:00	1:04:06
Maria	Execução Musical	PPGMUS/UFBA	09/12/2023	10:00	39:33
Ênio	Musicologia/Etnomusicologia	PPGM/UFPB	11/12/2023	16:20	1:36:43
Lucas	Educação Musical	PPGMUS/UFBA	12/12/2023	08:30	14:05 e 48:00
Anunciada	Educação Musical	PPGM/UFPB	18/12/2023	10:30	56:37

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Cada entrevista foi conduzida de forma a contemplar a diversidade dos(as) colaborador(a) da pesquisa e suas formas de pensar. Assim como é da natureza de uma entrevista semiestruturada, mesmo já tendo um roteiro, precisei inverter a ordem de algumas perguntas e acrescentar questões ou, ainda, voltar no mesmo ponto, a partir do que estava sendo falado pelo(a) entrevistado(a), o que foi positivo para a construção dos dados. A esse respeito, vale salientar que o

pesquisador pode se valer de um roteiro, com tópicos que pretende atender com a entrevista, mas conduzi-la de forma mais flexível, abordando tópicos pretendidos (ou outros não previstos) no decorrer da entrevista, seguindo mais o fluxo do pensamento do depoente (Freire, 2010, p. 36).

Contudo, gostaria de mencionar um ponto que me trouxe uma dificuldade durante a realização das entrevistas. Como foi tudo realizado remotamente, graças a tecnologia, precisei ter em mente que imprevistos poderiam acontecer. Isto posto, é importante comentar sobre a possibilidade e os cuidados ao realizar uma entrevista de maneira remota, de modo que, quando outras pessoas forem realizar esse mesmo tipo de procedimento, seja um caminho mais tranquilo, a partir das contribuições que pretendo trazer aqui. Isso porque, em uma das entrevistas ocorreu uma “falha” tecnológica, pois a internet caiu e, conseqüentemente, fez travar a conversa pela plataforma. Com isso, é fundamental manter a calma e se preparar para esse tipo de eventualidade. Embora tenha acontecido essa situação, a entrevista continuou normalmente, após o entrevistado 4 voltar para o mesmo *link* do Google *Meet*, fato que dividiu a entrevista em duas partes.

Das cinco transcrições de entrevistas, duas foram realizadas manualmente por mim e três foram transcritas utilizando a ferramenta *SharePoint*, da Microsoft 365⁸, que transforma áudio em texto, a partir do próprio documento de *Word*. Para as transcrições que foram feitas de forma manual, em um primeiro momento, à medida em que eu ia ouvindo o áudio, também transcrevia a entrevista, transformando-a em texto. Nesse processo, precisei voltar o áudio algumas vezes para entender melhor o que a pessoa de fato falou para, então, dar continuidade na transcrição.

Para as entrevistas que foram transcritas utilizando o *SharePoint*, precisei fazer o processo de escuta para ajustar alguns detalhes que a ferramenta não reconhece, como algumas

⁸ Ferramenta disponível, através do Pacote *Office 365* da *Microsoft*, aos(às) servidores(as) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

expressões, falas e pontuações. Contudo, tal suporte me ajudou bastante e me fez avançar no processo de análise dos dados, se mostrando como um instrumento viável para procedimentos de transcrição de entrevistas. Nesse sentido, as transcrições foram realizadas entre os meses de janeiro e julho de 2024. Após fazer isso, voltei a escutar as gravações das entrevistas para conferir se o que escrevi e o que foi transcrito pela ferramenta do *Word* estava, realmente, condizente com o que foi falado pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa. Isso porque “depois de transcrita, a entrevista deve passar pela chamada conferência de fidedignidade: ouvir a gravação tendo o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interjeições, interrupções etc” (Duarte, 2004, p. 220).

Nesse sentido, considero que, das cinco entrevistas, tive uma maior dificuldade em duas: na primeira, o lugar onde uma das pessoas estava, possuía outras pessoas falando ao mesmo tempo, o que dificultou, em alguns momentos, entender o que havia sido falado, fazendo com que eu voltasse mais de uma vez para um mesmo trecho e até diminuísse o andamento, através do próprio *Windows Media Play*, para, assim, conseguir compreender o que havia sido dito.

Na segunda entrevista em que tive dificuldade, foi por causa do idioma. Isso porque a pessoa entrevistada era de outro país da América do Sul e falava espanhol, mas, comigo, conseguiu falar com uma mistura de espanhol com português. Na verdade, a maior dificuldade foi apenas entender algumas expressões, não necessariamente a fala, porque se aproximava bastante do idioma brasileiro.

Considero que esse processo de transcrição manual me ajudou a elaborar as primeiras categorias de análise, à medida em que eu escutava e transcrevia, porque me fazia pensar no que os(as) autores(as) que estão embasando esse trabalho trazem como perspectiva, assim como colaborou para minhas reflexões e pensamentos analíticos e críticos sobre o que os(as) entrevistados(as) trouxeram em suas perspectivas. Logo, a partir do processo de transcrição, também já começava a fazer minhas primeiras anotações, o que, em seguida, passariam a ser minhas categorias de análise. Nesse sentido, realizei as transcrições o mais próximo possível da fala, no sentido de que poderia ser uma forma de ajudar a entender melhor as ideias trazidas no momento da fala na entrevista, aproximando mais do(a) leitor(a).

Considero que realizar essas entrevistas me fez amadurecer ainda mais enquanto pesquisador. Mesmo já tendo realizado esse tipo de procedimento de construção de dados em outros momentos, como no Mestrado, por exemplo, é sempre um aprendizado poder lidar com

questões ainda mais profundas e diversas de uma mesma temática, que considero demasiadamente relevante para o campo da educação superior e da pós-graduação *stricto sensu*.

Por também ser um estudante de doutorado em formação enquanto pesquisador, ouvir outros(as) doutorandos(as), me fez despertar ainda mais para a importância de refletir criticamente sobre o que estudamos, o que pesquisamos, de que forma investigamos nosso fenômeno de estudo, de que maneira estamos olhando para a área de música enquanto campo científico, enquanto ciência e como podemos pensar em estratégias para avançar na consolidação nessa formação de pesquisadores visando uma produção de conhecimento mais acessível para a comunidade acadêmica e em geral.

Ao conduzir as entrevistas, percebi essas nuances que, mais a frente, no capítulo de análise, estarão presentes de forma mais enfática, de modo que, ao finalizar as perguntas, sempre faço uma última questão, como uma conversa, pedindo o *feedback* dos(as) entrevistados(as) sobre como foi a entrevista para eles(as), se tem algum aspecto a melhorar etc.

Nesse sentindo, gostaria de trazer duas perspectivas, a título de ilustração desses *feedbacks*, e que me chamaram atenção para essa reflexão enquanto pesquisador em formação, de modo a fundamentar mais o que estou a dizer, pois acredito que sempre podemos melhorar e que estamos em um constante processo de formação, e em uma tentativa de aproximar mais o(a) leitor(a) desse tipo de ferramenta de pesquisa.

Com isso, ao ser perguntada sobre como foi a entrevista, uma das colaboradas da pesquisa mencionou que:

Eu acho que você conseguiu abordar, sim, os aspectos. Eu não tenho, de fato, assim, nada a acrescentar. Porque, assim, a sua pesquisa é muito importante, porque ela toca justamente nessa questão, né? Você se propôs a um tema bem complicadinho (risos), a esse levantamento. Porque, assim, tem muita gente que acha que faz pesquisa e não faz. Então você vai tocar em pontos bem nevrálgicos, sabe? [...]. E aí você se propôs a um tema bem difícil, que é, realmente, a pessoa separar a escrita do que é você pensar cientificamente ali na sua área, na fundamentação científica da sua área. Então tu tá de parabéns mesmo e, qualquer coisa, estamos por aqui (Maria, 2023).

É interessante mencionar, então, a diversidade de pensamentos, de ideias, no sentido de que pensar a formação de pesquisadores em música, é olhar para a área de uma forma geral, mas também de forma específica, quando pensamos nos cursos e suas estratégias de formação, por exemplo. Nesse sentido, a partir da fala da entrevistada, percebo que, mesmo sendo um

tema difícil de lidar, é também necessário e fundamental para refletirmos sobre aspectos formativos no campo da pós-graduação.

Então, para mim, ouvir e transcrever um comentário nessa linha de pensamento, faz-me sentir ainda mais motivado a aprender mais sobre a nossa área e sobre o que podemos fazer para garantirmos bases que auxiliem na formação de estudantes de doutorado, assim como eu, que venho nessa jornada de aprendiz de pesquisador.

Nessa perspectiva,

Mais que um regime de cursos, o espaço acadêmico e científico da pós-graduação deve ser, efetivamente, uma sementeira... O pesquisador precisa vivenciar uma experiência problematizadora. Além dos subsídios que estará recebendo do acúmulo de suas intuições pessoais, ele poderá colher elementos de suas leituras, dos cursos, dos debates, enfim, de todas as contribuições do contexto acadêmico, profissional e cultural em que vive (Severino, 2012, p. 241).

E, dentro desse processo de escuta em uma entrevista semiestruturada, quando eu também fazia as transcrições, pude observar que escutar é muito mais do que ouvir e que pode ser uma forma de pensarmos, a partir de uma formação com criticidade, em diferentes formas de construir os dados.

Quando perguntei sobre aspectos que podiam melhorar e sobre *feedback* para a entrevista, me surpreendi com a resposta de Ênio (2023), pois me trouxe questões importantes para a reflexão e, com isso, fazendo com que eu pudesse amadurecer ainda mais minha forma de conduzir e de pensar uma entrevista como uma conversa e como um espaço saudável de diálogos em prol de uma construção coletiva do conhecimento.

Eu me senti bem. Desejo que os próximos se sintam bem também. E eu gostaria, se você tiver algum artigo, alguma produção já da tua área de pesquisa, do teu trabalho, que você me enviasse, porque esse é um tema que me interessa, porque eu vou escrever sobre educação musical e etnomusicologia na terceira parte do meu trabalho e eu... quanto mais trabalhos recentes, né? pessoas que estiverem pensando... Você tá pensando numa perspectiva institucional que eu acho muito interessante. Então, o que você tiver e puder me enviar, eu também vou receber, vou ler. Pode ter certeza. Então é isso. Eu que tenho que te agradecer, Gleison. Eu quero o melhor pra nossa área, quero o melhor pras nossas instituições, não é? Apesar dos pesares, não é?, eu tenho uma esperança de que é unindo que a gente vence. Eu sei que o campo a disputa é muito grande [...]. Porque a gente só vai transformar essa área toda, as condições de um pesquisador no Brasil, se unindo; e não de outra forma (Ênio, 2023).

Embora existissem aspectos que poderiam estar no capítulo de análise, mais especificamente quando Ênio (2023) trata sobre as condições de um pesquisador no país e sobre a área como um campo de disputa — aspecto esse, constante também no terceiro capítulo desta tese, tratado por Bourdieu (2004) através da ideia de campo científico —, por exemplo, considere relevante trazer sua fala aqui, pois evidencia um aspecto coletivo importante, assim como sobre um diálogo consistente que precisa acontecer nos debates da área.

É possível pensar, então, diálogos em rede através de “[...] um sujeito coletivo e isso não simplesmente pelo valor em si de um desejável bom relacionamento humano, mas principalmente porque a construção do conhecimento científico é uma obra essencialmente coletiva, solidária, a ser feita com a união de muitas forças” (Severino, 2012, p. 241-242). E, ainda, pensando nessa construção coletiva do conhecimento, é válido refletir que “[...] a construção do conhecimento é uma obra coletiva, feita por um sujeito coletivo, representado historicamente por comunidades científicas de cada área” (Severino, 2012, p. 243).

Ou seja, vislumbrar uma colaboração em rede para que possamos aprender em conjunto, mesmo dentro de nossas individualidades, mas que, para além dos muros institucionais, possamos ter consciência de um trabalho colaborativo e coletivo dentro de um programa de pós-graduação e, mais especificamente, que integre a formação de pesquisadores(as) na área de música.

Nesse sentido, quando Ênio (2023) me solicitou alguns textos em que eu já havia produzido e publicado sobre o tema de minha pesquisa para que pudesse fazer uma leitura, percebi que podemos articular esse trabalho em rede e, assim, concebermos que é possível pensar de forma reflexiva e crítica a nossa área, mas de modo a buscar caminhos de aprendizado e de significados que estejam em um objetivo em comum: o avanço da área enquanto campo de conhecimento e a consolidação da formação de pesquisadores e pesquisadoras em música no Brasil.

3.1.7 Pesquisa documental

Para que fosse possível um maior aprofundamento na temática em estudo e com vistas a alcançar o que estava proposto nos objetivos geral e específicos, realizei uma pesquisa documental. Para tanto, considere como fundamental para tal procedimento de pesquisa as propostas/estruturas curriculares dos cursos de doutorado dos programas de pós-graduação em música da UFPB e da UFBA.

Dessa forma, realizei uma análise documental dessas propostas no sentido de articular com as perspectivas dos(as) entrevistados(as) e com a literatura, de modo a obter um aprofundamento maior sobre o tema aqui estudado, considerando que compreender o que se é proposto nos documentos é essencial para entender a prática investigativa e a formação em pesquisa dos(as) doutorandos(as). Já a análise das propostas dos cursos, terá uma seção específica no próximo capítulo, que está voltada especificamente para a análise dos dados desta tese.

Nessa perspectiva, a “[...] pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 5). A partir disso, considero que a pesquisa documental, seguida de análise documental, contribuiu para que eu pudesse situar e contextualizar melhor o estudo, a partir do que está categorizado nas perspectivas dos(as) colaboradores(as) desta investigação, aproximando, assim, do que é o real de formação.

3.1.8 Procedimento de análise de dados

A proposta de análise dos dados previu a categorização dos dados construídos através de entrevista semiestruturada, com a articulação da produção da literatura da área e áreas afins sobre a formação do(a) pesquisador(a) e documentos, como a proposição dos cursos de doutorado da UFPB e da UFBA, de modo a possibilitar o cruzamento dos dados, a detecção dos temas, conceitos e tópicos propostos nos objetivos geral e específicos.

Nesse sentido, para a análise de dados, tomei como inspiração metodológica alguns procedimentos previstos na Análise de Conteúdo Qualitativa (Bardin, 1977; Bauer, 2015), através de análise categorial temática — para as entrevistas semiestruturadas — para o entendimento da fala dos(as) pesquisados(as) —, bem como auxiliada por Análise Documental (Sá-Silva, Almeida; Guindani, 2009; Freire, 2010), obtidos a partir de pesquisa bibliográfica e documental, possibilitando, assim, a construção de um corpus de texto.

Nesta perspectiva, a Análise de Conteúdo (AC) está compreendida aqui como uma forma de buscar elementos qualitativos de interpretação, a partir da fala dos(as) doutorandos(as), sem se preocupar com elementos quantificáveis recorrentes, mas sim unidades temáticas, que ajudassem na construção de categorias para o entendimento dos dados. Bauer (2015, p. 195) menciona que a “AC trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos [...]”.

Para Bauer (2015, p. 195) há dois tipos de textos: aqueles que são feitos durante a pesquisa, como, por exemplo, as transcrições provenientes de entrevistas, e outros textos que tiveram sua produção para outros objetivos. Com isso, os “materiais clássicos da AC são textos escritos que já foram usados para algum outro propósito. Todos esses textos, contudo, podem ser manipulados para fornecer respostas às perguntas do pesquisador” (Bauer, 2015, p. 195).

Ao ler sobre AC e Análise Documental, fica evidente a proximidade destes procedimentos de análise. Assim sendo, Bardin (1977, p. 115) conclui que a “análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais”.

Nesse sentido, para Caregnato e Mutti (2006, p. 683-684) “[...] a AC trabalha com o conteúdo, ou seja, com a materialidade lingüística⁹ através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação”. Além disso, “[...] a AC espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem” (Caregnato; Mutti, 2006, p. 683-684).

Por este motivo, percebi que a análise de conteúdo, incorporada em sua perspectiva qualitativa, através da análise categorial temática, se aproximava do que eu tinha como objetivo ao interpretar os dados obtidos a partir das transcrições das entrevistas. Tal tipo de categorização pode funcionar a partir de

[...] operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos¹⁰ (significações manifestas) e simples (Bardin, 1977, p. 153).

Para efeitos mais específicos de categorização, Bardin (1977) menciona que

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 1977, p. 117).

⁹ As palavras que foram escritas em textos publicados em normas anteriores a norma vigente da língua portuguesa do Brasil serão mantidas no original.

¹⁰ Todas as palavras escritas em português de Portugal serão mantidas respeitando a sua originalidade.

Isso significa que, para esta pesquisa, considereii identificar recorrências de ideias, de temas, de expressões, com convergências e divergências nas perspectivas dos(as) doutorandos(as), buscando elementos comuns ou comparativos, a partir do que se entende sobre formação de pesquisadores em cursos de doutorado em música. Nessa perspectiva, as categorias estão dispostas mais ao final deste tópico, de modo a elucidar os elementos que serão discutidos no capítulo de análise de dados, considerando as entrevistas semiestruturadas especificamente.

Já a análise documental possibilitou pensar e interpretar os dados, entrecruzando aspectos fundamentais que emergiram a partir das categorias construídas das entrevistas, no sentido de perceber e contextualizar pontos presentes, sobretudo, nas proposições dos cursos de doutorado dos programas de pós-graduação em música do Nordeste.

Desse modo,

[a] etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 10).

Ao refletir sobre o que os autores mencionam, o processo de análise documental, não somente de forma específica em relação às proposições dos cursos, mas também a outros documentos utilizados em capítulos anteriores, se mostrou significativo, fazendo com que fosse possível tecer inter-relações entre o que se propõe e o que se é desenvolvido e concebido sobre e/ou para a formação de pesquisadores(as), ajudando na compreensão de tal fenômeno. Isso porque, como aponta Freire (2010, p. 37), tal procedimento de análise documental, “[...] no âmbito da pesquisa subjetivista, é analisado sob um olhar relativista, sendo considerado uma versão ou um determinado entendimento sobre o fenômeno, não necessariamente generalizável”.

As análises realizadas foram importantes para a obtenção dos resultados desta pesquisa, auxiliadas por um processo de categorização e organização de unidades de análise, através de temas comuns, ideias, perspectivas, expressões e reflexões colocadas pelos(as) entrevistados(as). Nesse sentido, foram organizadas cinco categorias de análise, formadas por subcategorias, assim como estão estruturadas no quadro abaixo (Quadro 3):

Quadro 3 — Categorias para análise

1) Concepções sobre pesquisa e ser pesquisador(a) em música
<i>Subcategorias:</i> Definição e delimitação sobre o que é pesquisa e ser pesquisador(a) em música; Área de música como campo científico.
2) Estratégias de formação e autonomia
<i>Subcategorias:</i> Processos formais e informais de formação; Autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento das pesquisas.
3) O impacto das condições externas na formação
<i>Subcategorias:</i> O efeito da pandemia na formação e nas interações acadêmicas; Questões pessoais que interferem na trajetória de formação.
4) Integração com políticas de ciência, tecnologia e inovação
<i>Subcategorias:</i> Alinhamento dos cursos com as políticas nacionais de pesquisa e inovação; A contribuição das pesquisas em música para o cenário científico mais amplo.
5) A relação com outras áreas do conhecimento
<i>Subcategoria:</i> A interdisciplinaridade e a adaptação de metodologias investigativas de outras áreas nas pesquisas em música.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

3.1.9 Reflexões gerais a partir da construção da tese

De modo geral, considero que, ao realizar este trabalho, pude obter alguns aprendizados metodológicos na construção da tese. Pensar no desenvolvimento de uma investigação dessa natureza, fez-me refletir sobre minha própria formação enquanto pesquisador, ao olhar para as dificuldades encontradas durante o percurso, mas também para as percepções positivas que foram forjadas a partir disso.

Uma das limitações deste trabalho foi um número restrito de participantes, o que impede a generalização dos resultados, considerando que os(as) doutorandos(as) que participaram desta pesquisa não representam o todo, mas apresentam suas visões sobre a formação de pesquisadores(as) em música, como uma percepção que pode nos levar à reflexões mais amplas. Além disso, o recorte metodológico focou em entrevistas e análise documental, sem explorar a etnografia, que poderia ter enriquecido a compreensão do cotidiano dos(as) pesquisadores(as) em formação.

Considero que uma tese de doutorado pode trazer diversas possibilidades de reflexão para se pensar em nossa própria formação enquanto pesquisadores(as). Isso porque, desde o

princípio da ideia de um projeto de tese, perpassando por disciplinas, atividades em grupos de pesquisa, ida ao campo, conversas com colegas, com orientador(a) e coorientador(a), leitura e escrita, até a etapa de qualificação e defesa do trabalho final, nos permite ascender para questões diversas, sejam elas teóricas, teórico-metodológicas, empíricas, éticas, profissionais etc.

Dessa forma, acredito que construir uma tese pode, em certa medida, fazer com que o sujeito não somente obtenha um título, mas seja forjado enquanto pesquisador(a) que pensa e reflete criticamente sobre os conhecimentos produzidos a partir do trabalho desenvolvido e materializado, permeando singularidades e pluralidades advindas da ambiência da pós-graduação *stricto sensu* podendo, assim, ser alguém que poderá olhar para o mundo sob muitas lentes e pensando no conhecimento como uma obra coletiva e acessível a comunidade acadêmica e em geral.

Ou seja, não se trata tão somente de um trabalho burocrático de escrita, defesa e recebimento de um título, mas de um compromisso ético, profissional e humano perante nós mesmos e perante outras pessoas que também passarão por esse processo de formação. É importante pensar, então, no nosso dever de dialogar e de devolver para a sociedade o que aprendemos em/com nossas pesquisas.

4 FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS EM CURSOS DE DOUTORADO EM MÚSICA DO PPGM/UFPB E DO PPGM/UFBA

As cinco categorias de análise deste capítulo, e que deram suporte para que fosse possível alcançar as reflexões e resultados desta tese, estão divididas como subcategorias e estruturadas em subtópicos temáticos. Nesse sentido, as categorias analisadas foram as seguintes, a saber: a) concepções sobre pesquisa e ser pesquisador(a) em música; b) estratégias de formação e autonomia; c) o impacto das condições externas na formação; d) integração com políticas de ciência, tecnologia e inovação; e) a relação com outras áreas do conhecimento, de modo a contemplar as seguintes subcategorias, respectivamente: definição e delimitação sobre o que é pesquisa e ser pesquisador(a) em música e área de música como campo científico; processos formais de formação e autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento das pesquisas; o efeito da pandemia na formação e nas interações acadêmicas; questões pessoais que interferem na trajetória de formação; alinhamento dos cursos com as políticas nacionais de pesquisa e inovação; a contribuição das pesquisas em música para o cenário científico mais amplo; e a interdisciplinaridade e a adaptação de metodologias investigativas de outras áreas nas pesquisas em música.

Isto posto, tais categorias analisadas me possibilitaram uma substância para a compreensão de como se dá a formação de pesquisadores e pesquisadoras em cursos de doutorado em música do PPGM/UFPB e do PPGMUS/UFBA.

4.1 CONCEPÇÕES SOBRE PESQUISA E SER PESQUISADOR(A) EM MÚSICA

Para esta categoria, construí análises no sentido de buscar pensar e refletir sobre as concepções dos(as) doutorandos(as) entrevistados(as) sobre pesquisa e ser pesquisador(a) em música, buscando traçar diálogos e articulações que subsidiassem alguma definição e delimitação sobre tal aspecto, assim como tecer reflexões críticas e analíticas sobre acessibilidade e o impacto da pesquisa para a comunidade e área de música como campo científico. Tais dimensões estão distribuídas como subcategorias e estruturadas em subtópicos temáticos, definidos a partir da categoria principal.

4.1.1 Definição e delimitação sobre o que é pesquisa e ser pesquisador(a) em música

Pensando em uma perspectiva de formação em cursos de doutorado, é relevante dizer que olhar para o local, mas para além disso, o que de global há no local, é significativo, considerando as diversas formas de se fazer pesquisa, as nuances dos fenômenos estudados, os saberes e conhecimentos empíricos e, sobretudo, a experiência formativa que a ida ao campo pode propiciar ao estudante em seu caminhar científico.

Nessa perspectiva, um programa de pós-graduação, um departamento ou a universidade como um todo pode ser um espaço solidário e incentivador dessa solidariedade do conhecimento produzido, sem blocos isolados separados por paredes. Com isso, poderia haver a possibilidade de uma não reprodução de padrões positivistas de ciência, dando espaço a uma formação mais plural e diversificada do conhecimento. Logo, seria possível criar alternativas coletivas de arborizar os espaços acadêmicos, como uma maneira de abrir os horizontes do saber, de modo a proporcionar mais visibilidade àquilo que, outrora, não seria visto ou compreendido por tanta gente.

Ao buscar em órgãos de fomento, como o CNPq, o que se compreende por pesquisa ou ser pesquisador, é possível encontrar uma possibilidade de tal definição a partir da finalidade das bolsas de produtividade em pesquisa, enfatizando o seguinte aspecto:

Produtividade em Pesquisa – PQ

Finalidade: Destinada aos pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq (Brasil, 2015, p. 1).

Nesse sentido, é importante valorizar os(as) pesquisadores(as) da área de música que são bolsistas de produtividade, pois isso demonstra um destaque no cenário nacional, o que ajuda a fortalecer o impacto da produção de conhecimento novo, assim como no processo de incentivo à pesquisa e a formação de novos(as) pesquisadores(as) no âmbito da pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado.

Entretanto, a esse respeito, também é significativo refletir que as bolsas de produtividade continuem com o mesmo propósito referido pelo CNPq, de modo a não se tornar uma competição entre os pares como num cenário em uma “arena de gladiadores”, onde quem for melhor que o outro, vence; mas sim uma oportunidade de contribuir com a sociedade através de tal produção científica. Sobre o conhecimento produzido no Brasil, através de pesquisas desenvolvidas em cursos de doutorado em música, é preciso valorizar o conhecimento aqui produzido, nas diversas regiões, manifestações e saberes.

Nesse sentido, o Parecer Sucupira nº 977/65 (Brasil, 1965) traz um entendimento sobre o que é pesquisa de forma mais sistemática no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado). O parecer elenca algumas características que são fundamentais para a estruturação dos cursos de pós-graduação no Brasil, enfatizando o doutorado como etapa de formação a se desenvolver pesquisa com uma real contribuição, sendo o único momento, ou seja, na formação em nível de doutorado, em que o parecer cita o termo “pesquisa” como requisito. Sendo assim, o parecer menciona que

[o] mestrado pode ser encarado como etapa preliminar na obtenção do grau de doutor ou como grau terminal. O doutorado tem por fim proporcionar formação científica ou cultural ampla e aprofundada, desenvolvendo a capacidade de pesquisa e poder criados nos diferentes ramos do saber (Brasil, 1965).

E acrescenta, ainda, que

[d]o candidato ao Mestrado exige-se dissertação, sobre a qual será examinado, em que revele domínio do tema escolhido e capacidade de sistematização; para o grau de Doutor requer-se defesa de tese que represente trabalho de pesquisa importando em real contribuição para o conhecimento do tema (Brasil, 1965).

Tais definições e características elucidam que a realização de pesquisa e a produção de conhecimento novo está fundamentalmente vinculada aos programas de pós-graduação *stricto sensu*, nos cursos de mestrado e doutorado, sendo o primeiro curso uma etapa inicial de formação e o segundo curso uma etapa de consolidação da formação de pesquisadores, enfatizando o fazer científico e a produção de pesquisa por parte do(a) estudante.

É importante compreender esse contexto para entender que a formação de pesquisadores(as), como menciona Saviani (2007), acontece, de fato, nos cursos de doutorado. Então, essa formação e o pensar sobre ser pesquisador(a) em música nos faz refletir sobre buscar uma contribuição efetiva, mas que esteja próximo da realidade social, de modo a explorar a criatividade e o senso crítico dos(as) doutorandos(as) na área.

Isso possibilitará um avanço no conhecimento produzido, não tendo uma visão positivista e hierárquica, onde apenas o pesquisador sabe e a sociedade aprende; mas sim, ao inverso desse pensamento, onde o pesquisador aprende com a sociedade e a sociedade contribui para a aprendizagem e formação do sujeito que faz pesquisa, numa sinergia e articulação fundadas na colaboração e pensamento coletivo de produção de conhecimento.

Considerando as reflexões e análises realizadas a partir dos documentos dos cursos e dos órgãos de fomento para pesquisa e formação no Brasil, uma das entrevistadas traz uma fala significativa. Isso porque Maria mencionou alguns elementos vinculados a pesquisa em música no sentido de que ainda há aspectos a serem avançados, relatando, inclusive, outras subáreas um pouco mais consolidadas, demonstrando sua vontade de que exista uma definição mais explícita do que é pesquisa em música.

Têm algumas subáreas que a pesquisa está mais adiante. Por exemplo, na área de cognição musical, a gente já tem um grupo de pesquisadores definidos. Etnomusicologia também. Mas a gente ainda precisa, na área de música, trazer e escrever: “pesquisa em música é isso”, nessas áreas, sabe? A gente precisa se apropriar dessas definições, sabe? (Maria, 2023).

A fala da doutoranda indica que há certa ausência em sua formação durante o curso de doutorado sobre definições mais explícitas e consolidadas do que é pesquisa e produção de conhecimento em música, o que pode ser um reflexo da estrutura e da forma de pensar das linhas de pesquisa do programa em que ela faz parte. Nesse sentido, acredito ser fundamental, assim como foi refletido na caracterização dos programas de pós-graduação em música da UFPB e da UFBA, que os cursos de doutorado em música possam olhar para esse aspecto com ainda mais atenção, de modo a se vincular com a realidade de seus estudantes. Isso porque tal fala pode reforçar a necessidade de um debate cada vez mais aprofundado sobre as bases epistemológicas da área de música, em uma tentativa de compreender o fenômeno musical em suas mais diversas possibilidades de fazeres e práticas.

De tal maneira, para pensarmos o debate sobre a pesquisa em música no país, é possível encontrar autores(as) consolidados(as) na cena da produção de conhecimento em música no Brasil que já se debruçam sobre esses aspectos há algum tempo, inclusive com publicações mais recentes, como nos escritos de Queiroz (2023), onde o autor traz análises consistentes sobre a pesquisa e a pós-graduação na área. Seguindo tal contexto, acredito que pensar a formação de pesquisadores(as) em música implica em olhar para as pesquisas desenvolvidas pelos(as) doutorandos(as), assim como para as nuances que permeiam as visões de mundo de tais estudantes aprendizes de pesquisadores(as), considerando as diversas possibilidades da pesquisa em música. Logo, isso não significa que Maria desconheça o que seja pesquisa em música, mas revela uma inquietação e uma preocupação com a área em relação a perspectiva mais explícitas e um debate mais latente sobre pesquisa na área.

Nesse sentido, é importante ter um senso crítico e refletir sobre o que vem sendo

produzido pela Música enquanto campo de conhecimento. Contudo, mais do que isso, olhar para a literatura mais ampla e fazer uma análise sobre o que se fala, para, então, olharmos para nossas subáreas de forma mais específica, é tão significativo quanto. Assim, o anseio de Maria por uma definição mais clara é importante e legítimo, pois o fenômeno musical é vasto e diverso.

Com isso, de forma a contextualizar e especificar um pouco mais essa perspectiva, trago aqui como uma definição importante de pesquisa em música e que dialoga com as análises, interpretações e reflexões realizadas nesta tese. Para isso, apoio-me em Queiroz (2023) que acredita que a pesquisa em música pode ser definida considerando que

[...] a diversidade da música e a sua dimensão humana e subjetiva têm nos guiado a concepções mais alargadas, entendendo que, na pesquisa em música, racionalidade, objetividade e rigor científico são necessários, porém não suficientes para abarcar a complexidade do fenômeno musical. Assim, somam-se a esses parâmetros dimensões como criatividade, sensibilidade, relações humanas, entre outros aspectos vitais para a investigação de uma expressão cultural ampla, diversificada, complexa e subjetiva como a música (Queiroz, 2023, p. 12-13).

É importante evidenciar a diversidade de saberes, de modo a ser proposto uma formação de pesquisadores e pesquisadoras de maneira consolidada e centrada nas diversas formas de se produzir conhecimento e de se ver o fenômeno sob muitas óticas, considerando que a aprendizagem da pesquisa com esse olhar diverso é fator determinante para tal formação. Dessa forma, as estratégias utilizadas por cada doutorando(a) para realizar suas próprias pesquisas, possibilitam, assim, perspectivas singulares e plurais.

Sob esse ponto de vista, tenho definido a pesquisa em música, na conjuntura atual, como um conjunto sistemático de estratégias lógicas, racionais, objetivas, sensíveis, humanas e interpretativas utilizadas para a produção de conhecimento inovador na área. A pesquisa em música, sob esse ponto de vista, nunca é um fim em si mesma, mas uma forma complexa de descobrir, sistematizar e divulgar aspectos do mundo musical que ainda não são conhecidos (Queiroz, 2023, p. 13).

As perspectivas dos entrevistados Patrick e Lucas evidenciam um pouco essa visão, ao fazerem uma vinculação do ser músico com o fazer pesquisa. Isso porque, para Patrick (2023), “[...] *todo músico é pesquisador de música. Eu entendo que ser músico é passar a vida inteira pesquisando*”. Embora o que Patrick mencione seja possível de acontecer, pode depender de algumas variáveis. Será que todo músico é pesquisador? Será que ser músico é

passar a vida fazendo pesquisa? Acredito que a fala de Patrick é provocadora no sentido de que retrata um pouco sobre sua identidade e a forma que ele olha para quem faz música e quem faz pesquisa em música. Talvez pensar que todo músico seja pesquisador, possa levar a uma visão generalizada do que é pesquisa e do que é produzido na ambiência da pós-graduação em nível de doutorado, de forma mais específica. Então, acredito que o relato de Patrick indique uma referência ao fato de o músico ter que criar repertório, fazer suas leituras e interpretações das músicas para que possa compreender o que está sendo praticado de forma crítica e reflexiva.

Nesta tese, a pesquisa é tratada como um objetivo para produzir conhecimento, com o rigor sistemático da ciência, o que reflete que o(a) ser pesquisador(a) também precisa utilizar desses mecanismos para suas reflexões e análises, abrangendo sua criatividade e engajamento inventivo. Para Lucas (2023),

[...] ser pesquisador em música, significa conhecer é... principalmente — claro que a música do mundo, né? — mas principalmente a música da nossa cultura local, regional, estadual, nacional. Como eu moro na Bahia, é... pesquisar música, pra mim, significa pesquisar as riquezas da Bahia.

Quando Lucas (2023) se refere à pesquisa em educação musical, considera o diálogo entre a teoria e prática a partir de uma musicalidade que está presente na cultura local, através de práticas musicais diversas.

Mas na academia a gente tende a pensar a linguagem musical de outra forma. E aí, em pesquisa em educação musical, eu penso, logicamente, a música relacionada ao ensino, a aprendizagem do seu ensino. Aí, como eu gosto da cultura local, como eu gosto de valorizar a cultura, porque... poucas pessoas acabam pesquisando, né? Eu penso a pesquisa em música, em educação musical, isso: você buscar na minoria, é... buscar a cultura popular, buscar nesses mestres, buscar, é... informações, conhecimentos, que a gente possa renovar nossas formas de aprender e ensinar sem desvalorizar o que já existe. [...]. Então eu, minha perspectiva de pesquisa em música é essa: trazer a cultura local, no caso da educação musical, ensino e aprendizagem a partir dessa musicalidade (Lucas, 2023).

É possível perceber que as perspectivas de Patrick e Lucas desvelam uma perspectiva de aproximação com o ser músico e fazer música, ao passo em que também se faz pesquisa. Para Lucas há uma noção de que fazer pesquisa em música está diretamente vinculada a uma valorização da cultura popular local e regional, dos mestres de cultura popular.

É interessante notar que Ênio (2023) também faz essa articulação entre o sujeito ouvir música e saber sobre a música que está estudando, buscando ferramentas para produzir

conhecimento e entender mais sobre o que se escuta musicalmente, num exercício de reflexão e análise crítica sobre as obras e sobre seus próprios trabalhos.

Porque a nossa riqueza musical, o campo disciplinar musical não dá conta, não dá conta. Precisa abrir espaço pra uma... eu estou querendo resumir da seguinte forma. Os alunos precisam ler literatura, eles precisam ter contato com os intérpretes brasileiros, eles precisam ter algo que vai além de um pentagrama, que vai além simplesmente de tocar um instrumento. Pra quê? Pra que tenha imaginação, pra que tenha, entende? Espaço pra um desenvolvimento de pesquisa, porque a pesquisa ela precisa disso. Um bom pesquisador é uma pessoa criativa, uma pessoa imaginativa, uma pessoa... Pesquisa não é... a gente não está aqui no laboratório de química fazendo experiência com... não. Não é isso. A gente está num laboratório de invenção. Olha que provocação. Mas é isso, entende? É um campo imaginário, é um campo sensorial, é um campo da percepção (Ênio, 2023).

Isso significa que o(a) pesquisador(a) necessita compreender o contexto da música local e suas diversidades de manifestações artístico-culturais e incorporar isso no seu ofício e prática de investigação científica, numa tentativa de articular diferentes saberes e conhecimentos, sejam acadêmico-científicos, que estão nas universidades e instituições que desenvolvem pesquisa, ou do senso comum, nas diversas comunidades em que o fazer musical pode ser contemplado.

Especificamente sobre pesquisa em educação musical, Lucas menciona o fato de que o fazer científico se direciona para uma contribuição nas práticas pedagógicas e como isso pode se inter-relacionar com as musicalidades locais, possibilitando conexões entre teorias e práticas de uma forma mais consistente nesse processo de ensinar e aprender música.

Nesse sentido, a fala de Anunciada (2023) evoca uma outra percepção, considerando que é importante ter uma postura de pesquisador(a), no sentido de buscar sempre refletir sobre o que se está produzindo e tentar contribuir, seja formalmente ou não.

Eu acho que é... é ter uma postura de investigação sempre, de ir atrás de algo a mais, de não só, assim, receber as coisas, mas de contribuir também, né? E... e aí eu acho que não necessariamente precisa ser uma pesquisa... é... Sempre um tipo de pesquisa assim, né? Sei lá, é... digamos, formal, né? Assim, né? Uma pesquisa efetiva, vinculada a algum programa ou alguma coisa. Eu acho que... Essa coisa da pesquisa, ela acontece formalmente assim, mas ela também é meio que é... Acho que é muito mais uma postura, né? (Anunciada, 2023).

Tal concepção dialoga com as ideias de Mills (2009), quando o autor reflete sobre o(a) pesquisador(a) como um artesão intelectual, ou seja, a partir da prática de seu ofício. E que, a

partir disso, um(a) artesão/artesã é aquela pessoa que está sempre anotando ideias e reflexões sobre seus projetos, como um arquivo, como um diário de escrita intelectual, onde tudo que for escrito poderá fazer parte de sua produção intelectual em algum momento. Isso significa que, para Mills (2009), o que se faz academicamente não está desvinculado da vida e das experiências advindas dela.

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu próprio ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador (Mills, 2009, p. 19).

Nesse sentido, Anunciada (2023) acrescenta que é importante ter outros horizontes sobre a pesquisa, que não somente as práticas formais de pesquisa em música, através das instituições. Isso porque, para ela,

ao mesmo tempo em que a gente faz pesquisa... pesquisas oficiais, né? (risos) A gente não deixa de fazer outras pesquisas, de fazer outras reflexões, de, assim, pegar o que se já tem e de acrescentar, né? Contribuir seja com, sei lá, relatos de experiências, outras coisas que também contribui, também é pesquisa pra mim. (Anunciada, 2023).

Sendo assim, a fala de Anunciada (2023) dialoga com a perspectiva de Mills (2009) sobre a aproximação da experiência de vida com a experiência acadêmica. Isso aponta para a ideia de artesanato intelectual, ou seja, quando o(a) pesquisador(a) em formação é forjado em si mesmo, sendo o centro de seu próprio trabalho enquanto artesão, estando imerso em cada produção realizada em seu trabalho. Nessa perspectiva, manter uma aproximação entre as pesquisas que se faz e as experiências de vida, se tornam um conjunto frutífero para uma trajetória acadêmica mais leve e sólida. Mas, para isso, é fundamental que o(a) pesquisador(a) em formação tenha um senso crítico consistente sobre si mesmo e sobre a forma de interpretar o mundo. Dessa forma,

[i]sto significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato intelectual é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode ‘ter experiência’ significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar esta ação recíproca bastante

complexa, apreender o que experiencia e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão e, nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual. Mas como fazer isso? Uma resposta é que você deve organizar um arquivo, o que é, suponho, a maneira de um sociólogo dizer: mantenha um diário. Muitos escritores criativos mantêm diários; a necessidade de reflexão sistemática em que o sociólogo se vê exige isso (Mills, 2009, p. 19-20).

Acredito que utilizar um diário, como o proposto por Mills (2009), pode ser fundamental para toda pessoa que quer desenvolver pesquisa ou algo que exija uma organização sistemática. Esse diário a que Mills (2009) se refere, pode ser significativo para a reflexão sistemática no processo de formação do(a) pesquisador(a), considerando o que a pesquisa em música exige, através de um processo consistente de produção de conhecimento. Não se trata apenas de um simples diário ou um arquivo, mas o que se faz com ele. Ou seja, é o que será apreendido durante o curso de doutorado, sempre pensando de uma forma crítico-reflexiva, de modo a estar em constante movimento em relação à pesquisa realizada.

Então, nesses diários de escrita e produção intelectual, estarão todas as anotações que saíram das ideias mais espontâneas do(a) pesquisador(a) em formação e que podem contribuir, em algum momento, para o desenvolvimento de sua tese de doutorado, como um projeto de vida mais específico, juntamente com suas experiências para além do curso, ajudando a ter mais reflexões que, certamente, serão anotadas pelo(a) artesão/artesã intelectual e que poderão forjá-lo(a) durante seu processo formativo.

Nesse sentido, é significativo pensar também em uma perspectiva de uma trajetória acadêmica e de uma formação interdisciplinar, ou seja, sem uma sequência formativa na mesma área de conhecimento — Graduação em Música, Mestrado em Música e Doutorado em Música, mesmo que em subáreas diferentes, em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

Dessa forma, vale salientar uma reflexão sobre conhecimentos que foram apreendidos em uma formação durante um curso de graduação para o que está sendo realizado em um processo de doutoramento, a partir de uma visão interdisciplinar. Com isso, Ênio (2023) menciona que cursou, durante um tempo, a faculdade de música, onde estudou violão erudito, mas, pelo caráter disciplinar do curso, optou por se desenvolver na graduação em História, o que foi importante para sua base formativa em pesquisa.

[...] eu optei por ficar na História, porque eu conseguia me desenvolver mais intelectualmente, do ponto de vista humanístico e musical (risos). É contraditório dizer isso, porque na faculdade de música eu achava muito canônico e muito disciplinar e muito obtuso sobre alguns aspectos (Ênio, 2023).

Ainda segundo Ênio, enfatizando essa base no curso de História, “[...] *essa coisa de pesquisar nasceu lá. Isso eu sinto que está bem consolidado na minha formação*” (2023).

Sendo o conhecimento científico uma prática social, refletir sobre maneiras de formação de pesquisadores e pesquisadoras que contemplem uma maior aproximação com o fenômeno de estudo e, por consequência, com as pessoas (sendo a pesquisa realizada com seres humanos), do empirismo puro, há de se fazer alguns questionamentos. Isso porque, o que seria dos(as) pesquisadores(as) sem o conhecimento ou saberes advindos dos campos estudados? De que forma as pesquisas seriam realizadas sem que o “senso comum” não fosse contemplado ou não existisse, até se transformar em conhecimento científico?

Segundo Severino (2012, p. 234),

[...] o conhecimento é a ferramenta fundamental de que dispomos para a condução de nossos destinos históricos, tanto no plano pessoal como no plano social, tanto como sujeitos individuais quanto como sujeitos coletivos. E que o conhecimento é eminentemente um processo de construção dos aspectos objetivos da realidade, tais como eles se dão à nossa experiência. Vale dizer que o conhecimento se realiza no bojo de um processo epistêmico investigativo de exploração dos referidos objetos a partir de suas principais fontes que, por assim dizer, concretizam os polos de nossa experiência do mundo.

Portanto, dentro do cenário da pesquisa em música, o processo de formação em cursos de doutorado pode propiciar pensar em diálogos plurais e coletivos sobre as diversas formas de se produzir conhecimento na área, a partir dos fenômenos musicais que estão no nosso campo de visão, mas também aqueles que estão para além dos horizontes da pesquisa e da produção de conhecimento em música. Aqui vale a reflexão mais específica, de modo a pensarmos sobre para quem fazemos pesquisa em música e para que e para quem formar pesquisadores e pesquisadoras em música.

Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a formação de pesquisadores(as) em música, enquanto fenômeno de estudo. Tecer diálogos de forma coletiva tornará esse trabalho solidário ainda mais evidente no caminho para a consolidação da produção do conhecimento em música e da formação de pesquisadores(as) preocupados(as) a se engajarem com um projeto de semear e disseminar uma ecologia de saberes.

Maria (2023) relata sobre uma pequena quantidade de pesquisas especificamente na subárea de regência e fala sobre a aproximação com a educação musical. Contudo, ela considera que a área de música, de maneira geral, enquanto campo que faz pesquisa e que produz

conhecimento, ainda precisa avançar em aspectos metodológicos e de definição do que é pesquisa em música.

Então, assim, na regência, ainda, são pouquíssimas as pesquisas. Então se você, quando você pergunta sobre a pesquisa na minha área, a questão é muito incipiente, ainda tá no nascedouro, sabe, não é? Então, ainda há uma busca, ainda precisa haver uma delimitação de relatos, entre definição ou mesmo descrição de métodos. Não é nem uma pesquisa aplicada, sabe, ainda. Isso na minha área. Claro que têm outras subáreas de música que a coisa tá mais definida (Maria, 2023).

Nesse contexto, acredito que seja significativo voltar o olhar para alguns elementos singulares do fenômeno musical e da prática da pesquisa em música, mesmo considerando que ainda têm outros pontos que a área pode avançar, como explana Queiroz (2023). Desse modo, para a realização de pesquisa em música, é importante considerar as especificidades da área e das subáreas, como o tipo de gravador a ser utilizado, o tipo de gravação a ser feita, em que manifestação musical o(a) pesquisador(a) está, a sonoridade dos instrumentos ou das práticas musicais como um todo. É necessário avançarmos em perspectivas do que é pesquisa em música, mas considerando as particularidades e avanços que a área já teve numa análise intradisciplinar. Tais perspectivas são fundamentais de se fazerem presentes no âmbito da formação dos(as) doutorandos(as) em música.

Utilizando bases epistêmicas e metodológicas características das ciências humanas, e até mesmo das ciências naturais, bem como caminhos singulares da produção de conhecimento musical, a música tem se constituído como um campo potencial e em constante crescimento no Brasil. Todavia, por mais explícitos que sejam os avanços, é preciso destacar que ainda há muitos desafios a serem enfrentados pela área, o que demanda investimentos e redefinições importantes para consolidar, cada vez mais, sua inserção profissional na cena da pesquisa científica, tanto no país quanto no cenário internacional (Queiroz, 2023, p. 11).

Nesse sentido, a partir das análises realizadas nesta subcategoria, é possível evidenciar um aspecto que mostra o(a) pesquisador(a) como um sujeito que precisa sempre estar atento as suas ideias, em um constante processo de curiosidade e flexível a novas descobertas. Ser pesquisador(as) em música, nesse sentido, é mais do que apenas ler, escrever e ter cuidado com as metodologias e métodos e com o cumprimento de prazos dos cursos. É, inicialmente, ser alguém que pensa e reflete sobre o contexto em que está inserido, que busca compreender as demandas de sua realidade e da realidade que vai pesquisar.

Construir o objeto de conhecimento é, pois, pesquisar. Pesquisar, por sua vez, é expor e explorar a estrutura dos objetos, mediante instrumentos epistemológicos e técnicos adequados, a partir de fontes primárias, graças às quais esses efetivam sua realidade. As fontes secundárias apenas subsidiam essa abordagem central (Severino, 2012, p. 238)

Assim, é fundamental ter o conhecimento sistemático de como se fazer pesquisa, a partir das especificidades do fenômeno musical estudado, da literatura da área, das metodologias, métodos e ferramentas de construção e análise de dados. Mas, junto a isso, e a capacidade de interpretação da leitura para a escrita, o(a) pesquisador(a) em música não é um(a) mero(a) reprodutor(a) de dados, mas um interlocutor e artesão que escreve o que pensa e pensa sobre o que escreve, na tentativa de contemplar a diversidade das demandas sociais e refletir sobre elas, buscando elucidar a sociedade e devolver para as pessoas, de forma acessível, o conhecimento aprendido.

A apropriação de referências epistemológicas para que se possa construir o conhecimento no campo científico é, pois, exigência intrínseca para o candidato a pesquisador que é o aluno de pós-graduação. Portanto, ao lado de seu envolvimento com as tarefas operacionais de condução de sua formação pós-graduada, impõe-lhe inserir-se, corpo e alma, no debate epistemológico contemporâneo para se dar conta das referências teóricas sob as quais pretende abordar as fontes de seu objeto de pesquisa (Severino, 2012, p. 238).

Assim, fazer pesquisa em música exige o desenvolvimento de uma capacidade de reflexão e análise críticas sobre a diversidade do fenômeno musical e, conseqüentemente, exige do(a) pesquisador(a) em formação, enxergar, por meio de diversas lentes, e escutar as nuances no decorrer de seu processo formativo, assumindo um dever ético e colaborativo, para além dos departamentos e caixas impostas pelos programas e órgãos superiores, numa busca por produzir conhecimento novo de forma coletiva e responsável com os anseios do mundo atual. Nesse sentido, é fundamental refletir que “[s]omente através de conversas em que pensadores experientes trocam informações sobre suas maneiras efetivas de trabalhar é possível comunicar uma noção útil de método e teoria ao estudioso iniciante” (Mills, 2009, p. 18).

Formamos pesquisadores e pesquisadoras em música não somente para programas ou departamentos, mas, para além disso, para refletir com a sociedade sobre o conhecimento produzido na área, pois eles(as) lidarão com gente, com humanos que fazem música de diferentes maneiras e em diferentes locais, sendo, então, práticas significativas no saber científico-musical.

4.1.2 Área de música como campo científico

Pensar a formação de pesquisadores em música através da ideia de campo científico de Bourdieu (2004) faz com que possamos, enquanto área de conhecimento, refletir sobre que profissionais estamos formando e com qual propósito, de fato. O campo científico da música pode, como disciplina — ou mesmo transcendendo o modelo disciplinar, através de uma perspectiva interdisciplinar, por exemplo — em seu grau de autonomia, pensar em uma formação que, ainda que contemple o capital científico institucionalizado, no sentido do que é real e do que é possível, possa contemplar também o capital científico “puro”, considerando o engajamento e a invenção por parte dos(as) pesquisadores(as) em formação.

Na fala de Ênio, é possível perceber um certo desânimo sobre a realidade de quem quer ser pesquisador(a) no Brasil. Tal fato se dá pelo motivo de que, em resumo, é preciso entender

[...] como conciliar a criação da realidade com a realidade da criação. A realidade da criação, ela é muito pesada pra quem é pesquisador no Brasil, ela não é animadora. Você precisa ter muitas estratégias bem-feitas pra você conseguir ter êxito como pesquisador (Ênio, 2023).

Ênio menciona essa questão da realidade da criação e da criação da realidade, porque considera que a pergunta sobre ser pesquisador(a) em música tem a ver com isso, por acreditar que a questão tem relação com a realidade da vida, ao passo de que ele relata que tem sua formação “fora do cânone”, ou seja, uma formação não nuclear entre graduação, mestrado e doutorado em música. Para Ênio (2023), então,

Há a criação da realidade e a realidade da criação pra quem é pesquisador no Brasil. O que eu quero dizer com isso? A criação da realidade, porque todo campo de pesquisa, todo pesquisador, ele tem um campo utópico aonde ele quer chegar. Algo motiva ele. E a minha motivação sempre foi, pela minha própria formação fora do cânone, eu me considero de uma formação musical fora do cânone. Eu queria trazer uma contribuição pra música brasileira que ela pudesse ter um olhar mais sensível pra nossa Sociologia, nossa Antropologia, a nossa própria história, enquanto formação humana e musical, fora do cânone erudito-popular, que é tão frouxo hoje, mas, ao mesmo tempo, é uma estrutura tão, ela está tão enraizada em determinados lugares, que as pessoas não conseguem pensar fora desse parâmetro. E aí eu vi, na música armorial, que isso era minha espada, porque todo pesquisador ele precisa acordar de manhã, pegar a espada e sair pra luta. Porque é um país, basicamente, que não dá incentivo nenhum pra pesquisador, é um país intelectualmente muito frágil, o campo é muito disputado, porque ele é muito escasso, a disputa de poder é muito grande (Ênio, 2023).

A citação de Ênio (2023) evoca e reforça a ideia de campo científico, elucidada nesta tese através de Bourdieu (2004). A música, como campo científico, considerando a pós-graduação *stricto sensu* como esse espaço formativo-científico, pode contribuir para aspectos de formação que contemplem o sujeito enquanto músico, docente universitário, pesquisador(a), assim como outras diversas possibilidades que poderão surgir para o viés da atuação.

A gente ainda tem arenas, a gente ainda tem o próprio Lattes, a gente tem todas essas ferramentas de avaliação excludentes pra nossa área de música, sabe? Então, assim, é uma batalha que se, a gente não começar, não se apropriar, assim, de forma firme... Você vê aí os próprios baremas de concurso, né? Pouca coisa há em relação, dessas instituições, pouca coisa há em relação a nossa área, a questões artísticas (Maria, 2023).

As perspectivas de Maria e Ênio deixam evidente como o capital científico, a partir da ideia de campo, é eminente na área de música, considerando um espaço de lutas, de poder e de disputas, como mencionado por Maria (2023) ao tratar sobre os baremas de concurso, por exemplo. Isso parece estar “tirando” a força criativa e de engajamento dos jovens pesquisadores, uma vez que o capital científico institucionalizado está preocupado em manter essa estrutura de poder simbólico nas instituições, onde quem detém o poder é quem determina e organiza procedimentos, como as bancas de concurso, como destaca Bourdieu (2004).

Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação (Bourdieu, 2004, p. 22-23).

Nesse sentido, Maria e Ênio apontam para uma demanda que está mais próxima da realidade do capital científico institucionalizado, mas mantém a esperança do capital científico puro, considerando seus anseios em relação a contribuições efetivas e humanas com a sociedade, de modo a poder comunicar seus trabalhos de maneira engajada, colaborativa e coletiva, para além das amarras dos departamentos e programas, abrindo espaço para as ideias de pesquisa genuinamente criativas.

Um pesquisador é um intelectual. Então a gente tem que conversar com a sociedade, e publicar livros e levar isso pro público é importante. Eu penso que é. Agora, tem esse outro lado importante, que eu acho que eu tenho um pouco mais de medo, receio, mas que eu quero me preparar pro pós-doc [pós-

doutorado] pra isso, que é dialogar melhor com meus pares, entende? Ir para os congressos... e tentar, com a minha experiência, humanizar um pouco mais o campo, humanizar mais o campo. E... fala-se tanto em decolonialidade, e conhecesse-se muito pouco os intérpretes brasileiros. Então, talvez é provocar um pouco mais essa... eu tenho essa vontade. Então eu não me considero um pesquisador pronto. Graças a Deus eu estou num processo em andamento. A UFPB me deu ferramentas valiosas aqui pra eu... pra essa fase desse meu desenvolvimento, não é? Importantíssima. [...]. tudo bem que o pesquisador nasceu lá na história, mas ele... é aqui que eu estou... acho que sedimentando mesmo meu caminho, entende? Eu acho que é daqui que eu vou conseguir... num pós-doc [pós-doutorado], de repente prestar um concurso, ocupar algum lugar aonde eu possa comunicar dentro da formação, dentro da pesquisa [...] (Ênio, 2023).

De fato, assim como um artesão, que maneja muito bem suas produções, a partir de suas ferramentas e modelagens (como argila, por exemplo) e estabelece um contato genuíno com quem quer ver sua arte, assim pode ser o(a) pesquisador(a), sendo este um artesão modelando sua pesquisa através de diversas formas de conhecer o mundo, de vários tipos de visões de tantas pessoas, até estabelecer um contato mais estreito (não neutro) com o que se estuda e com quem se estuda. Tal ação permitirá devolver aquele conhecimento produzido para quem vai acessar o artesanato e ler da sua forma, sendo o conhecimento científico uma prática social e, assim, fazendo uma ponte acessível para aquele conhecimento que, antes, poderia ser mais difícil de ser acessado.

Acredito que trabalhar de forma isolada é não perceber, de fato, as nuances do mundo e as diversas possibilidades de enxergar o conhecimento. E isso faz valer a reflexão: pesquisa para quem? O conhecimento deveria, em sua natureza, ser uma prática coletiva, com humildade e solidariedade intelectuais. Nesse cenário, os programas de doutoramento, por exemplo, poderiam procurar por estratégias de formação e de produção de conhecimento que consolidem esse pressuposto de coletividade e não de isolamento.

Formamos pesquisadores(as), acredito, para o mundo, que lidarão com humanos, com gente. Ou seja, não somente para lidar com departamentos, programas e unidades acadêmicas, sendo suas interações coletivas demasiadamente importantes para a construção do conhecimento. Pensemos, então, para além das “grades” e “caixas”, e mais para os “jardins”, “vilarejos”, “parques”, “bosques” que semeiem, através de pessoas dispostas, conhecimento vivo e flexível e, mais que isso, coletivo e solidário.

Como qualquer outro segmento da educação, a pós-graduação, como lugar de produção de conhecimento, tem compromissos sociais e políticos com a compreensão e busca de soluções para os problemas cruciais enfrentados pela sociedade brasileira em cada área de conhecimento especificamente. O avanço

do conhecimento deve ser articulado à investigação de problemas socialmente relevantes, considerando as demandas da sociedade brasileira (Severino, 2012, p. 236).

Na música, por exemplo, é possível perceber diversas formas de saberes e fazeres musicais, sejam eles de cunho pedagógico, antropológico, sociológico, cultural etc., que dialogam, numa perspectiva intercultural, uns com os outros. Olhar, então, para as mais distintas manifestações musicais e suas riquezas é perceber essa pluralidade de um modo mais amplo, a partir de suas singularidades, assim como já refletia Queiroz (2004).

É significativo pensar sobre formas em que os(as) pesquisadores(as) em formação possam ter a possibilidade de refletir criticamente sobre suas práticas investigativas. Pensando na aprendizagem da pesquisa em música, é relevante considerar a autonomia do(a) estudante como uma forma livre em que um pássaro, em sua total completude, tem para voar alto. Infelizmente, nem sempre será possível voar de forma plena, pois há entraves institucionais já estabelecidos que nos impedem de fazer isso.

Com isso, é fundamental refletir sobre formas, através da ideia de campo científico, abordada por Bourdieu (2004), que contemplem pesquisadores(as) em música que saibam lidar com as regulações e relações de poder institucionalmente instauradas em nossas universidades, departamentos, programas e cursos.

4.2 ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO E AUTONOMIA

Nesta categoria, busquei traçar pontos que pudessem dialogar com eixos que permeiam estratégias de formação e autonomia em um curso de doutorado em música. Para tanto, duas subcategorias foram construídas a partir das perspectivas dos(as) entrevistados(as), de modo que foi possível contemplar análises sobre: a) processos formais e informais de formação (a partir de disciplinas cursadas, orientações, participação em grupos de pesquisa etc.); b) autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento das pesquisas (como são organizados os estudos, a dedicação, o tempo e materiais para a realização da pesquisa).

Para articular as perspectivas dos(as) entrevistados(as), foi necessário trazer alguns dados presentes nos documentos dos cursos de doutorado da UFPB e da UFBA, abordando aspectos que envolvem as estruturas curriculares, através das disciplinas obrigatórias e optativas, assim como dos direitos e deveres dos discentes e dos programas, de modo que se tornasse possível viabilizar uma visão mais específica, analítica e crítico-reflexiva sobre as estratégias de formação desses(as) doutorandos(as) e se o que foi relatado por eles(as) está ou

não na mesma direção dos documentos, de modo que possamos estabelecer conexões e discussões sobre estratégias que contemplem perspectivas condizentes com a realidade dos(as) estudantes.

Além disso, também pude encontrar pontos de cruzamento importantes no Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) (2024-2028) para pensarmos em estratégias de formação de pesquisadores(as) em nível de doutorado, considerando que o plano sugere e orienta, a partir de eixos mais gerais, possibilidades de formar e incentivar a qualidade dos estudos e pesquisas desenvolvidas pelos pós-graduandos(as).

Isto posto, pude ter um olhar mais singular sobre essas estratégias, buscando me fundamentar no que a literatura aqui abordada apresenta, de modo a ter um olhar analítico sobre como essas estratégias estão sendo pensadas e estruturadas para refletirmos e ampliarmos o debate sobre a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música.

4.2.1 Processos formais de formação

Nesta subcategoria, abordo questões voltadas a processos formais que se fizeram presentes na formação dos(as) doutorandos(as), considerando disciplinas cursadas, orientações, grupos de pesquisa etc. Ou seja, tanto aquilo que está previsto para ser realizado formalmente através de demandas do curso, quanto outras possibilidades de formação que são igualmente fundamentais para a formação de pesquisadores(as), mas que não necessariamente se apresentam como processos formais de formação.

A partir de processos formais, há maneiras de pensar para além do que se está posto. É claro que nem sempre será possível chegar em um curso de pós-graduação com uma estratégia consolidada — que, talvez, seja o mais comum — mas é possível que os(as) discentes construam suas formas de lidar com essa ambiência, com novas formas de pensar, de estruturar as ideias, as leituras e a escrita, culminando em um processo importante de formação. Assim, algumas dessas práticas ainda estão no âmbito disciplinar, e que aparecem na fala dos(as) entrevistados(as), como sendo fundamentais para abrir novos horizontes para o campo da música ou de uma subárea específica.

Dessa forma, Ênio (2023) menciona um pouco sobre suas estratégias, destacando algumas disciplinas e professores(as) que foram importantes nesse contexto. Sobre algumas das possibilidades oferecidas ao cursar componentes do curso, Ênio (2023) menciona um fator

fundamental para sua estratégia, que foi o contato com o “arcabouço teórico”, com o referencial teórico, que lhe possibilitou conhecer e compreender o desconhecido.

Eu já sabia o que eu queria escrever, desenvolver, os capítulos, etc. Eu não vim com uma coisa assim: “ah, eu não sei direito”. O que eu queria, na realidade, que eu senti que potencializou tudo que eu estava querendo foi a disciplina de Luis, de pesquisa, que a gente participou juntos. Aquela disciplina foi muito importante pra mim e também a Etnomusicologia I, que Nina Graeff ministrou, e Etnomusicologia II, que Fabinho ministrou. Por quê? Porque eu entrei em contato com o arcabouço da etnomusicologia, o arcabouço teórico, que era um campo que eu não conhecia, tá certo? (Ênio, 2023).

Ênio (2023), nesse sentido, menciona o que o motivou a estudar na UFPB, ao considerar que no programa já estavam estudando, musicologicamente, o significado da música que ele também estuda. E que, a partir disso, encontrou seu lugar dentro da Etnomusicologia, para além de aspectos de escrita musical (pentagrama), mas que estão mais voltados para questões simbólicas da música, algo proporcionado pelos seus estudos no campo da etnomusicologia.

No que se refere a essa questão simbólica da música vinculada à pesquisa e modos de se olhar para as estratégias de formação, a partir do que se propõe nos programas de doutorado em música do Nordeste, é possível encontrar parâmetros e diálogos em Cook (2006), quando aborda aspectos mais subjetivos, de modo a ampliar visões e métodos, em que a musicologia poderia se debruçar, tirando o foco de uma perspectiva positivista, abrindo a mente para outras perspectivas de mundo. E essa questão, a meu ver, entra como um ponto forte para se pensar na formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música.

E se esta virada manifesta implicasse que o significado deva ser compreendido através da observação detalhada e da análise das práticas musicais, então se pode facilmente concluir que isso é o que os etnomusicólogos sempre fizeram, de modo que a convergência da qual estou falando seria, aproximadamente, o resultado dos musicólogos abandonando sua abordagem anterior e investindo, em troca, nos princípios etnomusicológicos [sic] (Cook, 2006, p. 17).

Embora não seja objetivo nesta tese, de maneira geral, nem nesta categoria, de forma mais específica, discutir sobre questões de definição e conceitos a respeito da musicologia e da etnomusicologia, é significativo perceber o movimento de formas de ser e de interpretar o mundo e, com isso, os processos formais e informais de formação de pesquisadores(as), a partir de novos horizontes e perspectivas no cenário da música como campo científico e acadêmico.

Ou seja, é entender as contribuições dessas visões mais amplas da etnomusicologia para que possamos olhar o significado do que está por trás do fenômeno, é olhar para uma mudança, para uma quebra de paradigma nesse processo de formação em nível de doutorado.

Ainda sobre o relato de Ênio (2023), é possível perceber que sua fala demonstra uma dinâmica pertinente para pensarmos em perspectivas de formação que estejam para além de dimensões teóricas, enraizadas e aprisionadas em partituras. Dentro de uma dimensão simbólica da música, e considerando-a como campo científico, propor estratégias que se atentem à curiosidade, reflexão, análise, criticidade, contextualização da realidade pesquisada, e que possam estar voltadas a metodologias diversas para compreender o fenômeno musical, é promover a mudança, com vistas a um olhar para a construção de uma comunidade que, de fato, comece a criar uma cultura de produção de conhecimento com base na coletividade.

Assim, da mesma forma que Cook (2006) sugeriu aos(as) musicólogos(as) junto a área de música, de maneira mais geral, e aos programas de pós-graduação, através de seus cursos de doutorado em música, de forma mais específica, sobre a importância de pensarmos em estratégias fundamentalmente alicerçadas e compromissadas com a demanda da formação de pesquisadores(as) em música na contemporaneidade. Isso significa romper com paradigmas tradicionais e positivistas, com vistas a pensar em práticas pedagógico-científicas que promovam a emancipação do pensamento crítico-reflexivo e que contribuam para a abertura de novos horizontes de pesquisa e formação em música, capazes de lidar com a diversidade de saberes musicais, de modo a fomentar o engajamento e a criatividade de jovens pesquisadores(as) em seus cursos de doutorado.

Um(a) pesquisador(a) em música poderia ser, em essência, pensante. E tal característica pressupõe a prática de seu ofício. Ou seja, um(a) pesquisador(a) em música precisa estar preocupado com a realidade do mundo que vive e, conseqüentemente, que pesquisa; um(a) pesquisador(a) em música é alguém que pensa sobre o que escreve, sobre o que fala, a partir das nuances que permeiam a música enquanto cultura e prática social.

É, portanto, ser curioso(a), estudioso(a), dedicado(a), compromissado e reflexivo, que está sempre disposto a aprender com o(a) outro(a) sobre sua área, mas também sobre aspectos transversais, numa busca incessante por novas descobertas, que possam contribuir com o avanço da ciência e, sobretudo, da sociedade. É ouvir uma música e pensar sobre ela, é saber ser questionador(a) e formular questões e perguntas que possam ajudar a mover a área de música. É reconhecer e legitimar as diversas manifestações musicais e suas inter-relações com

outras culturas, ao mesmo tempo que busca refletir sobre suas próprias práticas e sua trajetória enquanto pesquisador(a).

Etnomusicologicamente falando, é pensar para além das amarras institucionais conservadoras, ao passo em que se utiliza de sua criatividade e seu engajamento, como um ser político e emancipado, para poder lidar com os fazeres institucionais. Ser pesquisador(a) em música se vincula a uma pessoa que está em constante formação e que pode ser pensado como uma analogia com a própria música e o fazer musical: tem regras e normas a serem seguidas, mas é proporcionalmente livre (ou deveria ser) para ser abstrato e subjetivo no mais alto e sublime ato de reflexão sobre as diversas interpretações possíveis.

Cada curso, cada programa de doutoramento, são mundos que contém suas singularidades, advindas dos(as) próprios(as) estudantes e do corpo docente, que contém suas diversidades, mas que, certamente, podemos juntos, a partir dessa pluralidade, promover estratégias preocupadas com as nuances do mundo, da educação e da sociedade contemporânea. É pensar sobre que música(s) escutamos, que música(s) apreciamos, que música(s) fazemos, que música(s) ensinamos, que música(s) pesquisamos e que música(s) aprendemos.

Indo um pouco na contramão do que Ênio relata, Anunciada, Maria e Lucas mencionam a importância das disciplinas, mas reforçam a ausência de estratégias e ações para formação de pesquisadores(as) que poderiam ser ofertadas pelos programas e pelos cursos de doutorado. Lucas (2023) relata que teve apenas um contato mais próximo com uma estratégia de pesquisa, a partir de uma disciplina que cursou.

Olha, é... eu fiz um componente curricular com a professora Jusamara Souza, que foi pra lá, e ela... ela foi o único momento que eu tive um contato com a estratégia de pesquisa real, assim, que ela fez. Que ela tem um livro aí que fala sobre o cotidiano. [...]. Mas aí ela tinha... Ela pesquisa... [...]. Mas aí a pesquisa era assim: você tinha que... Você saía da sala e você ia pra os corredores da escola, e você ia ficar observando. A partir daquilo que você observou, você ia fazer um relato, né? Então, essa foi a minha única, o meu único componente que eu tive, uma estratégia de pesquisa, entendeu? O que é que poderia, eles poderiam ter, eles poderiam fazer? É... um componente estratégia de pesquisa. Isso seria legal (Lucas, 2023).

A fala de Lucas (2023) desvela uma dimensão prática da pesquisa, que é sair dos livros e textos de forma enrijecida, e estar mais focado no fazer científico, de modo a sentir que, de fato, está realizando o que aprendeu. Além disso, Lucas (2023) reflete sobre ter estratégias que possibilitassem uma aproximação com a realidade da pesquisa em sala de aula, do contexto em que cada estudante faz pesquisa, pois segundo Lucas (2023), “[...] isso não é difícil. Mas eu não

tive essa estratégia de pesquisa assim [...]. [...] Mas a estratégia de pesquisa é uma coisa fundamental, pô. E se tivesse, eu acho que eu ia ficar menos perdido, entendeu?”.

Anunciada (2023) acrescenta que não percebeu ações de incentivo à formação de pesquisadores(as), mas sim algumas estratégias pontuais, ao considerar que, dentro do programa, não vê motivações para que se possa, ao finalizar o curso de doutorado, continuar realizando pesquisa, pois, para ela, “*isso precisa ser mais incentivado*” (Anunciada, 2023). É fundamental pensar em estratégias mais eficazes, quando se pensa na natureza de um curso em nível de doutorado, que exige dos(as) estudantes reflexões mais maduras e percepções de mundo mais amplas para interpretar questões do mundo contemporâneo, a partir do campo da música.

Ao mesmo tempo que Anunciada (2023) relata sobre essa ausência do programa, chama atenção para as responsabilidades dos discentes, pois essas estratégias também podem ser fomentadas pelo corpo discente e pela comunidade acadêmica, de forma geral. Nesse cenário, acredito ser importante ressaltar alguns dos deveres do estudante, dispostos na resolução 03/2018 do PPGM/UFPB, que traz a seguinte redação:

I - ser assíduo, cumprindo rigorosamente as atividades planejadas com o orientador; II - **participar das atividades acadêmicas oficiais do Programa**; III - acatar as propostas acadêmicas e sugestões do(s) orientador(es); IV - dedicar-se ao desenvolvimento de seu trabalho final, sob a supervisão do(s) orientador(es); V - encaminhar o projeto de dissertação ou tese que se constituir em pesquisa envolvendo seres humanos ou animais, previamente ao seu desenvolvimento, para a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB, em consonância com as diretrizes e normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde; VI - **participar de eventos da área de Música e/ou áreas afins**; VII - **submeter artigos para publicação em revistas com Qualis, na área de Música e/ou áreas afins**; VIII - realizar o Estágio de Docência; IX - **estar presente, sempre que possível, às sessões de defesa de trabalhos finais**; X - apresentar à coordenação do Programa os exemplares do trabalho final (Brasil, 2018, p. 15, grifos nossos).

Alguns dos deveres estabelecidos pelo programa, como os grifados por mim, se fazem presente na fala de Anunciada (2023), demonstrando uma proximidade, em certa medida, com o que ela vivenciou como estratégia, mesmo tratando de algumas ausências. Nesse sentido, é fundamental esclarecer que, para além de apenas reclamar que não há uma ação efetiva ou que não são desenvolvidas atividades que proporcionem estratégias para os(as) doutorandos(as), é necessário que os(as) alunos(as) tenham consciência do que estão fazendo, pois se trata de uma dimensão ética do pesquisador(a) em formação. Ou seja, reconhecer qual está sendo minha contribuição, dentro de um coletivo, para uma participação mais efetiva nessas ações, de modo

que os(as) próprios(as) estudantes possam, a partir de uma autocrítica, e de um exercício de autoanálise, também propor possibilidades e soluções para o programa.

Para Anunciada (2023), as disciplinas de pesquisa funcionam como uma estratégia de formação para a pesquisa, sendo algo mais estruturado, com mais formalidade. Ela considera que existem coisas que são tão importantes quanto o próprio ato de fazer pesquisa, mas que poderiam ser mais efetivas (Anunciada, 2023). E isso, como mencionado anteriormente, é algo que pode ser fomentado pelos próprios discentes e pela comunidade, que não somente pelo programa. Cada um precisa fazer e saber a sua parte, ou seja, seus direitos e deveres, que estão vinculados a essas estratégias.

Destarte, segundo Anunciada (2023), estratégias de formação de pesquisadores está para além de saber ou aprender o que é pesquisa, mas vendo como as pessoas estão realizando suas pesquisas e discutir com elas sobre isso, pois tal fato “[...] *é muito importante, assim, tanto quanto, né? E... e eu acho que isso... É... acontece, mas, no meu ponto de vista, isso podia acontecer mais, né? E... eu acho que isso também é uma estratégia feita pelo programa, enfim*” (Anunciada, 2023).

Nesse sentido, Anunciada (2023) complementa que acompanhar defesas também são estratégias importantes para esse processo de formação.

A gente acompanha, por exemplo, defesas. E isso... eu entendo que isso também é uma estratégia de se aprender pesquisa, né? Mas eu não vejo que isso seja, assim, é... Tão incentivado, né? Então eu acho que isso também é importante. Eu vejo assim... Uma preocupação... Principalmente no estruturado, no formalizado de ensinar pesquisa, mas eu acho que, é... esse ambiente da pesquisa, esse... a pesquisa de outras pessoas, né? Essa comunidade pesquisa, um grupo de pesquisa, enfim, acho que isso é tão importante quanto, né? E... Que seja incentivado, enfim, que faça parte, né? Talvez a gente ter mais tempo pra isso, de repente a gente debater mais, assim, as coisas que acontecem ou, né? Que eu acho que isso não... A gente acaba, assim, é... dedicando mais tempo pro que é obrigatório. E, talvez, pudesse haver um espaço maior pra esse, pra essa parte da formação, né? Do pesquisador (Anunciada, 2023).

Maria (2023), por outro lado, menciona, além das disciplinas cursadas, o fato de poder participar de grupos de pesquisa, pois, para ela, é um espaço importante para formar um(a) pesquisador(a) em música, considerando suas nuances, interações e compartilhamentos de ideias, leituras e reflexões.

Por exemplo, acesso a outros grupos de pesquisa, uma relação do orientador com outros pesquisadores inseridos em outros grupos. Isso é fundamental. A

participação em grupos de pesquisa. Isso é essencial. Porque, assim, a gente tem a oportunidade de ver o que é pesquisa e o que não é, sabe? Por exemplo, a gente acha que é pesquisa e não é. Às vezes a gente tem acesso a leitura e a discussão, algo assim. Na minha opinião, para você ser um pesquisador em música, a primeira coisa é você fazer parte de um grupo. Por quê? Porque isso dá segmento a vários conceitos pra você também expor a sua pesquisa, vê o que já tem sobre o que é pesquisa. Porque, na discussão em grupo, aí a gente tem aquele que foi mais, aquele que foi mais empenhado em outras áreas. Então a gente consegue definir. Então, assim, participar de um grupo de pesquisa, pra mim, é muito importante (Maria, 2023).

A visão de Maria, diferente da perspectiva de Anunciada, considera fundamental ter bem definido o que é pesquisa, pois para ela, é fundamental saber sobre o que é pesquisa, a partir da discussão em grupo. A fala de Maria desvela uma compreensão sobre a produção de conhecimento de forma coletiva e colaborativa, pois, é a partir do diálogo com o outro, que se pode ter visões e dimensões diferentes, de modo que faz com que o pesquisador(a) em formação saia de um lugar mais isolado e solitário e entre em um caminho de construção coletiva do conhecimento, como abordam Severino (2009, 2012), Bianchetti (2006) e Bourdieu (2004).

Isso, em uma análise mais voltada para o que acontece nos programas e departamentos, pode favorecer a um engajamento dos(as) jovens pesquisadores(as), de modo a fomentar suas autonomias e criatividades, a partir de grupos de pesquisa, participação em congressos, colóquios etc., que são atividades básicas, mas relevantes para esse processo de formação. A partir dessa perspectiva, contemplar estratégias que estejam alinhadas com aspectos de formação que busquem não só produzir conhecimento, mas pensar sobre esse conhecimento produzido de forma qualitativa, é reconhecer e legitimar condições que possam auxiliar no desenvolvimento da capacidade crítica dos(as) estudantes, de modo a lhe darem um suporte para uma formação sólida e consistente, pautada na preocupação com as realidades da sociedade.

Uma forma de não se perder nesse labirinto repleto de produtivismos, e sem nenhuma direção coletiva, apenas o movimento solitário e isolado, é pensar na coletividade enquanto uma estratégia de formação de pesquisadores(as). Nesta vida acadêmica e científica, Bourdieu (2004) faz uma reflexão sobre como os pesquisadores se sentem ao estarem sozinhos e sem respaldo coletivo.

Como afirma Bourdieu (2004), há material para pensarmos nesse lugar de sofrimento científico, considerado aqui como a relevância da construção coletiva do conhecimento no processo de formação de pesquisadores(as). Esse isolamento é percebido na fala de Maria (2023), quando ela menciona que não vê nenhuma ação voltada para formação de

pesquisadores(as) e alerta que a área dela, a performance musical, ainda está com dificuldade em relação a isso. No entanto, acredito que não seja algo exclusivo da subárea de performance musical, mas também de muitas outras áreas de conhecimento, para além da própria música. É um problema social. Nesse sentido, Maria (2023) relata que:

Então, assim, eu vejo pouco movimento efetivo de formação de pesquisadores e pesquisadoras. Eu posso falar isso do meu, da minha própria... do meu programa na minha área. Eu não posso falar com efetividade dos outros programas, das outras áreas. Mas, na nossa área de performance, ainda há muito... é como eu falei antes: é muito incipiente. Então eu não vejo nenhuma articulação ainda sendo construída, nenhum trabalho sendo, de fato, construído.

No entanto, é importante ressaltar que, assim como foi trazido na categoria anterior, os programas de pós-graduação em música da UFPB e da UFBA, a partir de seus documentos, elencam objetivos de modo a contemplar a formação de pesquisadores(as) e professores(as) para atuarem no ensino superior. Mas, mesmo assim, o que se encontra nas perspectivas dos(as) estudantes, não está totalmente condizente com o que os documentos explanam. Há um distanciamento entre o ideal e o real de formação. É importante ouvir mais os(as) estudantes sobre qual a real necessidade de formação de pesquisadores(as) em música, mas, mais do que isso, fazer uma articulação com estratégias coerentes com as nuances da sociedade e ter, de forma evidente, que pesquisadores(as) estão sendo formados(as) e com qual objetivo.

Em seu eixo 1, PNPG (2024-2028) define dois objetivos que dialogam com as perspectivas dos(as) entrevistados(as), de modo a buscar uma ampliação da formação em nível de pós-graduação, a partir de uma perspectiva que esteja voltada para “[a]mpliar a formação pós-graduada orientada para as demandas do mundo do trabalho no contexto de uma sociedade sustentável, diversa e equitativa” (Brasil, 2023, p. 95). Para além disso, são elencadas estratégias que possam subsidiar tal objetivo, considerando pontos, como:

Induzir a criação de programas de pós-graduação e linhas de pesquisa em áreas ainda não ofertadas, bem como a **inovação das matrizes de formação pós-graduada, que priorizem os desafios e as demandas atuais da sociedade e das novas gerações**, alinhados com a Agenda Nacional de Formação de Recursos Humanos de alto nível (Brasil, 2023, p. 95, grifos nossos).

Nesse sentido, buscar compreender os elementos que se fazem fundamentais para estratégias de formação, dentro de processos formais da instituição, é significativo, de modo a entendermos se os documentos e as proposições que regulamentam a cena da pós-graduação,

são condizentes ou não com a realidade dos(as) estudantes. Dessa forma, é significativo refletir sobre a proposição do PNPG (2024-2028), no sentido de que, realmente, ultrapasse uma mera dimensão teórica da realidade, contemplando novas formas de olhar e de refletir no que se refere à formação de pesquisadores(as) em nível de doutorado em música, para que, assim, se tenha um efeito prático e efetivo nos cursos. É importante ponderar, dessa forma, para qual caminho iremos trilhar, de modo que possamos vislumbrar avanços e inovações nesse contexto educacional.

No cenário da pós-graduação, a partir do que a universidade pode oferecer, podemos vislumbrar possibilidades que forneçam subsídios para os(as) estudantes em nível de doutorado. Quanto a isso, em um primeiro momento, Ênio (2023) faz uma crítica à formação do(a) pesquisador(a) desde a graduação, pensando em alguém que almeja traçar uma trajetória até o doutorado. Isso porque, segundo Ênio, há uma fragilidade nesse aspecto, notadamente, junto aos(as) colegas de curso.

Eu noto que meus pares eles chegam com muita fragilidade. Eu notei isso no doutorado com alguns pares, dentro das disciplinas. A maneira como as pessoas leem um texto, a maneira como elas expressam determinadas ideias, porque, talvez, essa coisa tão disciplinar da música ela acaba... E eu como venho das ciências humanas, como eu te falei, eu passei quatro anos lendo 700, 800 páginas por semana. Então eu terminava o ano com muitos livros lidos e muitos fichamentos. Lá que eu aprendi fazer tudo, então aqui ninguém precisou me ensinar como é que eu ficho, como é que eu pesquiso, ninguém precisou me explicar isso (Ênio, 2023).

Em sua fala, é possível perceber que o doutorando teve, ao longo de sua formação, diversas possibilidades que o fizeram chegar ao doutorado já mais adaptado com a ambiência e as demandas exigidas no curso. Nesse sentido, o pensamento de Ênio parece não ter a ver necessariamente apenas com o dilema entre produtividade ou produtivismo e a qualidade da produção científica, como aponta Saviani (2010), quando trata sobre esse aspecto no contexto da pós-graduação, mas sobre a qualidade durante o percurso formativo, pensando no debate de ideias, na leitura dos textos, nas interações entre os pares e nas conversas de corredor. Porém, mais do que isso, é se ater a uma formação consistente que perpassa um vasto caminho acadêmico, desde a graduação, passando pelo mestrado, até o doutorado, estando, na base, ou seja, nos cursos de graduação em música, a responsabilidade de fomentar essa formação científica.

A perspectiva de Ênio (2023) revela, no âmbito de sua formação, que não se trata apenas de ler 700 páginas ou 1000 páginas, mas sim do entendimento e da compreensão de

mundo que vou ter sobre as páginas lidas, ou seja, trata-se da capacidade analítica, interpretativa e reflexiva do sujeito em formação. Portanto, acredito que uma formação consistente começa desde a graduação, mas é preciso, primeiro, saber os motivos de tais estudantes, mencionado por Ênio, chegarem com essa fragilidade. Assim, é importante pensar sobre isso e que nós, enquanto alunos(as) de doutorado em música, também façamos uma autoanálise sobre tal necessidade. A universidade tem seu papel, mas o estudante também precisa ter suas responsabilidades e entender que estar em um curso dessa natureza não pode (ou não deveria) ser apenas um cumprimento burocrático para a obtenção de um título acadêmico, mas um espaço de congregação de ideias e de pensamentos.

Outra perspectiva apontada por Ênio foi sobre sua estratégia para o desenvolvimento no curso ao chegar na UFPB e o que a instituição pôde ofertar como suporte para a aplicação de sua estratégia.

Eu acho assim, a minha estratégia eu trouxe, eu estou falando do meu caso. A minha estratégia eu cheguei com ela. O que a pós fez foi me dar as ferramentas pra eu aplicar bem minha estratégia, aí isso só a UFPB, e eu sou muito feliz e eu não me arrependo de ter vindo pra cá. Eu sinto muita alegria de dizer que, assim, eu estudo aqui e parte da minha produção eu comecei publicar esse ano [2023]. Três publicações. Um volume de uma obra, o segundo volume e um artigo na Sorbonne. Publiquei aqui, doutorando em música. Mas foi a condição que eu tive pra poder fazer isso. Então, ou seja, ela [UFPB] me forneceu as ferramentas pra eu aplicar bem a minha estratégia (Ênio, 2023).

A trajetória de Ênio indica uma perspectiva madura e segura sobre a realização de seu trabalho e sobre o que queria fazer no curso de doutorado. Mesmo sendo algo bastante pessoal da realidade de Ênio, pode ser que outras pessoas compartilhem de uma situação semelhante. Mas, como mencionei em outro momento, a estratégia pode ser desenvolvida durante o curso, pois a formação e a pesquisa são vivas, flexíveis e podem mudar de rota algumas vezes, considerando as nuances do fenômeno estudado, as disciplinas cursadas, os diálogos com os(as) colegas e com os(as) docentes etc. Contudo, ao mesmo tempo em que Ênio fez uma ressalva sobre a preparação de um(a) pesquisador(a), ressaltou na fala citada acima, que teve um suporte e as ferramentas necessárias a partir da UFPB, o que evidencia o papel fundamental que a universidade e o programa de pós-graduação — enquanto campo de formação — têm no processo formativo de pesquisadores(a) em música.

Sobre ter um planejamento que seja condizente com a estrutura organizacional da pós-graduação, em termos acadêmicos formais, é significativo pensar em olhar para essa trajetória

desde a escrita do projeto de tese. Isso porque é nesse momento, no desenvolver do curso, que o(a) doutorando(a) em música poderá identificar as ferramentas possíveis para sua formação, não só no âmbito formal.

É pensar em elaborar projetos que reflitam a criatividade do pesquisador em formação, fazendo-o pensar e não somente voltados para perspectivas financeiras institucionais. Ou seja, é ter em mente que, não é interessante apenas desenvolver projetos, que podem ficar guardados por anos, somente pensando em recursos de capital. Essa perspectiva é importante de ser evidenciada, mesmo durante a formação, pois os(as) doutorandos(as) terão a oportunidade, se assim quiserem, de desenvolver pesquisa profissionalmente. Sobre essa questão, Mills (2009) ressalta que

[u]m jovem, desde o início de seu trabalho independente, deve refletir sobre isso, mas não se pode esperar – e ele próprio não deveria fazê-lo – que vá muito longe com nenhum plano único, e decerto não deveria ficar rigidamente comprometido com ele. Quase tudo o que pode fazer é organizar sua tese, que infelizmente é muitas vezes seu primeiro trabalho de alguma extensão supostamente independente. É quando você está mais ou menos na metade do tempo que dispõe para o trabalho, ou já fez cerca de um terço, que esse tipo de revisão tem maior probabilidade de ser frutífero – e talvez até de interesse para outros (Mills, 2009, p. 21-22).

Essa ideia dialoga com a perspectiva do capital científico puro, quando pensada no engajamento do pesquisador em formação, como apontado por Bourdieu (2004). Nesse sentido, é possível perceber que um curso de doutorado pode ser o primeiro momento de um trabalho mais independente, com um pouco mais de autonomia, o que torna necessário um processo de reflexão sobre a organização e o desenvolvimento de estratégias de formação que possibilitem contribuir para a produção de conhecimento novo a partir de um coletivo, de modo a desenvolver estratégias e planos flexíveis, que podem ter mudanças no meio do caminho.

Nessa perspectiva, um outro aspecto a se refletir, considerando a pós-graduação como um espaço de formação, portanto, pedagógico, é sobre o processo de orientação. Tal demanda aparece nas perspectivas dos(as) entrevistados(as) como sendo uma das estratégias fundamentais para a formação do(a) doutorando(a) em música enquanto pesquisador(a).

Há um consenso entre os(as) entrevistados(as) sobre a importância da orientação, mas durante o processo, pode haver questões singulares, que tem a ver com o desenvolvimento e a responsabilidade de cada um(a). Então, existem pensamentos mais condizentes com a proximidade do(a) orientador(a), ou seja, sobre acompanhar mais de perto o trabalho desenvolvido, mas também outros pensamentos mais voltados para a flexibilidade, respeitando

mais a autonomia do estudante. É fato que, para Severino (2012) a orientação é como um processo de ensino e aprendizagem, em que o(a) orientador(a) é um educador, alguém que facilita a aprendizagem de seu orientando.

Nesse sentido, Patrick (2023) relata que

o processo de orientação... Ele... ele sempre tem suas coisas boas e suas coisas que... podem ser não muito boas. É... Eu me sinto muito afortunado pela orientação que tenho, mesmo com os questionamentos sobre, é... o sistema. É isso, né? O meu questionamento é... principalmente sobre como poderia funcionar melhor a orientação. É... Como te falei, é... para mim é muito importante a pessoa. A pessoa que orienta, se essa pessoa é uma referência, por isso é orientadora, porque é uma referência.

A fala de Patrick dialoga com a de Lucas (2023), ao mencionar que aprendeu como não se deve orientar alguém, pois sentiu uma ausência de sua orientadora quando da leitura de sua tese, por exemplo. Essas perspectivas demonstram que o(a) orientador(a), de fato, necessita ter um momento reservado para seus orientandos(as), pois, em algum momento, também já passou por isso. O que parece haver são “estilos” de orientação, a partir de uma perspectiva de visão de como o orientador(a) foi orientado. Ou seja, orientar da forma que aprendeu ao ser orientado (em uma perspectiva mais tradicional do ensino) ou criar sua própria identidade enquanto orientador(a) (a partir de necessidades mais inovadoras). Para Patrick (2023), o orientador(a) é uma referência. Já no percurso de Lucas (2023), a sua experiência aconteceu da seguinte forma:

[...] no meu doutorado eu aprendi o que eu nunca devo fazer, velho, que é você deixar o orientando perdido. Você não dá orientação, você não responder uma mensagem, você não dá o feedback, sabe, velho? [...]. E esse direcionamento no doutorado, cara, é importantíssimo e eu tô vendo, além dessa minha orientadora, outros orientadores com esse mesmo... com essa mesma política. Aí acho uma pena, eu acho uma pena. [...]. Então, não é uma coisa geral do programa de pós-graduação. É só algumas pessoas, entendeu? E eu tive essa experiência, infelizmente, que, pra mim, serve como experiência (Lucas, 2023).

Tais perspectivas emanam a necessidade de analisar o que compete ao(à) orientado(a), a partir dos documentos dos cursos, pois ajudará a elucidar como o programa pensa tal questão. Ao fazer uma leitura sobre isso, é possível perceber e identificar pontos em comum nos dois programas, tanto no PPGM/UFPB quanto no PPGMUS/UFBA. No que se refere às atribuições do orientador, a resolução 003/2018, do PPGM/UFPB, traz algumas atividades. Contudo,

citarei apenas algumas que estão mais diretamente vinculadas ao processo de acompanhamento do(a) orientando(a).

Art. 23. Compete ao orientador:

I - assistir o(a) orientando(a) no planejamento de seu programa acadêmico de estudo; II - assistir o(a) orientando(a) na escolha de disciplinas no ato de cada matrícula; III - autorizar o(a) orientando(a) a encaminhar o projeto de trabalho final para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instância adequada da UFPB, quando tratar-se de pesquisa envolvendo seres humanos. IV- assistir o(a) orientando(a) na preparação do projeto de trabalho final; V - acompanhar e avaliar o desempenho do(a) orientando(a) nas atividades acadêmicas; VI - diagnosticar problemas e dificuldades que estejam interferindo no desempenho do(a) orientando(a) e orientá-lo na busca de soluções; [...] XI - acompanhar o(a) orientando(a) na execução da dissertação, ou tese, em todas suas etapas, fornecendo os subsídios necessários e permanecendo disponível para as consultas e discussões que lhe forem solicitadas (Brasil, 2018, p. 13).

A resolução deixa clara a importância de ter o acompanhamento do orientador(a) durante todo o percurso do doutorado, independentemente do “estilo” de orientação. Isso porque o(a) doutorando(a) ainda está em formação como pesquisador(a), enquanto o orientador já tem mais experiência. Isso porque o que acontece, muitas vezes, é que alguém, mesmo com pouco tempo após a conclusão de um curso de doutorado e não que teve nenhuma experiência ou formação para orientar na pós-graduação (mestrado e doutorado), passa a ter essa responsabilidade de orientador(a) de mestrandos(as) e doutorandos(as), tendo que ganhar essa “bagagem” e essa experiência durante os processos de orientação. Esse é um tema discutido por Bianchetti (2022) ao tratar sobre o processo de formação de orientadores(as). O autor constatou que

[...] a orientação se materializa em um espaço institucional, atravessado pela hierarquização, e se caracteriza como uma relação na qual o exercício do poder pode ser implementado de formas e intensidades diversas, a depender da concepção e experiência do orientador (Bianchetti, 2022, p. 6).

Ainda nessa perspectiva, o regimento interno do PPGMUS/UFBA menciona as atividades que competem ao orientador, sendo algumas como:

Art. 33 – Compete a/o Orientador/a:

a) acompanhar o/a aluno/a ao longo da sua vida acadêmica, orientando-o na escolha e desenvolvimento de componentes curriculares e atividades, elaboração e execução do projeto de dissertação, tese ou memorial; b) diagnosticar problemas e dificuldades que estejam interferindo no

desempenho do/a estudante e orientá-lo/a na busca de soluções; c) manter o Colegiado informado sobre as atividades desenvolvidas pelo/a orientando/a, bem como, solicitar as providências cabíveis ao atendimento do/a estudante na sua vida acadêmica [...] (Brasil, 2019, p. 10).

Ao analisar os dois trechos e articular com as perspectivas dos dois entrevistados, é possível identificar divergências entre o que está proposto nos documentos e o que acontece, de fato, na formação desses estudantes. Os documentos são claros quanto às atividades dos orientadores. Contudo, vale ponderar que são experiências isoladas e que, portanto, não refletem a realidade de todos(as) os(as) discentes, pois também não é esse o objetivo desta tese. Nesse sentido, ao pensar em metodologias diversas de orientação, Bianchetti (2022) menciona que

[é] em períodos mais recentes, frente a transformações de caráter institucional da pós-graduação, decorrentes de mudanças na forma de avaliação e financiamento por parte dos órgãos oficiais, paralelamente a questões conjunturais e estruturais – *rankings*, por exemplo –, que se passa a falar em estratégias, como orientações virtuais, coorientações, orientações coletivas, redes colaborativas e direcionamento da práxis dos grupos de pesquisa para incluir a orientação como um componente pedagógico (Bianchetti, 2022, p. 5).

Patrick e Anunciada, por exemplo, trazem outra visão sobre as orientações que tiveram. Patrick destaca a importância de ter um comprometimento e um engajamento entre quem orienta e quem é orientado.

Geralmente a pessoa que orienta não tem tanto tempo pra ler com detalhe as questões que os discentes e as discentes escrevem. Geralmente é uma tarefa que requer... Para ser mesmo assim... É... Comprometida tem que ter um... precisava ter um engajamento entre a pessoa que orienta e a pessoa que é orientada, que não é tão simples de conseguir, porque, logicamente, a pessoa que orienta tem suas responsabilidades [...] (Patrick, 2023).

Para Anunciada (2023), a orientação foi importante no processo de sua pesquisa, apontando para aspectos que desvelam o incentivo da orientadora para a reflexão de sua orientanda, fomentando o desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva. Segundo Anunciada (2023),

como eu falei pra você, acho que é um processo que acontece, da orientação, com base no respeito e com base na autonomia do aluno, né? No caso, é... eu pesquisadora, né? É um processo assim que... Acho que a minha orientadora, pelo menos ela tem um papel assim de levantar reflexões em mim, né? Mas

que me deixa muito à vontade pra que eu tome as minhas escolhas. E eu acho que isso foi muito... É... Foi muito bom, né? (Anunciada, 2023).

Tal aspecto levantado por Anunciada é reforçado por Severino (2012), quando trata sobre o orientador como um educador. Nesse processo, como comentei anteriormente, é fundamental manter um diálogo e ter um acompanhamento do(a) orientador(a) junto ao discente, respeitando as singularidades de cada um(a). Nesse sentido, as conversas e os debates sobre a pesquisa, nesse processo de formação, podem acontecer de forma mais fluída e recíproca.

A função do orientador deveria ser aquela de um educador, cuja experiência, mais amadurecida, compartilha com o orientando, num processo conjunto de construção de conhecimento. Duas partes interagindo, num processo de diálogo, respeitando-se a autonomia e a personalidade de cada uma das partes. O orientador não é nem pai, nem tutor, nem advogado de defesa, nem analista, mas também não é feitor, coronel ou coisa que o valha. Ele é um educador, estabelecendo com seu orientando uma relação educativa, com tudo o que isso significa no plano da elaboração científica. Como tal, pressupõe necessariamente um trabalho conjunto em que ambas as partes crescem, se enriquecem reciprocamente (Severino, 2012, p. 242).

Nesse sentido, as perspectivas de Patrick e Anunciada demonstram outras peculiaridades, apontando para a autonomia dos(as) discentes e para a metodologia abordada pelos(as) orientadores(as). Acredito que em uma trajetória que pode chegar até quatro anos, essa relação entre orientador e orientando necessita de cuidados e atenção para um olhar humanístico, de modo que se tenha um processo de ensino e aprendizagem pautado no diálogo e na interação de ideias, de reflexões, e de contribuições de um para o outro, como uma troca de experiências, de forma recíproca. Isso também demonstra uma estratégia, no âmbito institucional, para uma qualidade de vida das pessoas que compõem esse espaço chamado pós-graduação.

Considero que cada orientação é única, pois cada pesquisa é única, cada pessoa é única, tendo suas singularidades e suas subjetividades. Então, assim como trouxeram Patrick e Lucas em suas perspectivas, é fundamental olhar para um processo de orientação que esteja mais próximo do estudante, que seja uma pessoa de referência, pois, seja no mestrado ou no doutorado, o orientador será uma das pessoas que, em teoria, o discente mais terá contato, sobretudo em um curso com uma duração maior.

A fala dos entrevistados desvela que há uma diversidade de saberes e experiências e que lidar com essas questões é fator fundamental para uma estratégia de formação que tenha

como base a reflexão o pensamento crítico, voltado para aspectos que legitimem as práticas de pesquisa dos(as) doutorandos(as), aprendizes de pesquisador(a) em música. Dentro de uma visão do campo científico de Bourdieu (2004), é um espaço de lutas de poder, em que, de um lado, há processos formais mais engessados pelo capital científico institucionalizado e, por outro, existem processos também formais, mas um pouco mais abertos, que priorizam o engajamento dos(as) pesquisadores em formação e a sua emancipação do pensamento, através do capital científico puro.

Nesse sentido, vale refletir que pensar em estratégias de formação é pensar a própria pós-graduação como um campo científico, que é responsável por formar diversas pessoas em nível de mestrado e doutorado na área de música. Então, sejam disciplinas, grupos de pesquisa, acompanhamentos de defesas de dissertação ou tese, processos de orientação etc., todas essas atividades se caracterizam como estratégias que podem compor a formação do(a) pesquisador(a) em música e que, a depender do contexto, podem se aliar a outras e, assim, produzir novas, desvelando outras formas de se conceber esse percurso formativo.

4.2.2 Autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento das pesquisas

Ao final da segunda subcategoria, em que tratei sobre “Área de música como campo científico”, refleti um pouco sobre o pensamento para uma autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento de suas pesquisas, articulando com a ideia de campo científico, de Bourdieu (2004). Nesse sentido, para esta subcategoria, busquei analisar e refletir aspectos voltados para a autonomia dos(as) doutorandos(as) no desenvolvimento de suas pesquisas, considerando como eles(as) organizam seus estudos, os materiais e a escrita da tese.

Nessa perspectiva, poder ouvir os doutorandos(as) sobre o desenvolvimento de suas pesquisas me possibilitou ascender para questões importantes no que se refere às diversas formas de se fazer pesquisa em música, de articular o que aprendeu durante o curso e aplicar, de buscar um planejamento que seja coerente para cada um(a), de entender e olhar para metodologias diferentes e compreender que o fazer científico na área é diverso e plural. Diante disso, a autonomia dos(as) estudantes também se mostrou evidente durante a formação no doutorado. Com isso, foi possível perceber que o(a) doutorando(a) pode passar por diferentes etapas e fases, até encontrar a que mais se aproxima com o seu ofício intelectual, pois isso demonstra um processo de amadurecimento do ser pesquisador(a) que está em formação.

Nessa direção, Anunciada (2023) menciona que é em um curso dessa natureza, em

nível de doutorado, que se tem uma autonomia diferente e que, para ela, se mostrou como uma grande diferença. Ela acredita que é fundamental ter contato com outras pessoas, com outras pesquisas, que, quanto mais isso for desenvolvido, mais ela terá contato com pesquisas diversas, pois isso dá a possibilidade de enxergar outras metodologias, outras temáticas, assim como em formas de pesquisa. Isso significa que, para Anunciada (2023), o curso de doutorado em música proporciona ao doutorando(a) a possibilidade de revisitar aspectos metodológicos de pesquisa e, nesse sentido, poder ter um aprofundamento das questões da pesquisa desenvolvida por ela, tendo mais tempo para refletir sobre o que foi feito antes. Anunciada, nesse sentido, acrescenta e relata o seguinte:

Eu acho que o mais interessante pra mim, como pesquisadora, eu acho que é o contato com outras pesquisas, é... que permitem com que eu veja outras possibilidades, né? E que surjam aí mil ideias pipocando que não tão na hora de pipocar (risos). Agora eu preciso terminar minha pipoca, né? (risos) E... mas que vão abrindo, assim, acho que é... outras inquietações. Fala: “cara, isso também, nossa, eu, isso, olha, eu podia ir por esse lado, olha, né?” Então eu acho que esse contato que a gente acaba tendo, é... não que a gente não tenha quando a gente não tá no curso, né? mas é que a gente tem isso, assim, o nosso foco fica mais, né? Acho que o foco, é... ele fica mais direcionado pra pesquisa. Então isso acho que abre assim, né? Você fica mais familiarizado com um monte de outras pesquisas e de outras formas de se fazer. Enfim, acho que que isso tá contribuindo bastante, pensando em futuras pesquisas, né? Concluindo agora, é... o doutorado (Anunciada, 2023).

A fala de Anunciada (2023) desvela a importância de o(a) estudante de doutorado em música ter autonomia ao desenvolver sua pesquisa, de conhecer outras possibilidades metodológicas e de poder aprofundar suas reflexões o que, pelo tempo do curso, é bem possível de ser realizado. Nesse sentido, tal autonomia gera no pesquisador em formação um amadurecimento com vistas a interpretar o fenômeno sob diversas perspectivas, pois, assim como considera Bourdieu (2004), “[...] quanto mais se é autônomo, mais se tem chance de dispor da autoridade específica, isto é, científica ou literária, que autoriza a falar fora do campo com uma certa eficácia simbólica” (p. 74).

Fomentar a autonomia do(a) doutorando(a) favorece o seu desenvolvimento no momento da prática da leitura, da busca por novos textos, da reflexão e da revisão de conceitos já vistos, o nascimento de novas ideias, da criatividade e da inventividade, ou seja, da pesquisa como uma prática científica e social, que demanda engajamento e a busca por novas percepções de mundo que consigam comunicar o fenômeno musical na contemporaneidade, a partir das mais variadas temáticas de pesquisa em música, assim como as desenvolvidas pelos(as)

doutorandos(as) entrevistados(as) nesta pesquisa.

Estar em contato com outras pessoas, com outras pesquisas pode ser uma possibilidade de refletir sobre a própria área e sobre a própria formação que está em curso. É entender que existem outras formas de se fazer pesquisa, que existem outras pessoas pesquisando a mesma temática e, portanto, perceber que o trabalho de doutorado não é uma obra isolada e que está compreendida em um contexto dentro da sociedade.

Por outro lado, a partir da perspectiva de campo de Bourdieu (2004), é significativo refletir sobre as questões impostas pelos programas e pelos órgãos reguladores, tendo em vista que as pesquisas/temáticas desenvolvidas pelos(as) doutorandos(as) não são necessariamente escolhidos por eles(as), o que acaba por enfraquecer o lado inventor, inovador e autônomo dos(as) pesquisadores(as) em formação na área de música. Para Bourdieu (2004),

[...] é importante, [...] para a reflexão prática, o que comanda os pontos de vista, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas que escolhemos, os objetos pelos quais nos interessamos etc. é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são [...] os princípios do campo. É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem ou não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição (Bourdieu, 2004, p. 23-24).

Nesse sentido, escolher onde publicar, o que escrever, qual temática estudar, estando vinculada a essa estrutura das relações objetivas entre os agentes, dá a percepção de que a formação de pesquisadores e pesquisadoras em música ou em qualquer outra área, é controlada e, em certa medida, “manejada” por outros fatores maiores, que estão fora do alcance de quem faz pesquisa em cursos de doutorado. Nesse sentido, parece que estamos, de fato, em um ambiente fortemente controlado por instâncias superiores que determinam o que deve e/ou pode ou não ser feito, o que parece limitar nossas próprias convicções, nossas próprias escolhas, nossos próprios pensamentos, nossas próprias reflexões.

Isso me faz pensar que, até mesmo este trabalho de tese, sob uma tentativa de entender, de alguma forma, como está o fenômeno da formação de pesquisadores em música, seria, até que ponto meu mesmo, do ponto de vista da legitimidade e da liberdade da minha escolha, considerando que somos/deveríamos ser, cada vez mais, agentes da pesquisa em música engajados nesse movimento pela emancipação do saber.

Pensando nesse movimento de construção de uma tese, a ideia sobre o que podemos, de fato, incorporar no trabalho começa a surgir de maneira efervescente, a partir de concepções

que vão emergindo da literatura, das reflexões, mas, também, das experiências de vida. Torna-se, então, algo que é interligado com a vida, ou seja, o trabalho acadêmico, assim como aponta Mills (2009), não está deslocado da vida de forma geral, o que faz com que a tese e a experiência de escrever um trabalho dessa natureza seja enriquecedora. Nesse sentido, Ênio (2023) menciona que

a tese ela é uma confluência dessas dimensões, não é? O meu processo metodológico ele é um pouco esse. É um pouco da minha experiência como músico que toca a obra ou como o pesquisador que transcreveu a obra. O pesquisador que foi lá nos arquivos, foi nas instituições, levantou material, entrevistou o compositor e também entrevistou as pessoas com quem ele conviveu.

Não se trata de ser um(a) pesquisador(a) que somente vai ao campo e “coleta” dados com as pessoas, mas sim de alguém que busca construir elementos para fazer a pesquisa com o outro e não somente sobre o outro, sendo algo colaborativo e que se aproxime da realidade de quem está sendo pesquisado. É preciso, na verdade, estar disponível para as duas frentes, tanto do ofício de ser pesquisador(a), sabendo de suas demandas, quanto de fazer música, buscando alinhar para dimensões críticas e reflexivas sobre seu ofício. Ou seja, precisam estar interligadas.

Nesse sentido, é mister considerar que o(a) pesquisador(a) em formação não pode, necessariamente, se preocupar “somente” em realizar a pesquisa, em escrever e publicar o produto (a tese), mas também com a realidade das pessoas que entrevistou, por exemplo, com o contato com o conhecimento que ainda não tinha e só foi possível porque outras pessoas se disponibilizam a colaborar. É preciso ter claro, então, que o(a) pesquisador(a) é a pessoa que aprende, que busca, a todo momento, aprender coisas novas e não, em hipótese alguma, o detentor do saber. Ênio (2023) menciona seu exercício de escrita e relata que a quantidade de páginas alcançadas por ele é suficiente para o que pretende compreender no fenômeno que estuda.

Então agora eu tô naquele exercício da concisão, não é? Vê o que que é essencial, o que que é fundamental. E também não ficar enchendo linguiça, não é? Porque eu acho que se eu entregar 180 páginas, 200, eu já tô entregando um excelente trabalho (Ênio, 2023).

É ter a consciência de que o conhecimento é inesgotável, não tem fim e está sempre se retroalimentando, em um processo inacabado, em construção por um coletivo, movido por

perguntas e inquietações que farão com que possamos avançar o conhecimento na área de música e, assim, transcender para novas perspectivas.

Dessa forma, é importante perceber que a quantidade de páginas de um trabalho dessa natureza, em nível de doutorado, vai depender do fenômeno estudado e dos objetivos da pesquisa, de modo que não necessariamente o trabalho final precisará ter um grande volume de páginas, mas sim prezar pela qualidade e desenvolvimento dos dados, de forma que o(a) leitor(a) entenda e que seja acessível.

O doutorado, nesse sentido, torna-se um espaço significativo, considerando a perspectiva do capital científico puro, ou seja, de inventar, de inovar, com autonomia, para que o(a) estudante possa articular os conhecimentos apreendidos no curso com o que encontrará em diversos contextos enquanto pesquisador, consolidando tal curso como um elo potencial entre a formação e a atuação após a conclusão do doutorado.

Ênio (2023) aborda um ponto sobre a escrita de sua tese que tem vinculação com o “ser escritor”, pois, ao fazer um trabalho em nível de doutorado, por exemplo, exige do(a) pesquisador(a) em formação um hábito de escrita, como é lembrado por Mills (2009). Nesse sentido, Ênio (2023) reflete:

Porque a gente escreve tese. O que eles não informam pra gente, é que a gente tá desenvolvendo um trabalho de escritor. Não é? [...]. Eu vou fazer um trabalho de escritor. E eu tenho essa consciência muito clara dentro de mim. Eu estou me comunicando pela palavra. Toda vez que eu sento pra escrever um capítulo, qualquer coisa que seja, eu tenho essa consciência. Eu preciso comunicar isso da forma mais simples e direta possível, lá pro outro lado.

O trabalho de escrita e desenvolvimento no doutorado não deveria ser algo totalmente isolado, cada um em suas salas e departamentos, mas sim coletivo e compartilhado, favorecendo o ambiente da pós-graduação *stricto sensu*, como campo de formação de pesquisadores(as). A consciência de Ênio demonstra uma perspectiva de uma produção de conhecimento solidária, preocupada com a sociedade, com o que e para quem ele quer comunicar sua pesquisa. Expressar o que se produziu de forma mais acessível para o(a) leitor(a) é, sem dúvida, um trabalho fundamental de aproximação entre o conhecimento produzido e a comunidade de forma geral. Para Mills (2009), uma alternativa para a escrita de um trabalho é manter um arquivo e que tal mecanismo ajudará a criar um hábito de escrita. Nas palavras do autor,

O arquivo o ajuda também a formar o hábito de escrever. Você não poderá adquirir esse hábito se não escrever alguma coisa pelo menos uma vez por

semana. Ao desenvolver o arquivo, pode fazer experiências como escritor e assim, como se diz, desenvolver sua capacidade de expressão (Mills, 2009, p. 21).

É significativo que os cursos pensem como está a formação de pesquisadores(as) de seus estudantes de doutorado, de modo a buscar uma reflexão sobre o fazer científico e entender suas atribuições para com seu trabalho de doutorado, com um planejamento que vem desde a base, ainda nos cursos de graduação. Mas é fundamental que os cursos pensem em estratégias para melhorar pontos que merecem atenção, considerando o nível de formação. Desenvolver a capacidade de se expressar através da escrita é um exercício que se mostra como uma ferramenta fundamental para o(a) aprendiz de pesquisador(a), pois a comunicação se dará não só para os pares, ou seja, os colegas de área, mas também e, principalmente, para a comunidade em geral que terá acesso a um conhecimento novo ou visto por uma lente nova, com novas interpretações.

Assim é o conhecimento musical, cheio de diversidade e singularidades, a partir das várias formas de se fazer música, das várias manifestações musicais que podem ser estudadas a partir de diversas subáreas, seja no campo da educação musical, da etnomusicologia, da performance musical, da musicologia, da composição etc. O norte da pesquisa será dado a partir do fenômeno que se estuda, definindo que metodologia será utilizada e como os dados serão construídos, analisados e interpretados. Ao dar um exemplo mais prático sobre o funcionamento da escrita de sua tese, Ênio (2023) relata:

Eu tenho... eu procuro dar voz pro meu objeto de pesquisa que, no caso, é ele. Então, como traduzir melhor a voz dele e, ao mesmo tempo, é... Conversando com a área, né? Com a etnomusicologia, enfim... Então é um pouco de entrevista com um pouco de bibliografia específica, porque eu também fui lá e já esmiucei todo mundo que produziu, todo mundo que falou, todo mundo que escreveu sobre o armorial, sobre a música. Eu tenho tudo isso muito bem fichado. E agora o que eu tô fazendo mais, na realidade, é devorando os teóricos da área, tá certo? Porque eu não tenho menor pretensão no meu trabalho de definir o que seja etnomusicologia. Eu não vou fazer isso porque eu acho isso uma coisa equivocada. Mas o que eu procuro fazer é constelar o fenômeno.

Para que se possa organizar e desenvolver uma escrita que faça sentido com o tempo do curso e com o que é possível de ser feito, é essencial buscar compreender que não tem como dar conta de tudo em um trabalho acadêmico e que é necessário delimitar o campo. Assim como mencionado por Ênio (2023), não é porque um trabalho se encontra em tal área ou subárea de concentração, como a etnomusicologia ou educação musical, que necessariamente terá de

conceituar o que é tal área. Como mencionei anteriormente, o conhecimento musical é infinito, com muitas formas de se interpretar, o que nos faz pensar que não dá para esgotar a discussão sobre alguma temática, pois a pesquisa é viva, flexível e passível de mudança a todo momento. E isso, certamente, ajuda para que outras questões possam surgir, fazendo com que o debate continue ou seja aprofundado.

Para Lucas (2023), a concepção sobre metodologia e fundamentação teórica foi fundamental para seu entendimento e o consequente desenvolvimento de sua pesquisa, considerando novas possibilidades a partir de sua formação enquanto pesquisador. Lucas (2023) menciona que precisou fazer um trabalho mais autônomo para encontrar uma metodologia e autores que estivessem convergindo com o que ele queria estudar. Além disso, considera que quando se está dentro do estudo, imerso, é mais difícil de perceber e de encontrar o melhor caminho, a metodologia que mais se adeque ao fenômeno. Nessa perspectiva, ao tratar sobre sua experiência, Lucas (2023) reforça:

Então, é... como pesquisador, eu tive essa experiência de aprender que a metodologia é um ponto fundamental e a fundamentação teórica é importante. Mas a metodologia ela faz sua pesquisa andar, você pode ter a metodologia boa e você faz a pesquisa andar. Você vai entrevistar, logicamente, tem que saber o que você vai colher e saber o que você vai pegar, qual é o tema, qual é a frase, qual é o tipo de palavra que você quer pra não ficar perdido, logicamente.

A fala de Lucas (2023) denota aspectos que retratam a importância da coadunação entre o que é construído teoricamente, mas também com a metodologia escolhida para o estudo. Ir ao campo para realizar uma entrevista, seja de forma presencial ou remota, exige do(a) pesquisador(a) em formação um preparo e um planejamento para lidar com as nuances de cada realidade, pois, a depender do contexto sociocultural no qual está sendo realizada a pesquisa, a forma de se realizar a entrevista muda, a forma de olhar para o fenômeno muda, pois o(a) doutorando(a), em muitas situações, lidará com pessoas, sendo essas individuais e plurais, cada uma com uma forma de pensar diferente, com costumes, princípios, valores, comportamentos diferentes. São, culturalmente, diversos.

Ou seja, pensar em metodologias diversas é considerar questões também que contemplam a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música. Isso porque, dentro da área de música, há uma infinidade de questões a serem discutidas e os(as) pesquisadores(as) em formação contribuirão, se assim o quiserem, não só com o presente, mas

com o futuro da área, ajudando no avanço e na consolidação da música como campo de conhecimento. Nesse sentido, Queiroz (2023) explana que,

[d]e tal maneira, a área se estabeleceu e vem se estabelecendo de forma mais consistente e coerente, definindo campos bem delineados, mas inter/transdisciplinares, para “olhar”, analisar e compreender a música a partir de diferentes lentes interpretativas. Nesse universo, consolidaram-se subáreas que atualmente configuram o campo de estudos da música e que vêm definindo, cada vez mais, bases epistemológicas e metodologias de pesquisa capazes de abarcar as particularidades que caracterizam a investigação científica de diferentes facetas do fenômeno musical (p. 17).

Acredito que olhar para essa diversidade mencionada por Queiroz (2023) seja um ponto fundamental para se pensar nos programas de pós-graduação em música, sobretudo nos cursos de doutorado, no sentido de refletir sobre que pesquisadores(as) estão sendo formados(as), como estão sendo formados(as) e com que objetivo, de fato, estão sendo formados(as). É buscar entender a demanda dos(as) estudantes de doutorado, de modo a reverberar nas próximas gerações de pesquisadores e pesquisadoras em música no Brasil.

Assim, acredito ser de grande valia almejar estratégias de formação coerentes com a realidade do(a) estudante, das nuances das pesquisas desenvolvidas, com o contexto sociocultural do programa de pós-graduação, com a diversidade do fenômeno musical e, sobretudo, com as nuances da sociedade contemporânea. A formação de pesquisadores(as) em música está em um campo científico, dentro de um espaço institucionalizado, e pode, a partir do engajamento dos pares, vislumbrar utopias possíveis de serem alcançadas, para que tal formação seja um reflexo de uma educação científica consistente e de qualidade, com vistas para a produção de conhecimento novo construído através de um coletivo de pessoas, para além dos muros da universidade.

4.3 O IMPACTO DAS CONDIÇÕES EXTERNAS NA FORMAÇÃO

Nesta categoria, foram analisadas questões que estão permeadas em alguns dos impactos das condições externas a formação dos(as) doutorandos(as), como: a) o efeito da pandemia em suas formações e interações acadêmicas; e b) questões pessoais que interferem na trajetória de formação. Assim sendo, a partir do que emergiu das perspectivas dos(as) entrevistados(as), foi possível tecer reflexões e contribuir para um debate importante no que se refere a saúde física e mental alinhada a formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado,

assim como em estratégias dos cursos de pós-graduação para com a saúde dos(as) estudantes, de modo que o trabalho de escrita, contando todo o período do curso até a defesa possa ser prazeroso e acolhedor.

4.3.1 O efeito da pandemia na formação e nas interações acadêmicas

A pandemia de COVID-19 foi um acontecimento que a população mundial não esperava, o que fez com que pudéssemos repensar diversas de nossas práticas cotidianas, sobretudo no que diz respeito a saúde, uma vez que sentimos o seu grande impacto devido à falta de conhecimento com o que estávamos lidando. Assim, questões de saúde pública foram olhadas com emergência. O isolamento foi um dos impactos gerados pela pandemia e que teve ressonância no âmbito social, mas também no educacional. A esse respeito, os modelos presenciais de aula tiveram que ser alterados para um ensino remoto emergencial, através de videochamadas, o que, mesmo que o contato entre discentes e docentes ainda continuasse mantido, encontrava-se a barreira do isolamento social e não interação presencial, como apontam os escritos de Corrêa *et al.* (2022) e Silva Júnior *et al.* (2024).

Certamente essa foi uma barreira enfrentada por vários(as) discentes e, mais especificamente, pelos(as) doutorandos(as) entrevistados(as) nesta tese. A pandemia, nesse sentido, teve um efeito potente na formação e nas interações acadêmicas dos(as) estudantes, o que é evidente em suas perspectivas e experiências, ao tratarem sobre a dificuldade de ter um contato mais próximo com os colegas de turma, o que, geralmente, acontece em momentos de presencialidade. Um ambiente de pós-graduação, como já discutido e refletido nas categorias anteriores a no capítulo de referencial teórico, tem um potencial para ser coletivo e colaborativo, ao passo em que quem compõe esse espaço possa compartilhar suas ideias, reflexões e suas pesquisas, como apontado por Severino (2012) e Bourdieu (2004).

Nesse sentido, algumas tarefas e etapas se tornaram mais difíceis de serem realizadas, como a ida ao campo (em particular as pesquisas que necessitavam de dados empíricos e documentais impressos), pois dificultou o acesso a algumas informações devido ao fato de alguns lugares estarem fechados, como museus, escolas etc. Isso teve um impacto direto no cronograma das pesquisas dos(as) doutorandos(as), o que levou alguns deles(as) a mudar de enfoque temático para poder realizar uma pesquisa possível de ser concluída em quatro anos.

O desempenho dos estudantes foi impactado negativamente, assim como as alterações que precisaram realizar para adaptar seus projetos de pesquisa. Esses foram fatores

preponderantes na formação dos estudantes de pós-graduação por causa da pandemia, como apontam Corrêa *et al.* (2022) e Silva Júnior *et al.* (2024), em pesquisas realizadas com pós-graduandos(as) de todas as regiões do Brasil. A crise sanitária mundial foi responsável por afetar diretamente a saúde dos estudantes, causando não somente a transmissão do novo coronavírus, mas outras doenças, como ansiedade e depressão.

O estudo de Silva Júnior *et al.* (2024)

[...] revelou que a pandemia da COVID-19 teve impacto negativo no desempenho e na formação acadêmica de estudantes de pós-graduação brasileiros, especialmente entre aqueles com bolsa de pós-graduação e que relataram insatisfação com a saúde geral e com o curso de pós-graduação (p. 117).

Os estudos de Corrêa *et al.* (2022) e Silva Júnior *et al.* (2024) apontaram que muitos estudantes de pós-graduação, de diversas regiões do Brasil, precisaram mudar seus projetos de pesquisa, seja parcial ou totalmente, indicando uma incidência significativa da pandemia sobre seus temas de pesquisa.

Ter que mudar o tema inicial da pesquisa pode acontecer considerando diversos fatores, pois a pesquisa é viva, flexível. No entanto, Maria foi levada a alterar sua pesquisa devido a uma crise sanitária mundial, impactando sua produção diretamente. Maria (2023) se sentiu perdida durante o curso devido ao fato de que sua pesquisa sofreu ao menos duas alterações, o que a deixou confusa no percurso. E esse aspecto teve muito a ver com a pandemia e a não possibilidade de realização da pesquisa pensada *a priori* por ela, o que trouxe problemas para ela. Isso, embora possa amadurecer o sujeito em seu processo de formação no doutorado, pode afetar diretamente aspectos que, em outras condições, poderiam não acontecer. Maria (2023) também relata que, antes da pandemia, teve um problema em relação a sua pesquisa, pois havia um dilema com seu orientador, que queria que ela fizesse outra pesquisa em relação ao que tinha sido proposto inicialmente.

Isto posto, Maria (2023) teve duas implicações que a fizeram mudar o tema inicial de sua pesquisa de doutorado.

Então eu deixei a pesquisa de lado, a minha pesquisa original, e fui pra outra área. Aí, no meio disso, veio a pandemia. Aí eu fiquei completamente incapaz de realizar qualquer coisa, bem perdida, aliás todo mundo se perdeu nessa pandemia. A gente não sabia pra onde ir. E, quando retornou, aí foi quando eu passei pelo qualificativo. Aí, no meio do ano, veio o qualificativo. Aí o pessoal perguntou: “por que você não ficou com a pesquisa original?”. Aí, resultado, depois desse qualificativo eu tive que voltar pra minha pesquisa

original. Então, foi um período bem tortuoso essa questão do doutorado (Maria, 2023).

Maria (2023) demonstrou em seu relato um certo amadurecimento acadêmico dentro de seu processo formativo enquanto pesquisadora, tendo que lidar com diversas situações durante o curso que fugiam de seu controle, mas que demandou dela uma postura firme para ressignificar esse período difícil e conseguir dar prosseguimento ao seu trabalho de doutorado. Tal contexto faz revelar o quanto outras questões, para além das habilidades técnicas e específicas da pesquisa e do fazer acadêmico-científico, como o fato de ter que olhar para si e se reencontrar durante o trajeto, podem impactar e demonstrar o lado humano que permeia a ambiência da pós-graduação.

Acredito que estar atento a esses pontos é fundamental para pensar a formação de pesquisadores(as) que, mais tarde, poderão ser futuros professores universitários ou de institutos federais e que, portanto, lidarão com questões externas trazidas por seus estudantes e orientandos(as). Logo, olhar para uma abordagem mais humana e que busque deixar os(as) estudantes de doutorados mais seguros de que irão concluir o curso com êxito, assim como aponta o PNPG (2024-2028), é fundamental para uma trajetória acadêmica contextualizada com o que o programa pensa e com o que os(as) estudantes anseiam. Garantir o acesso, a permanência e a conclusão de discentes em cursos de doutorado se torna cada vez mais relevante para o debate nos programas de pós-graduação, de modo a olhar para a formação de pesquisadores(as) de maneira mais humana e igualitária e, ainda assim, manter o rigor que a prática intelectual séria exige.

Um dos fatores destacados pelos(as) entrevistados(as) foi a presencialidade, sobretudo para realização de entrevistas e em suas interações com os colegas e poder sentir o ambiente da universidade. Mesmo que as entrevistas pudessem ser realizadas de forma remota, algumas nuances poderiam passar despercebidas por não estar em contato direto com a pessoa entrevistada, sobretudo quando se precisa ir até o ambiente para ter uma inserção mais profunda, como em estudos etnográficos.

Sobre a não presencialidade e a limitação em relação a criação de vínculos, Patrick (2023) destaca que foram aspectos que dificultaram bastante sua jornada no doutorado, pois sua turma ingressou praticamente no início da pandemia, o que foi um desafio, considerando que seus cursos anteriores foram presenciais. Logo, criar um vínculo foi uma barreira encontrada por ele, tirando aspectos importantes da presencialidade, como as conversas nos corredores dos departamentos, algo que pode enriquecer a formação e contribuir para o surgimento de novas

ideias durante o doutoramento, impedindo criação de comunidades. A partir disso, ainda segundo Patrick (2023), não estar em congressos presenciais também foi um outro ponto que teve ressonância em sua trajetória no curso, pois ele considera não ter a mesma energia participar de um congresso de forma remota.

Criar comunidades dentro do ambiente da pós-graduação se mostra como um fator preponderante quando se trata de uma produção de conhecimento calcada em perspectivas coletivas e solidárias de construção do saber entre os pares. Uma comunidade científica pode nutrir e cultivar uma cultura de pesquisa dentro de um programa de pós-graduação. Tal cultura tem a ver, então, com o compartilhamento de ideias e de criação de vínculos com colegas de diferentes áreas e linhas de pesquisa, de modo a contribuir para uma interdependência das pesquisas produzidas. Além dessas questões, Patrick (2023) aponta outras situações, sobretudo voltadas para ida ao campo, em que encontrou limitações por conta da pandemia:

E o tipo de pesquisa que tô desenvolvendo tem a ver com pessoas, principalmente nos meios rurais, o que faz com que a internet não seja uma alternativa para entrevistar essas pessoas. É... isso foi uma limitante direta e eu acho que a outra limitante, que não é direta, mas tem a ver precisamente com essa falta de vínculo, foi que... é... a minha pesquisa é na cidade é... de João Pessoa, que é... é eu proceder parte da minha pesquisa na cidade de João Pessoa ou nos arredores, nas áreas rurais, tanto de João Pessoa, é... Como... eu passo 2 anos pagando aulas virtuais, quando chego em João Pessoa, é... foi difícil estabelecer uma rede social que ajudasse a... é... me desenvolver no campo com um pouco mais de facilidade. Sendo que eu não sou dessa cidade, é... tinha que chegar aí e conhecer uma realidade que havia falta de vínculos. Isso dificultou um pouco mais [...]. Isso com respeito a essa ida ao campo (Patrick, 2023).

O depoimento de Patrick (2023) indica uma forte presença da importância das particularidades de cada pesquisa e do fenômeno estudado, evidenciando a diversidade da pesquisa em música, apontado por Queiroz (2023). Para cada tipo de pesquisa, há um tipo de instrumento de construção de dados e, portanto, para se construir os dados, na situação da pesquisa de Patrick, havia a necessidade de conhecer o contexto antes de realizar a pesquisa, pois era fundamental para a realização de seu estudo, de modo a criar uma rede e compreender as dinâmicas socioculturais daquele determinado contexto para que, assim, pudesse começar uma imersão no ambiente e com as pessoas. E a *internet*, na situação de Patrick, não o ajudaria naquele momento.

Essas barreiras enfrentadas foram impostas por uma pandemia, mas que ofereceu aos programas, a partir do corpo docente e discente dos cursos, uma oportunidade de refletir em

outras formas de construir vínculos e de enxergar outras possibilidades metodológicas para a realização das pesquisas de doutorandos(as) em música. O efeito da pandemia teve um impacto forte negativamente, sobretudo na questão da saúde pública, mas que pôde fazer com que olhássemos para novos horizontes ou, ainda, para questões e contextos que já estavam presentes e que ainda não haviam sido explorados no âmbito da pesquisa e da produção do conhecimento em música.

Anunciada (2023) também ingressou na turma em que as aulas começaram no primeiro ano da pandemia. Esse foi um ponto ressaltado por ela, pois não foi algo que estava previsto para acontecer, o que, para ela, foi um desafio, considerando que fez um curso de doutorado todo remoto, incluindo suas orientações, se configurando como uma formação diferente, mesmo considerando que o doutorado é um processo mais individual, “[...] *embora, né? você tenha é... as influências, os contatos, enfim. Mas eu acho que, nesse meu caso, né?, e de quem passou por essa fase, foi muito mais assim, é... um processo muito mais reflexivo*” (Anunciada, 2023). Então, mesmo que implicitamente, Anunciada (2023) evoca o aspecto presencial como um fator importante para a formação em um curso de doutorado, mesmo ressaltando esse processo mais reflexivo e individual.

Isso porque em outro momento, Anunciada (2023) indica evidências que foram significativas para algumas limitações durante sua formação causadas por circunstâncias da pandemia. Segundo Anunciada (2023),

[...] eu não assisti nenhuma aula na universidade, nenhuma aula presencial no meu, na minha formação, né? As minhas orientações elas são também sempre online. Eu tô longe, né? Então, acho que isso é... eu posso dizer assim, que fiz um doutorado em ensino remoto, né? Porque eu fiz todas as disciplinas nesse formato, todas as orientações. [...] Eu acho que é uma experiência assim... Diferente, assim, provocadora. É uma coisa que eu queria refletir mais, principalmente depois que eu terminar, né? De defender. É... essa coisa assim do remoto e das relações que você estabelece, né? (Anunciada, 2023).

O relato de Anunciada (2023) traz um ponto importante, pois ajuda a ver por uma outra lente o que está presente nos documentos que regem os programas, pois, para ela, “[...] *isso também vem assim a somar na minha formação. Acho que não foi uma formação, é... só do que tá previsto*” (Anunciada, 2023). Isso porque ela frisa o fator imprevisibilidade, que não consta na resolução 003/2018 da UFPB e nem no documento de área de Artes / Música, de 2019, sendo pelos menos esses dois documentos anteriores a pandemia. Não obstante, é possível perceber que, a partir do PNPG (2024-2028), parece haver um diálogo mais próximo com a comunidade

acadêmica e em geral, no sentido de buscar prever e propor estratégias e soluções para essas circunstâncias inesperadas. Isso demonstra que podemos avançar de forma significativa na formação de pesquisadores(as), pois temos um potencial para isso, de modo que pudemos aprender com um momento demasiadamente difícil de lidar e que impactou toda a humanidade.

Também é mister considerar que as instituições de ensino superior, sobretudo no período da pandemia, também foram pegas de surpresa. Então, acredito ter sido um aprendizado em momentos de dificuldade, tanto para o corpo administrativo quanto para o corpo docente, pois as instituições também são feitas por pessoas que tiveram que lidar com questões pessoais durante a crise sanitária, ao mesmo tempo que precisavam dar uma resposta quase imediata para a sociedade sobre o que e como fazer nesse período. Logo, é preciso ponderar a atuação e a condução dos programas de pós-graduação durante a pandemia, uma vez que todos estavam aprendendo com algo nunca visto antes, de modo que foi preciso repensar práticas pedagógicas e metodológicas e buscar estratégias psicossociais para lidar com a rapidez dos acontecimentos.

A partir da fala de Anunciada (2023), há uma indicação de que é possível fazer conexões reflexivas de acontecimentos em sua formação com questões de sua pesquisa, dando continuidade às suas reflexões, demonstrando o quanto pode ser importante considerar as nuances externas tanto para interações acadêmicas quanto para questões de vida de forma mais geral.

Nesse sentido, foi possível destacar e constatar nas perspectivas de Maria, Patrick e Anunciada que fatores externos à formação podem impactar diretamente no processo de realização de suas pesquisas, como a ida ao campo, a alteração do tema pesquisado, a realização de um curso totalmente remoto, a ausência de um vínculo mais próximo com os colegas e com o campo empírico e com colaboradores da pesquisa, assim como a imprevisibilidade. Todos esses fatores dizem respeito a demandas que estão presentes na ambiência da pós-graduação, em suas diversas facetas e nuances, assim como constam nos documentos oficiais que regem esse espaço institucionalizado.

Mas, para além disso, outros aspectos foram significativos para as suas formações e que, acredito, pôde promover um amadurecimento em suas trajetórias acadêmicas, ao passo em que tiveram a oportunidade de refletir sobre outras estratégias metodológicas, lidar com formas novas de pensar e construir o conhecimento e de criar vínculos com os pares. E isso também é um fator que os programas podem considerar como algo a se refletir para a formação de pesquisadores(as) em música: a imprevisibilidade e perspectivas inovadoras para a inserção, manutenção e conclusão de estudantes em cursos de doutorado em música, atentando para

novas lentes que possam ver para além do que está posto, o que pode contribuir para o avanço da pesquisa e da produção de conhecimento na área.

4.3.2 Questões pessoais que interferem na trajetória de formação

Além do que foi discutido anteriormente, outros pontos foram apresentados pelos(as) doutorandos(as) de forma substancial e que afetaram ou interferiram em suas trajetórias de formação, como ser acometido por doença, ter que lidar com a vida e gerenciar família e filhos, perda de familiares, assim como ausência de suporte para questões de saúde mental, reflexo de um ambiente que pede por produtividade a todo momento. Sobre isso, inclusive, alguns estudos, como os de Pinzón *et al.* (2020) e Júnior *et al.* (2024) retratam um pouco do impacto da pandemia e da pós-graduação para com a saúde mental e outras questões pessoais de estudantes, afetando o desempenho destes.

Questões como ansiedade, depressão, estresse e falta de ânimo para continuidade dos estudos pós-graduados são emergentes na contemporaneidade, o que nos leva a reflexão sobre um caminho pós-pandemia e a um cuidado das instituições para com seus estudantes e autocuidado destes, com acompanhamento psicológico e diagnóstico precoce. Como mencionado na subcategoria anterior, o estudo de Corrêa *et al.* (2022) aponta resultados significativos sobre o efeito da pandemia na pós-graduação brasileira e seu impacto nos(as) estudantes. Com isso, os autores reforçaram que, durante esse período, coordenações de cursos de pós-graduação se voluntariaram para dar apoio emocional aos discentes que, em sua maioria, optou por não buscar ajuda com os coordenadores. Ao invés disso, buscaram suporte com amigos e em redes sociais.

Nessa perspectiva, a seguir, foi possível encontrar na fala de Ênio uma certa angústia acompanhada por medo, em um dos momentos de fragilidade de saúde que teve, em que relatou se sentir sozinho, isolado, ao passo que precisava produzir, mas percebeu que não recebeu apoio da universidade ou não sentiu que poderia ter esse suporte. Foi um momento difícil em sua vida, relata Ênio (2023).

Eu tive um ano difícil. Esse ano pra mim foi muito difícil. Eu não sei se cabe isso colocar, porque eu acho que os pesquisadores talvez não falem isso, mas eu vou falar. Eu tô me sentindo muito à vontade pra falar. Eu produzi muito esse ano [2023]. Acho que esse ano foi o ano que eu mais produzi na minha vida inteira. [...] Tudo aconteceu esse ano [2023], no primeiro semestre, quando eu cheguei em setembro, que o mês da qualificação, eu tava esgotado, esgotado, porque eu não tinha final de semana. Minha vida tava uma loucura.

E aí eu tive uma situação de saúde que me pegou em outubro. Eu fiquei praticamente um mês investigando uma febre que deu em mim, que foi terrível. Tive um mês completamente improdutivo. Eu fiquei com medo. Eu entrei em depressão. Eu achei que eu não ia conseguir, assim, remar, dar o próximo passo. E aí investigação, médico, pronto-socorro. A minha vida em outubro foi muito difícil (Ênio, 2023).

O relato de Ênio é esclarecedor no sentido de que indica que é preciso ouvir o próprio corpo e enxergar seus próprios limites. Assim como apontam Machado e Bianchetti (2011) e Saviani (2010), parece haver uma preocupação por produtividade ou, ainda, produtivismo, por parte da estrutura institucional que rege a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Tal fato exige uma demanda que pressiona os(as) estudantes e até mesmo as coordenações dos programas. A busca por cumprimento de prazos pode gerar dois elementos: responsabilidade (se pensar em aspectos positivos) e estresse (se pensar em aspectos negativos). Acredito que pode haver um equilíbrio, de modo a proporcionar mais leveza na produção dos trabalhos acadêmicos no âmbito dos cursos de doutorado em música.

A fala de Ênio revela um certo sofrimento por ter produzido em demasia, ao ponto de padecer, como é refletido por Bianchetti (2014), ao passo de se sentir sozinho e com medo de dar o próximo passo. Não seria a pós-graduação um espaço que deveria ser acolhedor e de suporte aos seus estudantes? Também não seria pertinente os(as) discentes se perceberem mais e buscarem ajuda? Essas reflexões podem servir de alerta em meio a uma sociedade adoecida emocionalmente. Aliada a isso, não parece justo alguém adoecer por ter que produzir aos montes e ser pressionado por prazos que parecem intermináveis. Ao mesmo tempo, não parece justo cobrar tanto das instituições no sentido de que muitas das questões pessoais também podem acometer professores e professoras, por exemplo.

Bourdieu (2004), mesmo com maior parte de sua obra publicada durante o século XX, já lembrava sobre fatores da vida científica e das dificuldades dela.

A vida científica é extremamente dura. Os pesquisadores estão expostos a sofrer muito e eles inventam uma porção de estratégias individuais destinadas a atenuar o sofrimento. [...] Sob o risco de parecer ingênuo, diria que haveria um lugar para coletivos de testemunhos de sofrimento científico. Eu lhes asseguro que há material (Bourdieu, 2004, p. 73).

Essa cobrança e esse sofrimento científico muitas vezes podem vir do próprio estudante, por achar que seu trabalho não está suficiente e acabar por se cobrar para buscar uma aparente perfeição. Contudo, considero que uma possível saída para esse sofrimento seja o diálogo coletivo na comunidade acadêmica, a partir de interações entre orientadores(as) e

orientandos(as), assim como entre os próprios estudantes.

Ênio (2023), nesse sentido, aponta que, mesmo diante dessas questões, pôde aprender a olhar mais para si e buscar se cuidar, de modo a tornar o trabalho acadêmico e intelectual mais tranquilo. Sugere, ainda, que esse olhar mais humano para com a saúde das pessoas deveria estar na agenda dos programas de pós-graduação como uma estratégia. Para Ênio (2023),

[...] o trabalho acadêmico, intelectual, ele consome muita energia. Muita energia do corpo. Esse trabalho mental de sentar, ficar escrevendo e não sei o quê. Isso é um consumo de energia terrível. E hoje eu mudei um pouco minha maneira de viver. Porque ou eu mudo... pra poder... Porque eu quero entregar minha tese, defender feliz, não é? Eu vim aqui pra ser feliz, eu não vim aqui pra sair daqui destruído. E eu também tenho isso.

É fundamental, então, pensar em perspectivas de um lugar na educação superior em que os(as) estudantes não possam adoecer por escolher realizar seus sonhos nas suas trajetórias acadêmicas, como em um curso de doutorado. Defender uma tese é uma celebração para um encerramento de um ciclo resultante de uma trajetória de anos.

Isso nos leva a refletir sobre os documentos que regem os programas de pós-graduação em Música da UFPB e da UFBA e seus diálogos com o documento de área de Artes da CAPES e com o PNPG (2024-2028), no sentido de analisar o que tem ou não de proposição para um apoio aos estudantes em relação a questões pessoais e/ou de saúde mental. Na resolução do PPGM/UFPB, há uma menção sobre a possibilidade de trancamento de matrícula que precisam estar devidamente justificadas e que admitem os seguintes pedidos: “por motivo de viagem de trabalho, de doença ou licença maternidade [...]” (Brasil, 2018, p. 20). Ao analisar o regimento do PPMUS/UFBA, não identifiquei menção a questões de doença ou de licença maternidade, por exemplo.

Anunciada e Patrick também relataram questões pessoais que, em certa medida, interferiram em suas trajetórias de formação durante o curso de doutorado. Os dois tiveram que buscar conciliar a realização da pesquisa com essas circunstâncias ocorridas. Para Anunciada, foi o fato de, durante três anos, precisar trabalhar, estudar e ainda cuidar de sua casa e família. Já para Patrick (2023), o que o condicionou nesses momentos de dificuldade foi a perda de sua mãe, que o afetou durante a produção de sua pesquisa. Anunciada (2023) relata que

[...] foi um processo que era muito mais complicado e que, talvez, me atrasou, porque, né?, eu sou mãe de duas crianças pequenas, eu tenho casa pra cuidar, trabalho, trabalhava muito, trabalhava 40 horas, e mais doutorado, né? Então, assim, eu tenho um ano, que é o ano que eu tenho bolsa. E aí eu deixei

meu trabalho é... pra me dedicar mais. Então acho que são dois momentos que eu tive bem diferentes, né? O momento enquanto trabalhava, que é o: “vamo fazer quando dá” (risos), conforme a rotina a gente vai encaixando, né? E aí depois que eu pude, assim, me dedicar mais a pesquisa, eu procurei ter uma rotina de pesquisa, vamos dizer assim.

É possível perceber que Anunciada (2023) trilhou um caminho árduo durante quase todo o percurso de sua tese, pois precisou gerir várias questões ao mesmo tempo. O fato de ter bolsa demonstra a importância do investimento na formação de novos pesquisadores(as), como um suporte fundamental para a consolidação das pesquisas produzidas no Brasil. A oportunidade da bolsa, ofereceu a ela a possibilidade de dedicação exclusiva, o que faz com que o estudante possa ter um desempenho ainda mais significativo. Esse incentivo a qualificação é fundamental de ser fomentado, de modo a alcançar uma maior quantidade de estudantes, de modo a valorizar a produção conhecimento novo e original dos(as) estudantes de doutorado.

Nesse sentido, a fala de Anunciada (2023) indica um processo de amadurecimento, considerando que ela passou um hiato de 10 anos entre o mestrado e o doutorado. Mesmo com essas questões, demonstrou ser possível estar em processo de doutoramento em música, passando por diversas barreiras que poderiam interferir ainda mais em sua escrita e produção acadêmicas. A partir disso, quanto mais se investir na formação de pesquisadores(as) em música, quanto mais os programas de pós-graduação puderem perceber essas questões pessoais, melhor poderá ser a qualidade da produção de conhecimento na área e seu iminente avanço e consolidação.

Patrick perdeu sua mãe e, ainda assim, precisou encontrar forças para seguir trabalhando em sua tese de doutorado. Acontecimentos como esse podem gerar gatilhos e desmotivar o(a) estudante em sua pesquisa ou gerar ansiedade, dentre outros tipos de enfermidade. O tempo que Patrick conseguiu, em sua maioria, dedicar ao curso esteve condicionado a questões que foram surgindo.

A minha experiência no doutorado esteve atravessada por questões pessoais também [...]. É... particularmente comigo aconteceu o falecimento da minha mãe, que também condicionou muito do tempo que eu consegui dedicar pro doutorado. Foi condicionado pelas questões que surgiram já antes do falecimento, quando ela sofreu um acidente cardiovascular. Então, acho, a partir daí, tudo ficou condicionado entre isso e a pandemia (Patrick, 2023).

Dentro do que pude analisar nas particularidades das trajetórias de Anunciada, Ênio e Patrick, foi possível perceber que os programas de pós-graduação podem refletir sobre como

olhar para questões pessoais de seus estudantes, de modo que se sintam acolhidos e sejam percebidos. Ou seja, ouvidos.

Sobre questões de saúde, na resolução 03/2018 do PPGM/UFPB e no regulamento interno do PPGMUS/UFBA, assim como no documento de área de Artes da CAPES (Brasil, 2019) não há menção a estratégias que contemplem aspectos de saúde mental e física para os estudantes. O que mais se aproxima, em minha análise, é a perspectiva “humana” que a resolução 03/2018 menciona.

Mas não existe, mesmo que de forma teórica, uma preocupação em propor ações que possam garantir um bom desenvolvimento dos(as) estudantes durante o curso, assegurando e garantindo um apoio institucional fundamental para a formação desses(as) doutorandos(as). Nesse sentido, é fundamental propor estratégias que estejam mais próximas com a realidade da vida dos(as) estudantes, de modo a dar um suporte de qualidade de vida para que se tenham pessoas que produzam seus trabalhos de maneira mais significativa. Para Júnior *et al.* (2024), é possível encontrar uma maneira de auxiliar os(as) estudantes, de forma a dar um apoio necessário, mesmo que vinculados mais diretamente a pandemia ou a um período pós-pandêmico, como foi discutido na subcategoria anterior.

As descobertas sobre os fatores associados ao baixo desempenho e ao impacto na formação acadêmica podem contribuir para formulação de estratégias para minimizar a exposição dessas pessoas em eventuais crises. Essas estratégias podem incluir suporte psicológico, adaptação de programas de bolsas e recursos adicionais para alunos em áreas geográficas mais afetadas (Júnior *et al.*, 2024, p. 119).

Muito embora as proposições dos programas não mencionem aspectos voltados para um cuidado com os(as) estudantes de pós-graduação, o Programa Nacional de Pós-Graduação (PNPG) (2024-2028), em sua versão preliminar, apresenta em seu primeiro eixo, “do acesso à conclusão na pós-graduação” (Brasil, 2023, p. 93), diretrizes e estratégias que têm como objetivo geral “[a]mpliar o percentual de mestres e doutores na população, garantindo equidade e condições adequadas no acesso, na permanência e na conclusão da pós-graduação” (Brasil, 2023, p. 93). O que chama a atenção nesse eixo sobre a permanência e aumento de mestres(as) e doutores(as) é a forma como o PNPG busca realizar isso. Nesse sentido, tem como objetivo, através de sua estratégia 1.4.1

[i]nduzir e valorizar a implementação de políticas de assistência e acolhimento aos discentes com necessidades específicas (parentalidade, deficiência, **adoecimento, sofrimento psíquico**, assédio, moradia, entre outros)

garantindo condições adequadas de acesso e permanência (Brasil, 2023, p. 93, grifos nossos).

É fundamental que, na contemporaneidade, possamos ter mais sensibilidade com os estudantes dos cursos no âmbito da educação superior, sobretudo pela sistematização, cobranças de prazos, exigências demasiadas de atividades, prezando, em certa medida, mais pelo produtivismo, do que em uma perspectiva humanizadora de produção de conhecimento, com acolhimento e suporte aos(as) doutorandos(as) dos diversos programas de pós-graduação distribuídos pelo Brasil.

Com base nesse panorama, é significativo pensar, por parte dos cursos de doutorado em música, através dos programas de pós-graduação e suas respectivas pró-reitorias de pesquisa, em desenvolver mecanismos e cuidados básicos com a saúde mental e física dos(as) estudantes, prevendo qualidade de vida no desenvolvimento dos estudos pós-graduados, de modo a ter, também, um bom processo de realização da pesquisa em nível de doutorado.

O PNPG (2024-2028) foi um documento construído através da participação/colaboração efetiva da comunidade, mas que não deve ficar apenas “no papel”, como um plano, literalmente, mas posto em ação, para um satisfatório desenvolvimento do curso sem prejudicar a saúde dos(as) estudantes. Essa é uma pauta que é urgente e que necessita estar na agenda institucional e humana.

É possível concluir que olhar para questões pessoais e de saúde de doutorandos(as) em música é uma necessidade da sociedade contemporânea. Nesse sentido, assim como reflete Silva (2017), é fundamental que possamos estar atentos a essas questões, para que não passemos de “super-humanos” em um dia para “superadoecidos”, em outro. Para a autora, “[s]uper-humanos não existem e nunca existirão, pois se um dia chegarmos a não sentir medo ou ansiedade, teremos deixado de ser humanos na mais fiel acepção da palavra” (Silva, 2017, p. 63). Acredito, nesse sentido, que é preciso haver um equilíbrio nas atividades acadêmicas, de modo que tenhamos tempo para fazer um pouco de cada coisa, para que seja uma trajetória saudável e humana, ao buscar fazer o que dá para fazer, de modo a fazer seu melhor dentro do que é possível, pois feito é melhor que perfeito.

O que busquei refletir através das entrevistas tem a ver com condições de apoio a estudantes, como algum tipo de programa de apoio/suporte ao discente de pós-graduação, seja de mestrado ou doutorado. Pensar sobre tal aspecto na formação de pesquisadores(as) em música é almejar um coletivo de pessoas engajadas com uma produção de conhecimento emancipadora, de modo a preservar a saúde das pessoas.

Olhar para os(as) estudantes de doutorado como seres humanos que são é um ato de acolhimento e de percepção ampliada do que está acontecendo na sociedade do século XXI. Que possamos ter produções de teses, sim, publicações de artigos em periódicos, sim, mas que, para além disso, tenhamos a chance de desfrutar do caminho percorrido e perceber o amadurecimento acadêmico e de vida que pudemos ter ao escrever uma tese de doutorado.

4.4 INTEGRAÇÃO COM POLÍTICAS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Nesta categoria, foram analisados aspectos vinculados a integração de políticas de ciência, tecnologia e inovação abordadas pelos(as) entrevistados(as), a partir de duas subcategorias: a) alinhamento dos cursos com as políticas nacionais de pesquisa e inovação e; b) a contribuição das pesquisas em música para o cenário científico mais amplo. De forma geral, as perspectivas indicaram um aparente distanciamento do contexto dos(as) doutorandos(as) sobre ciência, tecnologia e inovação, o que pode revelar certa ausência nesse aspecto em suas formações. Por outro lado, suas experiências apontaram para perspectivas de contribuições inovadoras em suas teses, como a criação de um podcast.

4.4.1 Alinhamento dos cursos com as políticas nacionais de pesquisa e inovação

Na contemporaneidade, é possível destacar documentos e ações que contribuam para a produção de conhecimento e formação de pesquisadores(as) no Brasil. Como apontam Queiroz (2023), Kuenzer e Moraes (2005), Saviani (2007), dentre outros autores, no contexto da Educação Superior, a formação de pesquisadores(as) se dá em universidades, a partir da pós-graduação *stricto sensu*, em cursos de mestrado e doutorado. É importante destacar que um curso de mestrado funciona como uma etapa inicial de formação em pesquisa, ao passo que um curso de doutorado se configura como um processo de consolidação de formação de pesquisadores(as) (Saviani, 2007).

A Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior tem destaque no que tange a políticas formativas para qualificação de pessoas, com ações que promovem e incentivam a formação de novos mestres e doutores no país (Kuenzer; Moraes, 2005). Uma dessas ações está na garantia de bolsas de estudo para estudantes que estão no desenvolvimento de seus cursos. Isso significa pensar em cada vez mais valorização dos futuros pesquisadores do Brasil. Essa é uma política fundamental para garantir a inserção, a

manutenção e conclusão de estudantes em cursos de mestrado e doutorado.

Outrossim, vale destacar o documentos de Área Artes / Música da CAPES, o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) (2024-2028), o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), vinculados ao Ministério da Educação (MEC), Parecer Sucupira nº 977/65, assim como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), responsáveis por reger e regulamentar a pós-graduação no Brasil e fomentar a produção de conhecimento, com editais de concessão de bolsas para desenvolvimento de projetos de pesquisa.

A partir desse breve panorama discutido acima, é possível destacar algumas das perspectivas dos(as) doutorandos(as) em que relatam sobre ciência, tecnologia e inovação, sobretudo no que diz respeito ao entendimento do que é proposto na área de música e das possibilidades inovadoras de suas pesquisas.

Assim, a forma de Ênio (2023) pensar sobre essa articulação entre o que realizou durante o curso de doutorado e uma busca por devolver para a sociedade algo inovador, por meio de sua tese, é esclarecedora ao refletirmos um pouco sobre tecnologia e inovação. Tal relato indica uma alternativa diferente para que esse conhecimento chegue até a sociedade. É tornar, então, o conhecimento científico em senso comum novamente. Ou seja, o pensamento de Ênio desvela uma ideia de inovação social. Nesse sentido, Ênio (2023) comenta o seguinte:

[...] eu sempre tive essa preocupação na minha vida, de que, se eu fosse fazer um mestrado ou doutorado, que eu pudesse já dar uma contrapartida social e eu acho que a publicação é essa forma. Eu não sei se isso entra dentro dessa área de tecnologia e inovação, mas eu estou tendo um foco nisso. O que eu vou fazer, em parceria com o Instituto Çarê, que a gente vai criar para o ano que vem [2024], vai ser um site, porque a obra do Madureira a gente tem publicado com uma grade das músicas e o texto com o contexto histórico e tudo mais. Agora as partes cavadas, de cada instrumento, a gente vai criar um site, que é uma ferramenta tecnológica, e onde a gente vai disponibilizar pra qualquer músico do planeta terra, essa música vai estar lá, as partes cavadas, a viola, o violino etc. e tal. Isso vai ser uma ação que eu vou fazer como pesquisador da UFPB, do doutorado. Aí já vai entrar, assim, eu como pesquisador, doutorando (Ênio, 2023).

Todas essas ações e desdobramentos de sua tese foram possíveis, porque Ênio (2023) foi bolsista da CAPES, o que fez com que pudesse ter dedicação exclusiva para a realização e escrita do trabalho. Ao pensar em elaborar um *site* e um *podcast*, a postura de Ênio (2023) revela uma percepção mais próxima da realidade das pessoas, considerando que elas podem ter acesso a música de Madureira, com o próprio compositor tecendo comentários de como as

músicas foram criadas. No entanto, Ênio (2023) revela que esse debate sobre tecnologia e inovação poderia aparecer de forma mais explícita no curso, o que indica um certo déficit em sua formação. Dessa forma, Ênio (2023) relata:

Mas eu vejo que esse canto precisa ser mais claro, mais explícito – da inovação, tecnologia e ciência. E eu acho que isso precisa ser mais explícito. Acho que a gente teve contato com textos que Luis passou, ali na área de pesquisa, ali de... na coisa avançada [Metodologia da Pesquisa Avançada em Música] (Ênio, 2023).

Partindo da fala de Ênio (2023), a tecnologia e a inovação são importantes para a disseminação do conhecimento, considerando o cenário da educação brasileira contemporânea. Quando o Parecer Sucupira 977/65 remete originalidade a produção de uma tese, acredito que uma das questões é de se pensar justamente sobre políticas que fortaleçam esse elo entre universidade e comunidade em geral e que as pesquisas, de fato, tenham algum sentido para a vida de quem fez o trabalho e de quem vai lê-lo. Essa é uma reflexão feita por Lucas (2023), inclusive, quando afirma que “[...] a única articulação que vejo nisso aí é a produção científica. Que você tem essa difusão, né?”.

Dessa forma, fica evidente que há uma preocupação com a produção e a publicação de pesquisas, mas que é preciso um alinhamento mais consistente entre as políticas de ciência, tecnologia e inovação e os cursos de doutorado em música. O PNPG (2024-2028) é claro em relação a essa questão ao considerar que

[a] ausência de uma articulação efetiva entre o setor produtivo não-acadêmico e as instituições de ensino superior é uma das razões fundamentais para essa lacuna na conversão do conhecimento. A baixa interação entre pesquisadores e empresas dificulta a identificação das demandas do mercado, resultando em uma pesquisa que, muitas vezes, com menor alinhamento com as necessidades da indústria e da sociedade (Brasil, 2023, p. 76).

Acredito que a preocupação maior, para além de mercado, deva ser com a sociedade, e me parece que a articulação entre pós-graduação e o conhecimento produzido por ela, através de dissertações e teses, é um caminho possível para essa aproximação acontecer efetivamente. Mas não se trata de apenas produzir e pensar em quantidade de textos publicados ou de pessoas formadas. A questão é sobre a qualidade das pesquisas e a inovação proporcionadas por estas para a sociedade, de modo a fomentar o acesso ao conhecimento, a partir de um processo de democratização da ciência.

Nesse cenário, Bourdieu (2004) ajuda a refletir no sentido de que a pesquisa científica

pode ser uma possibilidade para uma contribuição direta a demandas sociais. Segundo Bourdieu (2004),

[...] se existisse uma estrutura de **deliberação coletiva**, capaz de ultrapassar as divisões que evoquei, ainda agora, entre teóricos, práticos, básicos, aplicados, homens, mulheres e todo o resto e que enunciasses as questões, ao mesmo tempo, importantes e urgentes, certamente isso seria uma boa coisa **tanto para a ciência como para a sociedade**” (p. 75, grifos nossos).

Socialmente, a coletividade tende a ser uma ferramenta capaz de permitir ações que contemplem demandas sociais da agenda contemporânea. Na área de música, podemos pensar na inter-relação com a educação básica, por exemplo, ao refletirmos sobre maneiras mais acessíveis de inovação de um produto para as pessoas de idades diferentes. O simples fato de pensar em metodologias pedagógico-musicais diversas e de produzir sobre isso, de modo a alcançar professores estudantes, pode ser um avanço. Ou seja, é através da força coletiva que a inovação pode, de fato, emergir como uma luz a acender a criatividade e iluminar a difusão do conhecimento.

Quando pensamos de forma mais ampla, o Brasil, em relação a outros países da América do Sul, tem um potencial significativo no que diz respeito à pós-graduação e a tecnologia e inovação. Na fala de Patrick (2023) é possível perceber essa potencialidade, quando afirma que em seu “[...] país não tem pós-graduação em música. Então isso é uma falha, e que no Brasil tá bem mais avançada nesse sentido. E que tem que continuar assim até pra fomentar” (Patrick, 2023). Essa perspectiva apontada por Patrick demonstra que a realidade e incentivo a pesquisa e inovação no país se difere de outros, o que revela um fomento importante na formação de novos(as) mestres e doutores(as). Se a produção de conhecimento em cursos de mestrado e doutorado, assim como está presente no PNPG (2024) é responsável por incentivar e manter essa inovação, mesmo que ainda esteja de forma não tão articulada, vale salientar que é preciso olhar com ainda mais atenção para esses cursos.

No regulamento 003/2018 do PPGM/UFPB, em seu objetivo para o curso de doutorado, fica evidente a preocupação sobre a inovação do conhecimento, seja ele científico ou artístico. No que tange ao regimento interno do PPGMUS/UFBA, não encontrei menção aos termos “ciência, tecnologia e inovação”, o que preocupa, considerando a importância de destacar tal aspecto na formação de pesquisadores(as) em música.

Anunciada (2023) comenta que há um esforço para articulação do curso em relação a tecnologia e inovação, mas considera que, talvez, não exista um esforço conjunto e que, nesse

sentido, ressalta a importância do diálogo com outras áreas, de modo que as pesquisas que são realizadas não se restrinjam aos próprios pares. O que é mencionado por Anunciada (2023), me faz refletir sobre que é fundamental discutir o impacto da pesquisa e inovação em música para que possamos ter uma noção em que lugar estamos enquanto ciência que lida com diversos fatores da sociedade. Enquanto ciência social e humana, a música poderia ser, a partir dos fomentos a produção de conhecimento, mais representativa aos olhos dos órgãos de ciência, tecnologia e inovação, considerando a relevância da nossa produção, assim como já apontava Del-Ben (2014), em seus escritos sobre produção de conhecimento em educação musical no contexto das políticas de pesquisa e inovação.

No marco legal da ciência, tecnologia e inovação, na sessão II, art. 14, é definido que

[a] ICT pública instituirá a sua política de inovação, que disporá sobre: I - a organização e a gestão dos processos que orientarão a transferência de tecnologia; e II - a geração de inovação no ambiente produtivo, em consonância com as prioridades da política nacional de ciência, tecnologia e inovação e com a política industrial e tecnológica nacional (Brasil, 2018, p. 39-40).

Logo, percebendo essa demanda instituída às ICTs, é possível refletir que a pesquisa e inovação estão no cerne da pós-graduação, sobretudo nos cursos de doutorado, e que são diretamente responsáveis por contribuir com o avanço da sociedade. As perspectivas dos(as) doutorandos(as) evidenciam que, dentro de suas formações, houve uma baixa percepção sobre tecnologia e inovação, quando pouco vistas através de uma disciplina de metodologia da pesquisa. Acredito que esse é um ponto a ser considerado pelos programas de pós-graduação em música, em seus respectivos cursos, no momento de pensar a formação de seus estudantes, através de ações que possam deixá-los mais próximos de algo que é tão latente nos documentos gerais, como o PNPG (2024-2028).

Independentemente da instituição de ensino e pesquisa, a população de mestres e doutores representa uma força de trabalho essencial para a capacidade do país absorver, transformar e produzir conhecimentos, assim como gerar ações relacionadas ao empreendedorismo e à inovação. Além disso, essa população de titulados é essencial para a formação ou qualificação de pessoas (Brasil, 2023, p. 75).

Então, em certa medida, há um alinhamento dos cursos em relação a questões de políticas de ciência, tecnologia e inovação, mesmo que ainda pareçam um pouco distantes nas perspectivas dos(as) entrevistados(as). Foi possível perceber esse distanciamento por uma

aparente ausência na formação dos(as) doutorandos(as) a esse respeito. É fundamental garantir uma maior incidência na perspectiva de inovação social da música e incentivar e disseminar a inovação através de produção e divulgação científicas. Mesmo que as dissertações e teses sejam um produto resultante de realização de uma pesquisa, pode ser considerado muito mais do que isso, estando presente na formação de pesquisadores(as) em música de forma mais sólida, de modo a fortalecer o coletivo de produção de conhecimento e a articulação entre pesquisadores em formação e sociedade. Portanto, investir nesse setor é demasiadamente importante para pensarmos em cursos de doutorado em música ainda mais alinhados com a realidade da população brasileira.

4.4.2 A contribuição das pesquisas em música para o cenário científico mais amplo

Afunilando um pouco mais o debate anterior, acredito que tratar sobre possíveis contribuições da pesquisa em música no cenário científico mais amplo seja fundamental para concebermos, dentro da área, uma reflexão no debate sobre a formação de pesquisadores(as) contemplando outras áreas transversais a essa formação. Nesse sentido, quem faz pesquisa em Música não se restringe à própria música. Isso porque há de se considerar a vasta literatura e uma gama de estudos de áreas como a Educação, que são bem próximas. E tal aspecto pode ocorrer também em outras áreas de conhecimento no sentido inverso do que mencionei anteriormente, ou seja, um processo de retroalimentação.

Essa retroalimentação também pode se fazer presente na difusão do conhecimento, a partir das pesquisas realizadas, de modo que chegue à população de forma simples e acessível. A acessibilidade do conhecimento talvez dependa de um engajamento coletivo dos(as) pesquisadores(as) em formação para pensarem o contexto em que estão desenvolvendo em suas teses. Como mencionado na subcategoria anterior, a tese de doutorado é um produto, mas pode ser muito mais do que isso, de modo a contribuir efetivamente com a cena mais ampla da ciência. Essa é uma reflexão que nos permite pensar sobre de que forma nossas pesquisas em música podem dar uma contrapartida para esse cenário científico, de modo a não ficar encaixotado em bibliotecas e esquecido por muitos.

Nessa perspectiva, Ênio (2023) relata que tem uma preocupação de pensar como o conhecimento produzido por ele pode chegar em outras pessoas, de modo que elas entendam o que e como foi desenvolvido. Para isso, menciona o desenvolvimento de um documentário e afirma que

[...] isso é uma coisa que eu venho pensando, porque a terceira parte do meu trabalho eu quero desenvolver um documentário, dentro da tese, que é um QR Code, que a pessoa vai entrar, e ela vai entrar dentro de um documentário, que aí eu já vou colocar a realidade da criação da pesquisa, como é que a coisa foi se desenvolvendo (Ênio, 2023).

Ainda sobre o relato de Ênio acima, é mister perceber que não se trata apenas de um trabalho burocraticamente escrito, mas que tem algo que chama a atenção de quem está lendo sua tese, pois qualquer pessoa que acessar poderá assistir e ter seu próprio olhar sobre o material documentado. Essa é uma contribuição que, certamente, pode impactar diversas pessoas positivamente, inclusive se pensarmos no âmbito da inclusão de pessoas com deficiência visual, por exemplo, pois facilitará o entendimento. Então, essa perspectiva está para além de uma área específica, convergindo para um pensamento de coadunação com toda e qualquer pessoa que quiser saber sobre uma determinada pesquisa.

Olhar para a difusão do conhecimento pelas lentes da inclusão é fundamental, haja vista que, para que se possa alcançar toda e qualquer pessoa, as individualidades precisam ser levadas em consideração. Por exemplo, para um documentário, o acréscimo de áudio descrição pode se mostrar como uma alternativa de uma tecnologia assistiva, de modo a agregar uma experiência mais ampla dentro de um universo de acessibilidade.

O impacto social advindo de um documentário pode ser significativo, de modo a pensarmos em novas possibilidades de produção de conhecimento em música. Para a cena da pesquisa científica, produções audiovisuais oriundas de uma tese podem materializar inovações sociais e contribuir para uma desmistificação das diversas músicas produzidas no Brasil, haja vista a pluralidade de práticas musicais presentes no país. Alguém que nunca ouviu falar em Antônio Madureira ou em suas músicas, terá a possibilidade de escutar e entender melhor sobre a obra do compositor. Isso ajuda a refletir sobre a importância da divulgação científica, através da criação de um podcast, pois é uma forma de propagar de forma mais rápida o conhecimento produzido.

O que Ênio propôs em seu trabalho de doutorado reverbera em múltiplas facetas do saber científico, uma vez que tem potencial para que outras áreas possam olhar para a área de Música e perceber o que vem sendo produzido e como essa produção pode contribuir com perspectivas mais amplas. Dessa forma, olhar para isso denota uma preocupação com o compartilhamento de ideias, de visões de mundo, de práticas de pesquisa, o que ajuda a promover uma difusão do saber científico-musical, suas particularidades e nuances.

Essa é uma preocupação, a meu ver, que pode ser desenvolvida durante a formação do(a) pesquisador(a) em música, considerando que o sujeito possa mover suas inquietações e curiosidades para produzir um trabalho que dialogue com questões contemporâneas da sociedade.

Nesse contexto, como venho afirmando durante esta tese, o conhecimento necessita ser solidário, colaborativo, coletivo e em rede (Severino, 2012; Bourdieu, 2004), de modo a garantir uma experiência formativa na pós-graduação que seja consistente e que contribua, de fato, para a produção de conhecimento novo. Para Bourdieu (2004), tal demanda poderia vir através do que ele chama de “comunidade científica” ou “campo de concorrências”.

O que eu desejaria muito é que isso que se chama **comunidade científica** – que, aliás, **não é uma comunidade**, mas **um campo de concorrências** etc. – , numa palavra, que os eruditos, os artistas, os escritores se constituíssem pouco a pouco em instância coletiva capaz de intervir como uma força política para dar opinião sobre problemas que são de sua competência [...] (Bourdieu, 2004, p. 74, grifos nossos).

A perspectiva abordada por Bourdieu (2004) muito tem a ver com um posicionamento coletivo. Mills (2009), ao refletir sobre o artesanato intelectual, também nos convida a explorarmos um conhecimento socialmente construído, oriundo de ofício enquanto pesquisador. Esse ofício está vinculado a aprender a lidar com circunstâncias associadas a própria prática de fazer pesquisa e desenvolver seu trabalho. E nesse trabalho de escrita, o jovem pesquisador tem uma demanda como escritor para poder amadurecer sua expressividade à medida que comunica aquilo que está aprendendo, estudando em sua tese.

Essa comunidade científica, através de um domínio de escrita que expresse a mais simples e direta contribuição ao outro, pode significar transparência científica e, portanto, emancipação acadêmica para quem está e para quem não está na ambiência da pós-graduação. Dessa forma, Lucas (2023) cita algo que nos possibilita enxergar ainda as “pessoas comuns” e aproximá-las do universo da pesquisa. O que ele chama de “comum” seriam pessoas que tiveram formação entre o segundo grau até uma graduação completa. E ressalta a interação da pesquisa com a vida. Para Lucas (2023),

mas como é que essa pesquisa ela tem a ver com a sua vida, né? Então tinha que ter esse elo de mostrar, no caso da música, né, que a gente é da música, que como é importante essa pesquisa pra vida da pessoa e... pra cultura, né, pro crescimento individual, pro crescimento do grupo, da sociedade.

Interessante notar que o relato de Lucas (2023) remete a uma noção de pesquisa que está próxima da realidade da vida, mas também de perspectivas culturais, sociais e de grupo. Isso é importante de se considerar, pois contempla questões como as dinâmicas socioculturais das pessoas, de práticas culturais diversas, de um elo entre uma ecologia de saberes. Essa reflexão está alinhada com a definição de pesquisa em música cunhada por Queiroz (2023), apresentada na primeira categoria deste capítulo, ao considerá-la como uma prática investigativa que detém metodologias e métodos específicos para as nuances do fenômeno musical e que, ao mesmo tempo, dialoga com outras perspectivas de pesquisa e noções mais amplas da música, como a diversidade e os diversos tipos de fazeres musicais.

Aproximar a produção intelectual com a experiência de vida também pode significar um movimento para novas reflexões no ambiente pós-graduado, como aponta Mills (2009). A maneira de ver o mundo e de interpretá-lo tem a ver com diversas situações que acontecem em nosso cotidiano, seja na rua, em sala de aula, nos corredores da universidade ou, ainda, em algum passeio turístico. Essas experiências, de cunho individual e/ou coletivo, tendem a conectar aquilo que produzimos com o que vivemos, de modo a fazer mais sentido o que podemos contribuir para uma perspectiva mais ampla de produção científica. Pesquisas sobre música da cultura popular são um exemplo potente para refletirmos sobre a conexão da prática intelectual conversando com a prática do senso comum, o que pode revelar como uma contribuição significativa no sentido de concebermos o quão próximo estamos de nossa cultura e de questões que são latentes, mas que poderiam passar despercebidas não fosse essa conexão com as experiências de vida. A pesquisa de Lucas demonstra isso, pois revela uma forma de como podemos encontrar contribuições que estão para além de nossas próprias produções acadêmicas.

Nesse mesmo sentido, Anunciada relata: *“Eu acho que a gente pensa muito mais, assim, no que eu vou contribuir, talvez, do que no que nós, como pesquisadores, podemos contribuir pra sociedade”* (Anunciada, 2023). Ou seja, é evidente na fala da doutoranda que não basta olhar apenas para o que temos a contribuir, mas para quem vamos oferecer essa contribuição. Então, olhar para contribuições da pesquisa em música é perceber novos horizontes e reconhecer todo e qualquer tipo de saber como legítimo, ao passo que, em algum momento, podemos depender dele para uma concepção de um conhecimento científico.

Essa perspectiva fica ainda mais clara, pois a pesquisa de Anunciada teve uma particularidade presente no imediatismo da tecnologia, considerando que realizou a construção dos dados em um grupo de *WhatsApp* composto por professores(as) de música de diversas

regiões do Brasil. Então, ela precisou analisar algo que está em constante movimento e mudança. Ter que analisar e interpretar dados oriundos de conversas de um aplicativo de mensagem pode ser um desafio e, ao mesmo tempo, uma maneira de contribuir com a sociedade, como Anunciada (2023) destacou.

A sua fala indica uma preocupação com a forma que podemos contribuir com as pessoas e de devolver o conhecimento produzido e aprendido para elas. Ter o que mostrar para a cena da produção de conhecimento pode ser desafiador, mas, para além disso, nos preocuparmos em como podemos exercer uma real e original contribuição que impacte esse cenário é o que pode fazer a diferença nesse processo de realização de pesquisa em música.

A partir das análises e interpretações aqui realizadas, foi possível perceber que os(as) doutorandos(as) têm uma preocupação com o conhecimento que produzem, mas mais do que isso, para quem produzem. Isso significa uma demonstração de humildade intelectual por parte dos(as) pesquisadores(as) em formação ao se lançarem como interlocutores(as) de um conhecimento que é vivo e que não está limitado a ideais de uma única área. Isso me leva a compreender que a formação de pesquisadores(as), no âmbito dos cursos de doutorado em música, vem contribuindo para que jovens intelectuais possam desenvolver a capacidade crítica exigida na prática investigativa em música e olhar para as contribuições de suas pesquisas como uma extensão a sociedade.

4.5 A RELAÇÃO COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Para esta categoria, foram analisados alguns aspectos vinculados a relação com outras áreas do conhecimento, tomando como base a interdisciplinaridade adaptação de metodologias de pesquisa de outras áreas. Nesta categoria, alguns elementos se revelaram importantes, como o uso de metodologias e método de pesquisa de outras áreas, de forma a contribuir para um diálogo com outros campos, a exemplo da Educação. Além disso, o fator interdisciplinaridade foi destacado pelos(as) doutorandos(as) como um aspecto significativo no processo de formação e na realização de suas teses.

4.5.1 A interdisciplinaridade e a adaptação de metodologias investigativas de outras áreas nas pesquisas em música

A interdisciplinaridade dentro da pesquisa em música é uma temática que já vem sendo

debatida por alguns autores como Kraemer (2000) e Freire (2010). Essa maneira de olhar para perspectivas investigativas na área a partir de um diálogo com outras áreas, como Educação, Antropologia, Filosofia, Psicologia, Sociologia e subáreas da música, como Etnomusicologia, Musicologia e Educação Musical. Acredito que manter um diálogo com outros tipos de pesquisa e de propostas metodológicas pode ser fundamental para avançarmos enquanto área de conhecimento, assim como olhar para referenciais teóricos interdisciplinares que nos ajude a pensar sobre nossas práticas musicais, formativas etc., assim como adotado nesta tese, a partir de Bourdieu (2004) e Mills (2009), autores da Sociologia.

É possível perceber, segundo alguns autores, que o cenário da área vem tomando outras proporções e perspectivas metodológicas, visto que, como menciona Bresler (2007), quando trata sobre a pesquisa em educação musical, há algumas décadas a pesquisa na área ainda era centrada numa perspectiva quantitativista, objetivista, havendo uma mudança a partir dos anos 2000, onde a pesquisa qualitativa foi considerada como aceita pela área. Isso não quer dizer, por exemplo, que não existisse pesquisa qualitativa no cenário da produção de conhecimento em educação musical. Na verdade, se há uma diversidade de abordagens e metodologias, métodos e técnicas de pesquisa que podem ser contempladas na investigação científica.

Bresler (1995) discute um pouco sobre o paradigma qualitativo neste cenário e sobre alguns métodos que podem ser utilizados, como a Etnografia, a Fenomenologia e a Pesquisa-Ação. Estes métodos, por exemplo, estão relacionados também com outras áreas e subáreas, como a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia, a Educação e a Etnomusicologia. Isso demonstra a importância do diálogo com outras áreas de modo a estabelecer a utilização de abordagens metodológicas que colaborem para um avanço e consolidação no processo de produção de conhecimento a partir da pesquisa.

A esse respeito, Maria (2023) reflete que a área de música ainda busca utilizar de métodos de outras áreas para poder realizar pesquisa, o que acaba por se configurar como uma adaptação. Ela menciona que, mesmo que busquemos esses métodos de outras áreas do conhecimento, ainda precisamos desse diálogo para a realização de nossas pesquisas em música. Segundo Maria (2023),

ainda a gente necessita de muito das outras áreas pra poder fazer pesquisa em música. Das definições, principalmente, da metodologia, né? Então a gente fica buscando métodos e adaptando-os em música. Aí, se a gente vai pra outra área, como Composição, aí a gente vai pra área de Física, e vai pra

outras áreas. Mas ainda a gente sempre precisa do apoio das outras áreas pra nossa pesquisa em música (Maria, 2023).

A fala de Maria (2023) indica que, mesmo que busquemos definições próprias — e que acredito ser um exercício legítimo — é fundamental buscar refletir sobre novas tendências em pesquisa. Esse debate, inclusive, também já vem sendo feito há algum tempo na cena da produção de conhecimento em música, a partir de perspectivas interdisciplinares.

Ainda sobre o relato de Maria (2023), é possível perceber uma inquietação sobre como podemos pensar em perspectivas metodológicas próprias da área de música, como discutido por Queiroz (2023), considerando suas particularidades e subjetividades, de modo a tecer uma rede de sentidos e conexões que estão presentes em cada manifestação musical de um país com dimensões continentais como o Brasil. Essa interdependência e interrelação com outras áreas de conhecimento pode ser rica para a pesquisa em música, no sentido do diálogo e da troca de saberes, sejam metodológicos, teóricos etc.

Os escritos de Freire (2010), mesmo com um hiato de 15 (quinze) anos — considerando que estamos em 2025 — ainda reverberam algumas provocações, no sentido de olharmos para as subáreas da Música e buscarmos entender o que pode ser utilizado ou não metodologicamente, seja parcial ou totalmente. Isso porque o debate da autora parece anda atual no sentido da proximidade que a área de Música tem com outras áreas do conhecimento. É importante ressaltar que o debate realizado pela autora tem ressonância em perspectivas pós-modernistas, de modo que ela afirma que “as tendências interdisciplinares ganham espaço renovado, sob o paradigma de pensamento pós-moderno, mas também desencadeiam resistências e críticas diversas, não só na área de música” (Freire, 2010, p. 56). Nesse sentido, Freire (2010) destaca alguns pontos importantes sobre as pesquisas em música:

Constatamos, assim, que ainda há muitos desafios para a área de música enfrentar, em suas pesquisas, caso pretenda caminhar na direção de uma renovação efetiva e profunda de seus princípios e métodos. Por outro lado, mesmo aqueles que relutam ou refutam essas concepções do novo paradigma têm sentido necessidade de refletir e de reconstruir seus argumentos, face à nova argumentação teórica que vem se colocando, não só na música, há pelo menos quatro décadas (Freire, 2010, p. 56).

Dessa forma, assim como aponta a autora, acredito ser legítimo continuar refletindo sobre tendências metodológicas dentro da cena da pesquisa em música, uma vez que podemos vislumbrar avanços para a área no que diz respeito a realização de investigações futuras, sobretudo no cenário da pós-graduação *stricto sensu*, nos cursos de mestrado e doutorado.

A realização da pesquisa em música, de maneira geral, possibilita conhecer e compreender diversas formas e contextos da prática musical e do ensino e aprendizagem da música. Pode nos apresentar conhecimentos que nos revelem tendências metodológicas e de pesquisa emergentes que precisam ser investigadas e discutidas, de modo a impactar na produção de conhecimento novo.

Métodos como a Etnografia, citado por Bresler (1995), podem contribuir sobremaneira — embora a autora comente em seu texto que tais métodos quase não são vistos na literatura da educação musical, é preciso considerar e contextualizar que o texto já tem 30 (trinta) anos desde a sua publicação — no sentido de compreender como acontece o processo de transmissão musical em determinada manifestação musical, por exemplo, na descrição dos elementos ali compostos e na análise dos significados compreendidos a partir da oralidade no processo do fazer musical. A produção científica na área também vem ganhando um aumento significativo, a partir da expansão e consolidação da pós-graduação no Brasil, como é percebido no PNPG (2024-2028).

Ênio (2023), em sua linha de pensamento, considera que a formação musical poderia ser o mais interdisciplinar possível, pois como sua formação de base vem da História, então é possível perceber um olhar mais abrangente para outros aspectos inerentes a pesquisa e a formação do(a) pesquisador(a). Isso fica mais evidente quando ele menciona sobre buscar definir a música e, ao pensar sobre isso, relata ser difícil de definir algo que está em movimento. Segundo Ênio (2023),

Quando a gente fala de música... o que é música, né? Música está acontecendo. Eu não tenho como falar, definir algo que está acontecendo. Enquanto eu estou falando, tem alguém criando, fazendo. Está acontecendo. A música ela tem a própria dimensão do tempo. Ela é! Ela não foi, ela não será. A música ela é. Ela está acontecendo. Então, é ter um pouco disso, é... é ter uma predisposição a saber que nunca vai se saber e, se possível, é... procurar o diálogo, sabe? O mais interdisciplinar possível. Se você estuda... sei lá... cavaquinho, tudo bem. Mas vai ouvir uma ópera também, vai ouvir o canto dos índios.

A fala de Ênio (2023) nos convida a aspirar a uma escuta musical mais ampla, de modo que o(a) pesquisador(a) em formação possa interpretar questões de estética, por exemplo, e dialogar com instrumentos de pesquisa a partir de escrita etnográfica que, embora, seja uma ferramenta mais presente na Antropologia e na Etnomusicologia, também se fazem presentes na Musicologia contemporânea e na própria performance musical. Estudos de estética e acústica

musical são exemplos de diálogos inter ou, ainda, intradisciplinares, se considerarmos a própria música como referência.

O relato de Ênio (2023) indica reflexões sobre uma dimensão filosófica da música, pois aborda tempo, espaço e abstração do fenômeno. Ao passo em que pensamos em/sobre música, pode ter alguém desenvolvendo uma prática musical. Além disso, sua fala revela um aspecto relevante para a formação de pesquisadores(as), que é a predisposição em conhecer algo novo e de reconhecer que não se sabe tudo. Assim sendo, ao observar essas nuances, é possível refletir que olhar para a produção da área e da sua relação com outras áreas, demonstra o simbolismo da música enquanto prática artística e científica, reforçando sua dimensionalidade transversal.

Nessa perspectiva, Anunciada (2023) evoca a reflexão sobre pesquisas transdisciplinares, que possam estar articuladas com as demandas e necessidades da sociedade no século XXI. Para a doutoranda, a ideia de estabelecer um conhecimento em rede e que converse com outras formas de fazer pesquisa é algo importante.

Talvez se a gente se juntasse e fizesse, né? A gente conseguiria fazer mais junto. Então eu acho que isso também é... assim, seria importante eu vejo, né?, na nossa área. Talvez a gente se articular mais e fazer pesquisas que se conversem, ou então, assim, estabelecer essas redes de pesquisa pra que a gente se torne mais relevante (Anunciada, 2023).

Nesse sentido, construir redes coletivas é fundamental para que a área possa avançar e manter uma articulação entre os pares e outras áreas. Esse movimento demanda um esforço conjunto, como reflete Anunciada (2023), de modo que quem faz pesquisa na área necessite de ter um olhar para essas questões e de manter seus artigos, dissertações e teses em diálogo mais direto dentro das próprias subáreas da música. Um conhecimento produzido de forma coletiva, solidária e em rede, de modo a buscar por uma consolidação da área enquanto campo de pesquisa. Tal ponto pode impactar diretamente em novas possibilidades na formação de pesquisadores(as) em música.

A perspectiva de Anunciada reverbera aspectos que nos fazem refletir sobre a forma como podemos dialogar, mantermos contatos, assistirmos defesas de dissertações e teses em outros departamentos, de estarmos presentes em congressos e eventos de outras áreas do conhecimento, o que nos aproximará ainda mais destas. Tal ação pode ser preponderante para avançarmos em nossas concepções e ampliarmos nossos horizontes dentro da música como

campo científico, de modo que vai contribuir com a sua difusão e representatividade perante outras áreas.

Anunciada ressalta justamente a questão da relevância da área e de afirmar isso através de uma rede de pesquisa. Essa perspectiva sugere a condição de que nossas pesquisas possam conversar entre nós mesmos, o que reforça um movimento coletivo para que isso seja construído. Essa concepção nos convida a pensar sobre uma área de música generosamente científica, ou seja, que esteja disposta a aprender com seus próprios pares, com áreas afins e, assim, avançar enquanto ciência.

Essa é uma provocação pertinente quando se busca olhar para a epistemologia da música como campo de conhecimento. A forma como olhamos para a área pode nos ajudar a diagnosticar mais do que problemas, mas soluções, através de um coletivo de produção de conhecimento. Desse modo, é pertinente pensar que o(a) pesquisador(a) em formação, pode, durante seu percurso formativo, buscar maneiras de discutir essa perspectiva com os pares, de dialogar sobre suas pesquisas e de olhar para como a área pode ganhar ainda mais relevância.

Dessa forma, segundo Freire (2010),

[e]xiste uma provocação epistemológica em pauta, que nos cabe discutir e analisar, e que não pode ser ignorada, uma vez que perpassa grande parte de importantes trabalhos contemporâneos. Creio que nos cabe tirar partido do que nos parecer pertinente, mas para isso, faz-se necessário arregaçar as mangas e analisar novas tendências profundamente e sem preconceitos, seja para incorporá-los total ou parcialmente, seja para rejeitá-los, total ou parcialmente (p. 56).

A forma de olhar para o fenômeno, a partir da utilização de diversos métodos de pesquisa, torna-se tão importante quanto o resultado da pesquisa. A investigação científica em música tende a avançar a partir de uma intensa investida com a preocupação com as diversas maneiras de se pensar a formação em música em seus múltiplos contextos. Olhar para a produção da área, de modo a analisar suas tendências, lacunas e metodologias, poderá permitir um avanço na produção de conhecimento pedagógico-musical, etnomusicólogo, musicológico etc. tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Portanto, é possível concluir que os(as) doutorandos(as) trazem visões que vislumbram novas maneiras de fazer pesquisa, de mostrar as pesquisas, de escuta musical ou, ainda, de condições que possibilitem o uso de metodologias de áreas diversas para a compreensão de um fenômeno de estudo. Assim como refletido em subcategorias anteriores, pensar de forma interdisciplinar não impede que a área de música possa ter suas próprias maneiras de fazer

pesquisa e de olhar para as diversas nuances do fenômeno musical, vide os escritos de Cook (2006) e de Queiroz (2023).

Acredito que esse modelo disciplinar já não cabe mais para a sociedade contemporânea e para a pesquisa do século XXI. A formação de pesquisadores(as) em música é tão diversa quanto a própria música, por considerar uma diversidade de aspectos que contemplam a natureza de um curso de doutorado. O amadurecimento é um elemento que reluz nas experiências formativas dos(as) doutorandos(as), pois precisaram, por vezes, passar por muitas demandas, que incluem o uso de abordagens teórico-metodológicas inovadoras ou ainda desconhecidas.

Isso faz com que o(a) pesquisador(a) em formação possa ter inúmeras possibilidades e questões para pensar em pesquisas futuras. Acredito que a vida de quem faz pesquisa é movida por essas diversas análises e reflexões diárias, no sentido de buscar fazer seu melhor no desenvolvimento de sua dissertação ou tese, pensando na área, nos pares, mas também na sociedade. Essa noção, portanto, demonstra o quão flexível e viva é a prática de pesquisar, pois sempre podemos aprender algo novo, seja com o que estamos estudando ou com o que outras pessoas estão realizando. Assim, pensar em uma ambiência de pós-graduação em música de forma coletiva, é perceber sua força para com o avanço da Música enquanto área de conhecimento e de suas contribuições com as demandas sociais contemporâneas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste item, são apresentadas as considerações finais desta tese, de modo a destacar as principais reflexões e contribuições da pesquisa. A partir dos objetivos delineados inicialmente, busco sintetizar os dados e discutir suas implicações, além de apontar caminhos para estudos futuros. Dessa forma, o objetivo geral desta tese foi compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) nos cursos de doutorado em música do PPGM/UFPB e do PPMUS/UFBA, a partir das perspectivas de doutorandos(as), das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com os documentos mais amplos que norteiam o cenário da pós-graduação *stricto sensu* no país.

Considerando minha principal interpretação dos dados, minha tese é que a formação de pesquisadores(as) em música se dá por uma conjuntura coletiva e individual, respeitando as singularidades de cada doutorando(a) — seja por questões pessoais internas ou externas, a partir da subjetividade de pensamentos e dos alinhamentos com as propostas dos programas de pós-graduação de cada um(a). Com isso, se tornar pesquisador(a) em música perpassa por um longo caminho, sendo o doutorado apenas uma etapa do percurso.

Considerando a tese aqui apresentada, foi perceptível a importância de o pesquisador(a) em formação considerar a realidade e o contexto pesquisados para compreender melhor o fenômeno musical e suas práticas, seja em Educação Musical, Etnomusicologia, Musicologia, Performance Musical ou Composição. A pesquisa em música é diversa e, portanto, plural, devendo ser observadas as singularidades das dinâmicas socioculturais. Contudo, não foi meu objetivo propor mudanças para a pós-graduação em música no Brasil ou julgar quem está certo ou errado. Minha intenção, assim, foi de apenas compreender esse processo de formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música.

Foi possível tecer reflexões e diálogos a partir do referencial teórico escolhido, com base nas ideias de campo científico (Bourdieu, 2004) e artesanato intelectual (Mills, 2009), mesmo considerando algumas limitações conceituais e ideológicas proporcionadas pelo hiato de tempo em que suas obras foram publicadas em relação ao ano de escrita desta tese. Contudo, ainda considerando limitações como a autonomia de um campo, frisada por Bourdieu (2004), esses autores foram importantes para que eu pudesse estabelecer diálogos com os dados interpretados, me auxiliando a compreender melhor o fenômeno da formação de pesquisadores(as) em música. As ideias de Cook (2006), Souza (2022) e Queiroz (2023) também contribuíram sobremaneira para perceber nuances importantes nesta formação através

da perspectiva da pesquisa em música.

Uma das limitações desta pesquisa foi a restrição do número de participantes, o que impede a generalização dos resultados. Além disso, o recorte metodológico focou em entrevistas e análise documental, sem explorar a etnografia, que poderia ter enriquecido a compreensão do cotidiano dos(as) pesquisadores(as) em formação.

Realizei análises e interpretações dos dados por meio de entrevistas com cinco doutorandos(as) em música, abordando perspectivas de suas experiências nos Programas de Pós-Graduação em Música da UFPB e da UFBA. Dessa maneira, pude compreender aspectos importantes no que se refere a formação de pesquisadores(as), a partir das categorias analisadas, quais foram: a) concepções sobre pesquisa e ser pesquisador(a) em música; b) estratégias de formação e autonomia; c) o impacto das condições externas na formação; d) integração com políticas de ciência, tecnologia e inovação; e) a relação com outras áreas do conhecimento. Pude perceber questões vinculadas a elementos sobre definições de pesquisa e pesquisador(a) em música, no sentido de que tais definições apareceram de forma que os(as) doutorandos(as) consideraram importante conhecer a realidade pesquisada, de ter um contato mais próximo com a sociedade, de participar de grupos de pesquisa, assim como da interação entre fazer música e fazer pesquisa.

Isso foi importante para compreender que o fazer científico-musical é plural e que o pesquisador(a) em formação, através de participação em disciplinas, grupos de pesquisa, conversa com o(a) orientador(a) e com os(as) colegas, pode desenvolver a capacidade crítico-reflexiva sobre suas pesquisas e sobre o mundo. Outros aspectos destacados foram o alinhamento e o não alinhamento dos documentos propostos pelo PPGM/UFPB e PPGMUS/UFBA. Alinhamento, pois em vários momentos, as perspectivas dos(as) doutorandos(as) condiziam com o que estava previsto. Não alinhamento, porque, em outros momentos, pareceu haver um certo distanciamento do que estava proposto e o que os(as) doutorandos(as) relataram, que se fizeram ausentes em suas formações, como uma definição mais explícita de pesquisa e de tecnologia e inovação.

Tais pontos foram fundamentais para uma reflexão sobre a criação de estratégias de formação nos cursos de doutorado dos(as) estudantes entrevistados(as), em que eles apontaram como importantes, quais sejam, uma presença mais significativa de componentes de pesquisa e de proposições mais integradas, que permeiem uma formação tendo a pesquisa como base desde a graduação até o doutorado.

Outro ponto que emergiu das perspectivas dos(as) entrevistados(as) foram questões de

cunho pessoal e de saúde que interferiram nas trajetórias dos(as) doutorandos(as). A pandemia foi um fator preponderante, mas não o único, que afetou de forma negativa o desempenho dos(as) estudantes, pois se sentiram perdidos durante esse período, não tiveram aula no formato presencial e precisaram alterar seus projetos e/ou temas de pesquisa. Questões de saúde também foram evidenciadas, o que apontou para um cuidado maior com a qualidade de vida dos(as) doutorandos(as).

As perspectivas dos(as) entrevistados(as) também apontaram para um certo distanciamento entre o que é proposto sobre ciência, tecnologia e inovação e o que está sendo desenvolvido nos cursos, o que pode revelar que os programas podem investir de forma mais enfática nesse aspecto. Mas, para além disso, os doutorandos(as) demonstraram em seus depoimentos uma preocupação com a inovação de suas pesquisas e a devolução do conhecimento produzido para sociedade, assim como contribuições de suas teses para a população, de forma acessível e democrática. E consideraram a interdisciplinaridade e a adaptação de metodologias investigativas de outras áreas para a pesquisa em música como uma forma importante para perceber novas formas de se desenvolver pesquisa, a partir de novas abordagens metodológicas e do diálogo com outros campos, indicando a coletividade e a produção de conhecimento em rede e solidária, importantes para a ambiência da pós-graduação.

Foi possível refletir sobre alguns aspectos, como a reflexão crítica sobre a produção de pesquisa e o engajamento criativo, inventivo e inovador, de modo que os pesquisadores(as) em formação possam buscar estratégias para lidar com as regulações do espaço institucional da pós-graduação durante seus percursos formativos, assim como perspectivas voltadas para o pesquisador artesão, forjado em si mesmo a partir de sua prática de pesquisa e de seu percurso formativo. Além disso, foi possível compreender que elementos que constituem o ser humano — a partir de questões pessoais e de saúde — também se fizeram presentes na trajetória de formação dos(as) doutorandos(as).

Dessa forma, algumas pesquisas podem ser realizadas a partir desta tese, como: a) formação de pesquisadores(as) em música nos programas de pós-graduação em música e em educação no Brasil; b) a compreensão da utilização da pesquisa como eixo formativo de professores de música; c) o uso de inteligência artificial nos cursos de doutorado em música e suas implicações nas escritas de teses e na formação de pesquisadores(as); d) a atuação de professores(as) pesquisadores(as) nas universidades e institutos federais a partir de seu processo de formação em cursos de doutorado em música; e) perspectivas pedagógicas na formação de pesquisadores(as) em música e suas inter-relações com questões pessoais e de saúde; f) os

grupos de pesquisa como espaços de formação de pesquisadores(as) em música. Espero que algumas dessas lacunas e inquietações possam ajudar para a realização de pesquisas futuras no sentido de contribuir para o avanço e consolidação da área de música.

Diante do exposto, esta pesquisa reforça a necessidade de repensar os processos de formação de pesquisadores(as) em música, considerando as especificidades de cada contexto institucional e as demandas do campo científico. Espero que esta tese possa contribuir com a área de música e áreas afins e, sobretudo, com pessoas que desejam trilhar um caminho de formação de pesquisador(a), tendo em mente que pode realizar a pesquisa, escrever a tese e ter uma vida.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Jorge Alexandro. Os “usos” da imaginação sociológica na prática de ensino do professor de sociologia. **Revista Vox Metropolitana**, [S. l.], n. 2, p. 125-137, fev. 2020. Disponível em: <https://revistavox.metropolitana.edu.br/2020/02/revistavox-metropolitana-no-02-fev-2020/>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRENECHEA, Lúcia. Pesquisa no Brasil: balanço e perspectivas. **Opus**: revista eletrônica da ANPPOM, Goiânia, v. 9, p. 113-118, 2003. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BEINEKE, Viviane; SOUZA, Jusamara (orgs.). **Publicações da Associação Brasileira de Educação Musical**: índice de autores e assuntos: 1992-1997. Santa Maria, RS: UFSM, 1998. (Série Perspectivas, 1).
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção da pesquisa em Educação Musical à sua apropriação. **Opus**: revista eletrônica da ANPPOM, Goiânia, v. 9, p. 35-48, 2003. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- BIANCHETTI, Lucídio. Política de avaliação e acompanhamento da CAPES: ingerências e impactos nos PPGES. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 140-153, 2006. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/36>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- BIANCHETTI, Lucídio. Grupos de pesquisa e formação de orientadores: depoimentos de pesquisadores. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 52, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/8943>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39). p. 122-155.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BORÉM, Fausto; RAY, Sonia. Pesquisa em performance musical no Brasil no século XXI: problemas, tendências e alternativas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA (SIMPOM), 2., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. p. 121-168. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/8033>. Acesso em: 14 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal da Paraíba. **Resolução nº 3/2018**. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ppgm/contents/menu/documentos>. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal da Bahia. **Regulamento Interno**. Disponível em: http://ppgmus.ufba.br/sites/ppgmus.ufba.br/files/regimento_interno.ppgmus.final_.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG (2024-2028)**. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/19122023_pnpg_2024_2028.pdf. Acesso em: 09 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Documento de Área: 11 – Artes**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/artes-pdf>. Acesso em: 09 jul. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Categoria de bolsa de produtividade do pesquisador no CNPq**. 2015. Disponível em: http://memoria2.cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/2958271. Acesso em: 15 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 977/65**. Definição dos cursos de Pós-Graduação. 1965. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/parecer-cesu-977-1965-pdf>. Acesso em: 19 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018**. Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação. 2018. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/arquivos/ASCOM_PUBLICACOE_S/marco_legal_de_cti.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

BRESLER, Liora. Ethnography, Phenomenology and Action Research in Music Education. **Quarterly Journal of Music Teaching and Learning**, [S. l.], vol. VI, n. 3 p. 1-30, 1995. Disponível em: https://www.bwgriffin.com/gsu/courses/edur7130/qualitative/5_Qual_Ethnog_Phenon_Bresler.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 15, n. 16, p. 7-16, mar. 2007. Disponível em: http://abemeduacaomusical.com.br/revista_abem/ed16/revista16_artigo1.pdf. Acesso em: 02 mar. 2023.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-84, out./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CLARK, Otávio Augusto Câmara; CASTRO, Ademar Araujo. A pesquisa. **Pesqui. Odontol. Bras.**, [S. l.], v. 17, n. suppl.1, p. 67-69, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pob/article/view/43057>. Acesso em: 02 out. 2021.

COSTA, Diogo Valença de Azedo. A sociologia como artesanato intelectual: política e contestação nas perspectivas teóricas de Wright Mills e Florestan Fernandes. In: CEPÊDA, Vera Alves; MAZUCATO, Thiago (orgs.). **Florestan Fernandes, 20 anos depois – um exercício de memória**. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: UFSCar, 2015.

COOK, Nicholas. Agora somos todos (etno)musicólogos. **Ictus - Periódico do Programa de Pós-Graduação da UFBA**, v. 7, n. 7, p. 7-32, dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34284>. Acesso em: 30 out. 2022.

COUTO, Ana Carolina Nunes do. **A dialética social da pesquisa em música**: produção do conhecimento e autonomia profissional dos músicos performers na pós-graduação brasileira. 2017. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2017.

CORREIA, Renata Coutinho de Barros. **Perspectivas recentes da pesquisa em performance pianística**: estado do conhecimento de teses e dissertações em performance musical e práticas interpretativas no Brasil (2007-2012). 2015. 291 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CORRÊA, Roberta Pires; *et al.* The perceptions of Brazilian postgraduate students about the impact of COVID-19 on their well-being and academic performance. **International Journal of Educational Research Open**, [S. l.], v. 3, p. 1-8, 2022. Disponível: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666374022000619>. Acesso em: 15 jan. 2025.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, [S. l.], v. 20, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216>. Acesso em: 05 set. 2021.

DEL BEN, Luciana. A pesquisa em Educação Musical no Brasil: breve trajetória e desafios futuros. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 7, p. 76-82, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/55986>. Acesso em: 06 mar. 2023.

DEL-BEN, Luciana. Produção científica em educação musical e seus impactos nas políticas e práticas educacionais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, n. 16, p. 57-64, mar. 2007. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/292>. Acesso em: 07 mar. 2023.

DEL-BEN, Luciana. (Para) pensar a pesquisa em educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 18, n. 24, p. 25-33, set. 2010. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/200>. Acesso em: 06 mar. 2023.

DEL-BEN, Luciana. Políticas de ciência, tecnologia e inovação no Brasil: perspectivas para a produção de conhecimento em educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 22, n. 32, p. 130-142, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/467>. Acesso em: 28 mar. 2023.

DRAPER, Paul; HARRISON, Scott. Artistic research training in music: perspectives on pedagogy, higher degrees and professional practice. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON EDUCATION AND NEW LEARNING TECHNOLOGIES, 5., 2013, Barcelona. **Proceedings...** 2013. Barcelona: IATED, 2013, n.p. Disponível em: https://research-repository.griffith.edu.au/bitstream/handle/10072/59583/87114_1.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

DRAPER, Paul; HARRISON, Scott. Through the eye of a needle: the emergence of a practice-led research doctorate in music. **British Journal of Music Education**, [S. l.], v. 28, n.1, p. 87-102, 2011. Disponível em: <https://research-repository.griffith.edu.au/handle/10072/40703>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FAGERLANDE, Aloysio Moraes Rego. A pós-graduação profissional. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 28., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus, AM: UFAM, 2018, p. 1-16. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v28/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FERNANDES, José Nunes. Pesquisa em Educação Musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos de Pós-Graduação stricto sensu brasileiros. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 14, n. 15, p. 11-26, set. 2006. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/298>. Acesso em: 07 maio 2023.

FERNANDES, José Nunes. Pesquisa em Educação Musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos de Pós-Graduação stricto sensu brasileiros (II). **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 15, n. 16, p. 95-111, mar. 2007. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/296>. Acesso em: 07 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Vanda Bellard. Pesquisa em Música e subjetividade: bases filosóficas e pressupostos. In: FREIRE, Vanda Bellard (org.). **Horizontes da Pesquisa em Música**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p. 21-24.

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de; SOUZA, Jusamara. Formação em pesquisa na pós-graduação: possibilidades e desafios a partir da orientação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 125-141, set./out. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/RdZtcxFbV9kzZ7D7GvDzrCN/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2021.

FERREIRA, Vanessa do Rêgo; OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. O Ensino de sociologia como um campo (ou subcampo) científico. **Acta Scientiarum** - Human and Social Sciences, v. 37, n. 1, p. 31-39, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/25623>. Acesso em: 15 jan. 2025.

GALÍZIA, Fernando Satanzione; LIMA, Emília Freitas. Ensino superior de música: levantamento e análise da produção veiculada na revista da ABEM (1992-2013). **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 22, n. 33, p. 77-93, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/457>. Acesso em: 31 out. 2021.

GALÍZIA, Fernando. Ensino superior e a formação do músico: docência e pesquisa. **Interlúdio**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 121-128, 2018. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/interludio/article/view/1960>. Acesso em: 03 nov. 2021.

HOFFMANN, Yohana Taise; COSTA, David Antonio da; VALLE, Ione Ribeiro. Transversalidade entre Bourdieu e Fleck: campo e produção do conhecimento científico. **Educar em revista**, Curitiba, v. 35, n. 78, p. 283-301, nov./dez. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000600283&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2025.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. **Em Pauta**, [S. l.], v. 11, n.16/17, p. 49-73, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/9378>. Acesso em: 14 ago. 2022.

KUENZER, Acacia Zeneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NCGYCZkVyFqBNwCTJnjWJ8x>. Acesso em: 29 jul. 2023.

LOPES, Arleson Eduardo Monte Palma; ALMEIDA, Oriana Trindade de. Estruturação do campo científico brasileiro, a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu. **Confluências**, Niterói, v. 26, n. 2, p. 258-278, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/issue/view/3121>. Acesso em: 20 jan. 2025.

LÜHNING, Angela. Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais. **Música em perspectiva**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 7-25, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/41501>. Acesso em: 22 dez. 2021.

LÜHNING, Angela *et al.* Atuações profissionais de egressxs do PPGMUS da UFBA. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2018, p. 1-10. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v28/>. Acesso em: 22 dez. 2021.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NUNES, Helena de Souza. Qual o papel da e-Learning no futuro da Pós-Graduação em Música brasileira? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E

PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2018, p. 1-9. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v28/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

OLIVEIRA, Amurabi; SILVA, Camila Ferreira da. Pierre Bourdieu, catedrático de sociologia no Collège de France. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/200310>. Acesso em: 16 jan. 2025.

PANEY, Andrew S. Educator Access and Application of Music. **Texas Music Education Research**, [S. l.], p. 38-47, 2011. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1102269>. Acesso em: 05 maio 2021.

PINZÓN, Juanita Hincapié *et al.* Barreiras à carreira e saúde mental de estudantes de pós-graduação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 189-201, jul./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902020000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jan. 2025.

PIRES, Andréa de Paula. Os conceitos de campo científico, *habitus* científico e capital científico na análise da formação de pesquisadores para o campo da Política Educacional. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, [S. l.], v. 7, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/19875>. Acesso em: 15 jan. 2025.

POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Sociologia).

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa em Etnomusicologia: implicações metodológicas de um trabalho de campo realizado no universo musical dos Ternos de Catopês de Montes Claros. **Em Pauta**, [S. l.], v. 16, n. 26, p. 95-120, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/7486>. Acesso em: 26 fev. 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da Etnomusicologia. **Claves**, [S. l.], n. 2, p. 87-98, nov. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/2719/2324>. Acesso em: 21 fev. 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Ética na pesquisa em Música: definições e implicações na contemporaneidade. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 27, p. 7-18, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/39715>. Acesso em: 04 mar. 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa em música no Brasil: das dimensões históricas à conjuntura atual da produção de conhecimento no país. In: MALAGUTTI, Vania; ARAÚJO FILHO, Alfeu Rodrigues de; TOFFOLO, Rael Bertarelli Gimenes (orgs.). **Ensino, aprendizagem e expressão musical: pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Música da UEM**. Curitiba: Appris, 2023. p. 11-47.

SANTIAGO, Patrícia Furst. Mapa e síntese do processo de pesquisa em performance e em pedagogia da performance musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 15, n. 17, p. 17-27, set. 2007. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/277>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTOS, Gleison Costa dos. **A formação de pesquisadores em música: concepções e vivências de mestrados dos Programas de Pós-Graduação em Música da UFRN e UFPB.** 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SANTOS, Gleison Costa dos; MENDES, Jean Joubert Freitas. O perfil de formação do pesquisador em Educação Musical: um estudo inicial. *In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM*, 13., Manaus. **Anais...** Manaus, AM: UFAM, 2017a, p. 1-14. Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v2/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTOS, Gleison Costa dos; MENDES, Jean Joubert Freitas. Da pós-graduação à formação de pesquisadores em música no Brasil: breves aspectos da contemporaneidade. *In: CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL DA ISME*, 11., Natal. **Anais...** Natal, RN: UFRN, 2017b, p. 1-12. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_isme/v1/. Acesso em: 06 out. 2022.

SANTOS, Gleison Costa dos; MENDES, Jean Joubert Freitas. Considerações sobre a formação de pesquisadores em educação musical. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 28., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2018, p. 1-9. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v28/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTOS, Gleison Costa dos; MENDES, Jean Joubert Freitas. Formação como pesquisador em música: resultados de pesquisa realizada com mestrados de dois programas de pós-graduação. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 29., 2019a, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2019, p. 1-8. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SANTOS, Gleison Costa dos; MENDES, Jean Joubert Freitas. Formação no mestrado em música: resultados de pesquisa realizada com mestrados dos programas de pós-graduação em Música da UFRN e UFPB. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 24., 2019b, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2019, p. 1-10. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v3/index.html. Acesso em: 06 out. 2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SAVIANI, Dermeval. Doutorado em educação: significado e perspectivas. **Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 7, n. 21, p. 181-197, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/4591>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SAVIANI, Dermeval. O dilema produtividade-qualidade na pós-graduação. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 17, n. 18, p. 32-49, 2010. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nuances/article/view/723>. Acesso em: 09 ago. 2023.

SCHWEIG, Grazielle Ramos; OLIVEIRA, Cláudio Márcio. A pesquisa na formação inicial de professores: diálogos com Charles Wright Mills. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo,

v. 31, p. 1-20, 2024. Disponível em; <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/16016>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pós-Graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 9, n. 26, p. 13-27, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3640>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pós-graduação, pesquisa e formação: desafios da contemporaneidade. **REP: revista espaço pedagógico**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 233-246, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/issue/view/362>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SILVA, Alberto Souza. Considerações sobre a pesquisa em ciências sociais: sociologia e literatura. **Revista Elaborar**, [S. l.], ano 1, n. 1, p. 11-28, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revistaelaborar/issue/view/65>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes ansiosas: medo e ansiedade nossos de cada dia**. 2. ed. São Paulo: Principium, 2017.

SILVA JÚNIOR, José Lima *et al.* A influência da pandemia da covid-19 na formação acadêmica e no desempenho de estudantes de pós-graduação do Brasil. **Arquivos em Odontologia**, [S. l.], v. 60, p. 111-122, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/arquiosemodontologia/article/view/49359>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SOUZA, Jusamara. A educação musical como campo científico. **Olhares e Trilhas**, [S. l.], v. 22, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharetilhas/article/view/53720>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SOUZA, Jusamara; TREJO LEÓN, Rosalía. Inserção profissional de estudantes egressos do mestrado de Programas de Pós-Graduação em Música. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2018, p. 1-10. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v28/>. Acesso em: 28 set. 2021.

TREJO LEÓN, Rosalía. A experiência em pesquisa no mestrado em educação musical: um estudo com egressos de programas de pós-graduação em música do Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 4., 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2016, p. 1-9. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/5706>. Acesso em: 06 maio 2021.

TREJO LEÓN, Rosalía. **Educação Musical e formação em pesquisa no Mestrado: um estudo com egressos de Programas de Pós-Graduação em Música no Brasil**. 2017. 247 f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TOMÁS, Lia. **A pesquisa acadêmica na área de Música: um estado da arte (1988-2013)**. Porto Alegre: ANPPOM, 2015. (Série Pesquisa em Música no Brasil, 4).

TOMÁS, Lia. **Leituras de Brasil nas pesquisas acadêmicas na área de música**. Pelotas, RS: ANPPOM, 2020. (Série Pesquisa em Música no Brasil, 8).

VOLPATO, Gildo. Campo Científico, Conhecimento e Relações de poder na Universidade: uma revisão a partir do pensamento relacional de Pierre Bourdieu. **Revista Contrapontos**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 365-381, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/issue/view/522>. Acesso em: 20 jan. 2025.

WÖLLNER, Clemens; GINSBORG, Jane; WILLIAMON, Aaron. Music researchers' musical engagement. **Psychology of Music**, [S. l.], v. 39, n. 3, p. 364-382, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0305735610381592>. Acesso em: 14 jul. 2021.

APÊNDICE A — EMAIL ENCAMINHADO AOS(ÀS) DOUTORANDOS(AS)

Caros(as) doutorandos(as), boa tarde. Meu nome é Gleison Costa e sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGMUS/UFPB). Venho desenvolvendo minha tese de doutorado com o seguinte título: Formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música do NE: estratégias, diretrizes e características a partir do cenário da ciência, tecnologia e inovação. O objetivo geral da pesquisa é “compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) em música nos cursos de doutorado do NE, a partir das perspectivas dos(as) discentes, das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com o cenário mais amplo da ciência, tecnologia e inovação no país”.

Na presente etapa do estudo (entrevista semiestruturada), estou levantando os nomes dos(as) possíveis colaboradores(as) desta pesquisa. Participarão deste estudo estudantes de doutorado com as seguintes características: 1) realizar pesquisa de doutorado nas áreas de concentração de educação musical, etnomusicologia, musicologia, performance/práticas interpretativas/execução ou composição musical; 2) ter concluído a etapa de qualificação de tese de doutorado.

Caso você se enquadre nessas características e tenha interesse em participar desta pesquisa, peço que entre em contato através do e-mail gleison.santos@xxxx.edu.br e/ou telefone (84) 99913-XX até o dia 15/12/2023, informando a sua área de concentração/linha de pesquisa.

Obs.: esclareço que seus e-mails foram coletados a partir de contato formalizado com as coordenações dos programas, considerando o parecer de aprovação de meu projeto de pesquisa, do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB, de número CAEE 74148523.9.0000.5188.

APÊNDICE B — ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

Formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música do NE: estratégias, diretrizes e características a partir do cenário da ciência, tecnologia e inovação

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista gravada em ____/____/____ através de gravação em áudio por telefone celular

Objetivo da pesquisa: _____

- 1) Para você, o que é ser pesquisador(a) em música?
- 2) Como você expressa sua experiência formativa no curso de doutorado?
- 3) Quanto o curso de doutorado contribui para sua formação como pesquisador(a)?
- 4) Na sua opinião, quais elementos são essenciais para a aprendizagem da pesquisa em música?
- 5) Como acontece o processo de realização de pesquisa em música desenvolvido por você?
(Considerando a ida ao campo, a escrita, a leitura, processo de orientação, qualificação e preparação para a defesa)
- 6) Como você organiza seu processo de investigação científica em música?

- 7) Como você articula os conhecimentos que aprende/aprendeu sobre investigação científica na aplicação e realização de sua pesquisa?
- 8) Na sua concepção, quais estratégias de formação de pesquisadores(as) têm sido desenvolvidas pelos cursos de doutorado em música no NE?
- 9) Na sua visão, de que forma as estratégias de formação de pesquisadores(as) desenvolvidas pelo curso se articulam com as políticas mais amplas de formação de pesquisadores(as) no cenário da ciência, tecnologia e inovação no país?
- 10) Gostaria de acrescentar alguma outra informação (algum comentário, sugestão, um dado histórico importante, sobre sua formação e trajetória no curso, etc)?

APÊNDICE C — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO(TCLE)

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA**,

Os pesquisadores (Aluno e Orientadora) Gleison Costa dos Santos e Cristiane Maria Galdino de Almeida convidam você a participar da pesquisa intitulada “Formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música do NE: estratégias, diretrizes e características a partir do cenário da ciência, tecnologia e inovação”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Objetivos da pesquisa

Objetivo Geral

- Compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) em música nos cursos de doutorado do NE, a partir das perspectivas dos(as) discentes, das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com o cenário mais amplo da ciência, tecnologia e inovação no país.

Objetivos específicos

- Compreender o processo de realização de pesquisa em música desenvolvidas pelos(as) doutorandos(as), considerando o processo de ida ao campo, de escrita, leitura, orientação, qualificação e defesa;
- Identificar quais elementos, na perspectiva dos(as) discentes, são essenciais para a aprendizagem da pesquisa em música;
- Compreender como os(as) doutorandos(as) organizam o processo de investigação científica em música;
- Compreender como os(as) discentes articulam os conhecimentos que aprendem sobre investigação científica na aplicação de suas pesquisas;
- Identificar quais as estratégias de formação de pesquisadores(as) têm sido desenvolvidas pelos cursos de doutorado em música no NE;
- Verificar de que forma as estratégias de formação de pesquisadores(as) desenvolvidas pelos cursos se articulam com as políticas mais amplas de formação de pesquisadores(as) no cenário da ciência, tecnologia e inovação no país.

Metodologia

A proposta de análise dos dados prevê a categorização construída a partir de Entrevista Semiestruturada, com a articulação da produção da literatura da área e áreas afins sobre a formação do(a) pesquisador(a), de modo a possibilitar o cruzamento dos dados, a detecção dos temas, conceitos e tópicos propostos nos objetivos geral e específicos. Nesse sentido, a análise de dados contemplará a Análise de Conteúdo (AC) para o entendimento da fala dos(as)

pesquisados(as), bem como da análise dos textos obtidos a partir de pesquisa bibliográfica, possibilitando, assim, a construção do corpus a ser analisado.

Riscos ao(à) Participante da Pesquisa

Durante a realização das entrevistas semiestruturadas, é possível que existam potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper a entrevista a qualquer momento antes de concluir a pesquisa, sendo interrompido também mediante constatação, por meio do pesquisador, de qualquer dano aos participantes da pesquisa.

Benefícios ao(à) Participante da Pesquisa

A partir desta pesquisa, poderemos, nesse sentido, vislumbrar avanços no que diz respeito à esfera da pós-graduação stricto sensu, sobretudo em cursos de doutorado – foco deste trabalho, evidenciando a importância da produção de conhecimento como uma forma de avanço para a ciência, tecnologia e inovação.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa

Gleison Costa dos Santos (Responsável Principal pela Pesquisa)

Vínculo institucional: Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da

Paraíba E-mail: gleison_XXXXX@hotmail.com

Telefone de contato: (84) 99913-XXXX

Endereço e Informações de Contato do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPB

Programa de Pós-Graduação em Música - PPGM

Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba Campus I –

Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB Telefone: +55 (83) 3216-7005

E-mail: ppgm@ccta.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 16h30.

Homepage: <https://www.ccta.ufpb.br/ppgm>

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba Campus I –
Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma via deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinado pelo Pesquisador Responsável.

_____, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

ANEXO A — ANUÊNCIA DA UFPB

12/07/2022 10:10

https://sipac.ufpb.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2438315

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

DECLARAÇÃO Nº 41 / 2022 - PPGM (11.01.54.21)

Nº do Protocolo: 23074.062148/2022-71

João Pessoa-PB, 11 de Julho de 2022

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada "Formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música do NE: estratégias, diretrizes e características a partir do cenário da ciência, tecnologia e inovação" a ser desenvolvida pelo discente de doutorado **GLEISON COSTA DOS SANTOS**, do Programa de Pós Graduação em Música do Centro De Comunicação, Turismo e Artes, da universidade Federal da Paraíba sob orientação da Profª Drª CRISTIANE MARIA GALDINO DE ALMEIDA, cuja uma das etapas da referida pesquisa é fazer coleta de dados junto aos Doutorandos com matrícula ativa no PPGM/CCTA/UFPB, a depender de participação voluntária de todos os envolvidos na na pesquisa de campo que, na ocasião, assinarão termos de consentimento para sua participação na pesquisa.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o mesmo a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o pesquisador deverá apresentar a esta Coordenação o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao sistema CEP/CONEP.

Atenciosamente,

(Assinado digitalmente em 11/07/2022 20:23)

VALÉRIO FIEL DA COSTA
COORDENADOR DE CURSO
Matricula: 1799229

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **41**, ano: **2022**, documento(espécie): **DECLARAÇÃO**, data de emissão: **11/07/2022** e o código de verificação: **6d86971f8b**

ANEXO B — ANUÊNCIA DA UFBA

Universidade Federal da Bahia
Escola de Música
Programa de Pós-Graduação em Música



DECLARAÇÃO


Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada "Formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música do NE: estratégias, diretrizes e características a partir do cenário da ciência, tecnologia e inovação" a ser desenvolvida pelo discente de doutorado GLEISON COSTA DOS SANTOS, do Programa de Pós Graduação em Música do Centro De Comunicação, Turismo e Artes, da universidade Federal da Paraíba sob orientação da Profa Dra CRISTIANE MARIA GALDINO DE ALMEIDA, cuja uma das etapas da referida pesquisa é fazer coleta de dados junto aos Doutorandos com matrícula ativa no PPGMUS/UFBA, a depender de participação voluntária de todos os envolvidos na pesquisa de campo que, na ocasião, assinarão termos de consentimento para sua participação na pesquisa.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o mesmo a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o pesquisador deverá apresentar a esta Coordenação o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao sistema CEP/CONEP.

Salvador, 04 de julho de 2022

ALEXANDRE MASCARENHAS ESPINHEIRA
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Música
Escola de Música - UFBA



Alexandre Espinheira
Coordenador
do PPGMUS -UFBA

Rua Basílio da Gama, S/N - Canela, Salvador - BA, 40160-060

E-mail: ppgmus@ufba.br

Tel: +55 71 3283-7904

www.ppgmus.ufba.br/

ANEXO C — PARECER CONSUBSTANCIADO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Formação de pesquisadores(as) em cursos de doutorado em música do NE: estratégias, diretrizes e características a partir do cenário da ciência, tecnologia e inovação

Pesquisador: GLEISON COSTA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 74148523.9.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Comunicação, Turismo e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.460.522

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um protocolo de pesquisa que tem como origem o Programa de Pós-Graduação em Música, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba.

O presente estudo será realizado através de uma pesquisa com Abordagem qualitativa, com utilização do método "estudo de caso" e realização de entrevista semiestruturada.

A abordagem de pesquisa escolhida para este estudo é a qualitativa, por entender que tal perspectiva poderá dar um panorama e uma compreensão mais profunda do fenômeno em questão: formação de pesquisadores(as) em música. Por essa razão, não é objetivo provar alguma perspectiva, mas, sim, compreender o que está por trás do fenômeno. Os participantes deste estudo serão os(as) discentes dos cursos de doutorado acadêmico dos programas de pós-graduação em música do Nordeste. O método escolhido é o estudo de caso, tendo como instrumento de construção de dados a entrevista semiestruturada.

Hipótese:

Não se aplica.

Critério de Inclusão:

Alunos do curso de doutorado em música das instituições escolhidas como cenário da pesquisa.

Critério de Exclusão:

Alunos do curso de doutorado em música das instituições escolhidas como cenário da pesquisa

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.460.522

que se recusarem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Objetivo da Pesquisa:

Compreender como tem se dado o processo de formação de pesquisadores(as) em música nos cursos de doutorado do NE, a partir das perspectivas dos(as) discentes, das diretrizes e proposições dos cursos e dos diálogos da área com o cenário mais amplo da ciência, tecnologia e inovação no país.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Durante a realização das entrevistas semiestruturadas, é possível que existam potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper a entrevista a qualquer momento antes de concluir a pesquisa, sendo interrompido também mediante constatação, por meio do pesquisador, de qualquer dano aos participantes da pesquisa.

Benefícios:

A partir desta pesquisa, poderemos, nesse sentido, vislumbrar avanços no que diz respeito à esfera da pós-graduação stricto sensu, sobretudo em cursos de doutorado – foco deste trabalho, evidenciando a importância da produção de conhecimento como uma forma de avanço para a ciência, tecnologia e inovação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Em consonância com os objetivos, referencial teórico, metodologia e referências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta a documentação de praxe.

Recomendações:

Divulgação de resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.460.522

Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2207332.pdf	11/09/2023 17:06:25		Aceito
Outros	8_ROTUIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	11/09/2023 17:04:55	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TCLE.pdf	11/09/2023 17:03:46	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Orçamento	6_PREVIAO_ORCAMENTARIA.pdf	11/09/2023 17:03:20	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	5_CRONOGRAMA_DE_ATIVIDADES.pdf	11/09/2023 16:58:45	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	4_PROJETO_DETALHADO.pdf	11/09/2023 16:58:14	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Outros	3_2_ANUENCIA_UFBA.pdf	11/09/2023 16:58:00	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Outros	3_1_ANUENCIA_UFPB.pdf	11/09/2023 16:57:06	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Outros	2_CERTIDAO_DE_APROVACAO_DO_PROJETO.pdf	11/09/2023 16:55:58	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	1_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	11/09/2023 16:51:12	GLEISON COSTA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 26 de Outubro de 2023

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br